

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
WALDO VIEIRA

ANTOLOGIA
DOS
IMORTAIS



Francisco C. Xavier

VOLTA BOCAGE...

(2ª edição)

Bocage, considerado pelos poetas e críticos como o príncipe dos sonetistas da Língua portuguesa; Bocage, o gênio cujo nome os despeitados procuraram atasalhar, — nos apresenta agora, em Espírito e pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, uma série de verdadeiras obras-primas, cheias de espiritualidade, encantamento e doçura.

Prefaciado e comentado pelo Prof. Dr. Porto Carreiro Neto, é livro realmente digno de ser lido, relido e perlido.

Sua primeira edição recebeu justos e merecidos elogios, e esta, a segunda, revista e ampliada, tem conquistado novos e ardentes admiradores.

Francisco C. Xavier

FALANDO À TERRA

(2ª edição)

Um grupo de 40 "mortos" ilustres cruzam as fronteiras do Além e, através de vibrantes páginas psicografadas por Francisco Cândido Xavier, vêm transmitir-nos suas impressões, no estilo próprio de cada um, muitos a lembrar-nos sua passagem pela face planetária.

Encontramos nesta obra vultos nacionais como Rui Barbosa, Miguel Couto, Murinho, o Cardeal Arcoverde, o Marquês de Maricá, Medeiros e Albuquerque, e outros, além de velhos companheiros de Doutrina, como Viana de Carvalho, Inácio Bittencourt, Teles de Menezes, Anália Franco, etc.

Francisco Cândido Xavier
Waldo Vieira



ANTOLOGIA DOS IMORTAIS

POETAS DIVERSOS



Organização, Prefácio e Notas de

Elias Barbosa

Retratos de MESSIAS

Capa de JO



— 1ª edição —

10.000 exemplares



FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)

Rua Figueira de Melo, 410 e Avenida Passos, 30
RIO DE JANEIRO, Gb — ZC - 08

ÍNDICE GERAL

	<i>Págs.</i>
Algumas das abreviaturas que constam nesta obra	6
Índice Alfabético dos Poetas (com suas respectivas produções)	7
Índice Alfabético das Poesias	17
Prefácio	19
Parte I (Médium: Francisco Cândido Xavier)	29
Parte II (Médium: Waldo Vieira)	115
Parte III (Médiuns: Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira)	259
Posfácio	331
Francisco Cândido Xavier (Traços biobibliográficos)	333
Waldo Vieira (Traços biobibliográficos)	335
Índice Onomástico e Bibliográfico	337

Composto e impresso
nas oficinas da
— FEDERAÇÃO —

218-RB; 10.022-L; 1963

ALGUMAS DAS ABREVIATURAS QUE CONSTAM
NESTA OBRA

- Ant. Poetas Paul.* : "Antologia de Poetas Paulistas", de Arsênio Pálacios e M. J. Silva.
Ap. (*Apud*) : em, junto a, segundo.
Cf. : confira, confronte.
Col. Poetas Sul-Riogr. : "Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses", de A. Carlos Machado.
Dic. Aut. Paulistas : "Dicionário de Autores Paulistas", de L. Correia de Melo.
E. de M., o Últ. Boêm. : "Emílio de Menezes, o Último Boêmio", de Raimundo de Menezes.
Ib. ou *Ibid.* (*Ibidem*) : no mesmo lugar, aí mesmo.
Id. (*Idem*) : o mesmo, também, igualmente, a mesma coisa.
In : em.
L. : "Lições de Português", de Sousa da Silveira.
Lit. no Brasil (A) : "A Literatura no Brasil", de Afrânio Peixoto.
N. Cl. : "Nossos Clássicos", coleção de muitos volumes, de vários autores, publicados pela Livraria Agir Editora.
Obs. : Observação.
Op. cit. (*Opus citatum*) : obra citada.
Os Mais... : "Os mais belos sonetos brasileiros", de Edgard Rezende.
Pan. : "Panorama da Poesia Brasileira", de Edgard Cavalheiro (II); de P. E. da Silva Ramos (III); Fernando Góes (IV e V); Mário da Silva Brito (VI).
Pan. Mov. Simb. Bras. : "Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro", de A. Muricy.
Poes. : "Poesias", de Olavo Bilac.
Poes. Compl. : "Poesias Completas", de Castro Alves.
Poetas... : "Poetas da Academia Pernambucana de Letras", organizada por Mariano Lemos.
Rot. : "Roteiro Literário do Brasil e de Portugal", de Álvaro Lins e A. B. de Hollanda.
s. d. : sem data.

NOTA: Encontram-se no "Índice Onomástico e Bibliográfico" as indicações completas das obras acima citadas.

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS POETAS (*)
(Com suas respectivas produções)

ABREU, Rodrigues de (I)	
Ela	52
Ouro	54
Renascimento	55
ALBANO, José (II)	
Guerra e Paz	189
ALMEIDA, Moacir de (II)	
Muito Além	199
ALVES, Castro (II)	
Na Era do Espírito	117
AMÁLIA, Narcisa (III)	
Boneca — 1 —	289
Nosso Filho — 2 —	290
Lei de Amor — 3 —	291
ANJOS, Augusto dos (III)	
Divino Sol — 1 —	284
Obsessão — 2 —	286
Na Hora da Morte — 3 —	286
Morte Húmida — 4 —	287
Caim — 5 —	288
ANÔNIMO (II)	
Aqui e Aí	197
ARANHA, Carvalho (II)	
A Procura da Ideia Original	207
ARAÚJO, Paulo (II)	
Sombra e Luz	178

(*) O algarismo romano colocado entre parêntesis indica a parte da obra em que o poeta foi incluído.

	<i>Págs.</i>
BARRETO, Lívio (II)	
Página de Amor	136
Espera, Espera... ..	137
BARRETO, Tobias (II)	
Deus e a Humanidade	129
Arma Onipotente	130
BRANCO, A. (I)	
Diante da Vida	40
BRANDÃO, Virgílio (II)	
Trovas	229
BRAZIL, Zeferino (II)	
Aparição	227
BRÍGIDO, Leopoldo (II)	
Alvorada	240
BULHÕES, Félix de (II)	
Painel do Umbral	126
Carma	127
CÂMARA, Adelaide (II)	
Entende a Jesus	234
CARVALHO, Costa (I)	
Redenção	68
CARVALHO, Silveira (II)	
Vida — Hoje	244
Excesso — Sobriedade — Prece	245
CARVALHO JÚNIOR (I)	
A Sublime Sentença	31
CASSES, Guterres (II)	
Tarde demais	236
CASTRO, Galdino de (I)	
Na Jaula da Carne	78
Obsessor	79
CELESTE, Maria (I)	
Oração das Meninas	45
CELSO, Afonso (II)	
Esplendores	219
CLOTILDE, Francisca (III)	
Conto de Natal — 1 —	299

	<i>Págs.</i>
A Primeira Pedra — 2 —	302
Canção do Tempo — 3 —	303
Canta, Coração... — 3-A —	305
CORREIA, Raimundo (II)	
Bagatela	169
CORTINES, Júlia (I)	
Colombina	104
Romance	105
COSTA, Arlindo (I)	
Apelo ao Viajor	57
COSTA, Ciro (II)	
Fascinação	215
COSTA, Lobo da (I)	
Lágrimas	35
CUNHA, Casimiro (III)	
A Vitória — 1 —	276
Bocados — 2 —	278
Simplifica — 3 —	279
Fatias — 4 —	281
Filosofando — 5 —	282
CUNHA, Felícia (I)	
Vozes	37
CUNHA, Renato da (II)	
Perto e Longe	154
DELFINO, Luís (II)	
Hospital	163
DEUS, Gastão de (I)	
Agapantos	43
DEUS, João de (II)	
Exortação	138
Cântico Fraternal	140
Três Estrelas	141
DURVAL, Ciridião (II)	
Sempre	134
ERASMO JÚNIOR (II)	
Luxo e Lixo	232
FALCÃO, Américo (I)	
Quadras	80

	<i>Págs.</i>
Acendalhas	81
Histórias em Quadrinhas	84
FARIA, Alves de (II)	
Soneto	146
FERNANDES, Carlos D. (I)	
Ternura Maternal	86
FIGUEREDO, Araújo (II)	
Tempo e Morte	205
FONTOURA, Adelino (I)	
Jornada	33
FURTADO, Antônio (I)	
Infância	72
GONÇALVES, Jésus (I)	
Reencarnação	100
GUEDES, José (III)	
Filho que não nasceu — 1 —	307
Ir e Vir — 2 —	307
Lamento Paterno — 3 —	308
GUIMARÃES JÚNIOR, Luís (II)	
Pastoral	143
Matinada	144
HORTA, José Silvério (I)	
Prece	66
JÁCOME, Gonçalo (I)	
Rogativa Paternal	89
JÚLIA, Francisca (II)	
Adeus	185
KEMP, Emílio (I)	
Além-Túmulo	113
LEITE JÚNIOR (I)	
Versos a meu Corpo	59
LIMA, Jorge de (II)	
Ah! se eu pudesse	255
Ascese	257
LOBATO, Silva (I)	
Último Instante	61

	<i>Págs.</i>
LOPES, B. (II)	
Nada	174
Lição	175
LOPES, Oscar (II)	
Serenidade	221
MACHADO, Paulo (I)	
Confidência	70
MAGALHÃES, Valentim (III)	
Expição — 1 —	271
Pênfigo — 2 —	272
Culpa e Resgate — 3 —	273
Para a Glória do Cristo! — 4 —	274
Duas Vidas — 5 —	274
Doce Paralítica — 6 —	275
MANGABEIRA, F. (II)	
Adeuses de Saudade	158
MARTINS, Ismael (II)	
Glorificação	202
Glória do Mundo	203
MARTINS JÚNIOR (II)	
<i>Filii Dei</i>	161
MELO, Lafayette (II)	
Carma	251
Anjos e Feras	252
Espírita!	253
Expição	253
O Preço da Falta	254
MENDES, Cunha (II)	
Asas	211
MENEZES, Castro (I)	
Desencarnação	46
MENEZES, Emílio de (II)	
Recado	176
Ricos, Ouvi!	177
MONTENEGRO, Fábio (II)	
Museu do Umbral	182
Nem Tudo é Silêncio	183

	<i>Págs.</i>
MORAIS, Durval de (II)	
Ideia	246
Conversão	247
NEVES, F. (I)	
Retorno	71
NORA, Alfredo (I)	
Desobsessão	109
Missiva ao Companheiro	110
OLIVEIRA, Andradina de (III)	
Confidência de Mãe — 1 —	296
Solução Maternal — 2 —	297
Brandura — 2-A —	298
ORNELLAS, Amaral (I)	
Servir	48
Ouve	49
PACHECO, Félix (II)	
Além da Noite	213
PAIS, Osório (II)	
O Lema da Vida	249
PAIVA, Galba de (II)	
Desertor	217
PALÁCIOS, Arsênio (I)	
Artista	63
PAROLA, Lulu (II)	
Confissão	223
Teatro	224
PATO, Bulhão (II)	
Epístola do Além	171
PEDERNEIRAS, Mário (I)	
Escuta, Coração	41
PERO NETO, Caetano (I)	
O Espírito	74
Eu Só	76
PINTO, Irene S. (I)	
Natal	92
Esse Pequeno	94
Não julgues	95
Perdoa	96

	<i>Págs.</i>
Desculpa	97
Deus te abençoe	98
PIRES, Cornélio (III)	
Velho João — 1 —	325
Mãe Balbina — 2 —	326
Maria Doida — 3 —	327
Nhá Chica — 4 —	327
História de Dona Amélia — 5 —	328
Sinhá Teodora — 6 —	329
"Ti" Pedro — 7 —	329
O D. Juan — 8 —	330
PIZA, Moacir (II)	
Morto-Vivo	195
QUAGLIO, Virgílio (II)	
Musa Inspiradora	238
QUEIROZ, Wenceslau de (II)	
Quando Jesus pregava	187
QUENTAL, Antero de (II)	
A Lâmpada e a Chama	132
RABELO, Pedro (I)	
Recomeço	38
RAGAZZI, Artur (III)	
Soneto — 1 —	315
Ao Viajor da Vida — 2 —	316
RAMOS, Silva (III)	
Usurário — 1 —	292
Sob os Ventos da Noite — 2 —	293
Dom Gil Mendonça — 3 —	294
Instantâneo nas Trevas — 4 —	294
ROSAS, Oscar (I)	
Libertação	50
SABINO, Inês (II)	
No Dia dos Finados	167
SALES, Artur de (III)	
História do Amor — 1 —	322
História do Destino — 2 —	323
SALUSSE, Júlio (I)	
Hora Extrema	102

	<i>Págs.</i>
SANTOS, Quirino dos (II)	
Faisca de Aurora	124
SAVARD, Eugênio (II)	
Sim!... ..	148
Depois da Tormenta	149
Coração	150
SEABRA, Bruno (II)	
Primaveras da Amplidão	121
SEIXAS, Basílio (II)	
Dilema	156
SÉRGIO, Paulo (I)	
Carta a meu Pai	111
SILVA, Da Costa e (III)	
Ressurreição — 1 —	318
Reencarnação — 2 —	319
Versos a minha Mãe — 3 —	320
O Berço — 3-A —	321
SILVA, Pereira da (III)	
Última Hora — 1 —	312
Último Dia — 2 —	313
SOUZA, Auta de (III)	
Estrelas — 1 —	266
Aos Caravaneiros do Bem — 2 —	267
Entrevista — 3 —	268
Compaixão — 4 —	268
Trabalha Agora — 5 —	269
Divide — 5-A —	270
SOUZA, Cruz e (III)	
Alma do Amor — 1 —	261
Corpo — 2 —	262
Sob a Noite — 3 —	263
Escalada — 4 —	264
Além do Azul — 4-A —	265
SOUZA, Leal de (I)	
Morte e Reencarnação	107
TEIXEIRA, Orlando (II)	
Além da Terra	152
TOTTA, Mário (II)	
Psicometria	242

	<i>Págs.</i>
UM AMIGO (I)	
Regresso	91
VELHO, Pedro (II)	
Ao Toque do Amor	180
VELOSO, Dario (III)	
Deus — 1 —	309
Homem — 2 —	310
VIEIRA, Damasceno (II)	
Avante!	165
VÍTOR, Nestor (II)	
Eutanásia	209
WAMOSY, Alceu (II)	
A ti que me ouves	192
Agora	193
Antevisão	194

ÍNDICE ALFABÉTICO DAS POESIAS

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
Acendalhas	81	Conto do Natal	299
Adeus	185	Conversão	247
Adeuses de Saudade	158	Coração	150
Agapantos	43	Corpo	262
Agora	193	Culpa e Resgate	273
Ah! se eu pudesse	255	Depois da Tormenta	149
Além da Noite	213	Desculpa	97
Além da Terra	152	Desencarnação	46
Além do Azul	265	Desertor	217
Além-Túmulo	113	Desobsessão	109
Alma do Amor	261	Deus	309
Alvorada	240	Deus e a Humanidade	129
Anjos e Feras	252	Deus te abençoe	98
Antevisão	194	Diante da Vida	40
À procura da Ideia Original	207	Dilema	156
A ti que me ouves	192	Divide	270
Ao Toque do Amor	180	Divino Sol	284
Ao Viajor da Vida	316	Doce Parálitica	275
Aos Caravaneiros do Bem	267	Dom Gil Mendonça	294
Aparição	227	D. Juan (O)	330
Apelo ao Viajor	57	Duas Vidas	274
Aqui e Af	197	Ela	52
Arma Onipotente	130	Entende a Jesus	234
Artista	63	Entrevista	268
Asas	211	Epístola do Além	171
Ascese	257	Escalada	264
Avante!	165	Escuta, Coração	41
Bagatela	169	Espera, espera... ..	137
Berço (O)	321	Espírita!	253
Bocados	278	Espírito (O)	74
Boneca	289	Esplendores	219
Brandura	298	Esse Pequeno... ..	94
Caim	288	Estrelas	266
Canção do Tempo	303	Eu Só	76
Canta, Coração... ..	305	Eutanásia	209
Cântico Fraternal	140	Exortação	138
Carma	127	Expição	253
Carma	251	Expição	271
Carta a Meu Pai	111	Faixa de Aurora	124
Colombina	104	Fascinação	215
Compaixão	268	Fatias	281
Confidência	70	Filho que não nasceu	307
Confidência de Mãe	296	<i>Filii Dei</i>	161
Confissão	223	Filosofando	282

Glória do Mundo	203	Perdoa	96
Glorificação	202	Perto e Longe	154
Guerra e Paz	189	Prece	66
História de Dona Amélia	328	Preço da Falta (O)	254
História do Amor	322	Primaveras da Amplidão	121
História do Destino	323	Primeira Pedra (A)	302
Histórias em Quadrinhas	84	Psicometria	242
Homem	310	Quadras	80
Hora Extrema	102	Quando Jesus pregava	187
Hospital	163	Recado	176
Ideia	246	Recomeço	38
Infância	72	Redenção	68
Instantâneo nas Trevas	294	Reencarnação	100
Ir e Vir	307	Reencarnação	319
Jornada	33	Retorno	91
Lágrimas	35	Renascimento	55
Lamento Paterno	308	Ressurreição	318
Lâmpada e a Chama (A)	132	Retorno	71
Lei de Amor	291	Ricos, ouvi!	177
Lema da Vida (O)	249	Rogativa Paternal	89
Libertação	50	Romance	105
Lição	175	Sempre	134
Luxo e Lixo	232	Serenidade	221
Mãe Balbina	326	Servir	48
Maria Doida	327	Sim!	148
Matinada	144	Simplifica	279
Missiva ao Companheiro	110	Sinhá Teodora	329
Morte e Reencarnação	107	Sob a Noite	263
Morte Húmida	287	Sob os Ventos da Noite	293
Morto-Vivo	195	Soluço Maternal	297
Muito Além	199	Sombra e Luz	178
Musa Inspiradora	238	Soneto	146
Museu do Umbral	182	Soneto	315
Na Era do Espírito	117	Sublime Sentença (A)	31
Na Hora da Morte	286	Tarde demais	236
Na Jaula da Carne	78	Teatro	224
Nada	174	Tempo e Morte	205
Não Julgues	95	Ternura Maternal (I, II)	86 a 88
Natal	92	"Ti" Pedro	329
Nem tudo é Silêncio	183	Trabalha Agora	269
Nhá Chica	327	Três Estrelas	141
No Dia de Finados	167	Trovas	229
Nosso Filho	290	Última Hora	312
Obsessão	286	Último Dia	313
Obsessor	79	Último Instante	61
Oração das Meninas	45	Usurário	292
Ouro	54	Velho João	325
Ouve	49	Versos a meu Corpo	59
Página de Amor	136	Versos a minha Mãe	320
Painel do Umbral	126	Vida — Hoje — Excesso — So-	
Para a Glória do Cristo!	274	briedade — Prece	244 e 245
Pastoral	143	Vitória (A)	276
Pênfigo	272	Vozes	37

Prefácio

Estultícia de nossa parte — e o afirmamos sem pruridos de modéstia — a pretensão de prefaciá-la e anotar uma obra mediúnica das proporções desta, em que poetas das principais correntes literárias, desde a romântica à modernista, de duas literaturas — a Brasileira e a Portuguesa —, inclusive poetas folcloristas, deixaram estereotipados a força viva e o carisma inconfundível de seus estilos.

Natural, porém, que todo livro de constituição nova exija explicação, perfunctória que seja, de sua origem e finalidade, e, à vista disso, aqui nos encontramos, fiel ao compromisso assumido com os autores espirituais, no sentido de estudar todas as composições poéticas desta **Antologia**, alinhando nótulas biobibliográficas e traçando leves observações sobre a técnica poética de determinados aedos, além de ligeiros comentários de fundo espírita, visando a clarear afirmações e situações para os leitores menos afeitos ao trato doutrinal.

Antes de tudo, é imperioso dizer que o título da obra — **Antologia dos Imortais** — foi sugerido aos médiuns por um amigo da Espiritualidade, conquanto não guarde qualquer relação com a imortalidade acadêmica, laureada na Terra, para simplesmente vincular-se àquela outra imortalidade de que nos fala Pascal em seu livro «Pensées» (1) — a perenidade do Espírito que nunca morre —, através da presença de amigos desencarnados, que atravessaram as cinzas do túmulo e continuam vivos, senhores dos próprios destinos.

Tratando-se de obra eminentemente mediúnica, **Antologia dos Imortais** destina-se, de modo particular, aos que se afeiçoaram ao conteúdo poético da vida. Por isso mesmo, é justo que o leitor se prepare para encontrar, de permeio com autênticas obras-primas, poesias menos belas, quer quanto à forma, quer quanto ao fundo, de vez que não há poeta que viva sempre em momentos sublimes. Todos eles no mundo experimentaram dificuldades e angústias, inibições e frustrações de estaca-zero e

(1) "A imortalidade da alma é uma coisa que nos interessa tanto, que nos toca tão profundamente, que seria preciso ter perdido todo o sentimento para deixar-se ficar indiferente, sem saber o que há a respeito." (Pascal, *Pensamentos*, trad. de Sérgio Milliet, Difusão Europeia do Livro, S. Paulo, 1957, pág. 95.)

não seria lícito esperar que, desencarnados, comparecessem, entre nós, invariavelmente no apogeu da cultura e da emoção, segundo os cânones e as regras estabelecidas pela crítica humana. Forçoso igualmente considerar que o médium não pode ser responsável pelos hiatos, lacunas, oclusões e omissões por parte dos poetas desencarnados comunicantes, compreensivelmente muito mais ocupados e interessados na eliminação dos conflitos íntimos, ante a grandeza da vida, que se lhes descerra além do túmulo, que atentos à observação e à análise da opinião pública terrestre. Em face disso, encontramos comunicantes maiores ou menores, superiores e inferiores, eminentes e anônimos, conhecidos e menos conhecidos na série dos que espiritualmente comparecem, através das faculdades medianímicas, manifestando as opiniões e emoções de que se fazem mensageiros e intérpretes.

Aos que porventura discordarem da inclusão de poetas tidos por secundários ou obscuros, lembramos o que escreveu Andrade Muricy (2): «Pode um dragão possuir cauda de réptil e entretanto ser dotado de possantes asas de marsupial... Um autor secundário apresenta muita vez aspectos grandemente reveladores.»

Um ponto, contudo, deve ficar claro: é que todos os poetas, quase sem exceção, buscaram ater-se, neste livro, à confirmação do continuísmo da vida após a morte do corpo físico e aos consoladores ensinamentos da Doutrina Espírita, acentuando-se que vários deles chegaram a se especializar em determinados assuntos doutrinários, quais sejam a exposição da Lei de Causa e Efeito, as narrativas das regiões inferiores do Espaço, a posição espiritual dos que atravessam as faixas da morte, a experiência do processo liberatório, as consequências do suicídio, a importância do amparo ao coração infantil, o quadro de responsabilidades dos pais terrestres, etc., etc. Tal preocupação, quer-nos parecer, não existia, num sentido total, no **Parnaso de Além-Túmulo** (3).

Os aedos no intercâmbio de ontem tinham como que a obrigação formal de evidenciar a própria personalidade, atreitos às idiosincrasias que os singularizavam, para, ao que supomos, serem reconhecidos pelos críticos literários.

Nesta obra, prosseguem na construção espiritual em que se empenharam, mas oferecendo a ideia de que se irmanaram no propósito de revelar os objetivos superiores do Espiritismo. Quanto à fidelidade estilística, terá o leitor oportunidade de reconhecê-la por si, acrescentando-se que, em vários casos, procuramos demonstrá-la por notas de rodapé, mobilizando transcrições de pequeninos trechos dos autores, quando entre os homens.

(2) *Andrade Muricy* — “Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro”, Vol. I, Departamento da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1952, pág. 13.

(3) Obra mediúnica psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, publicada pela Editora da FEB, e cuja primeira edição foi lançada precisamente em 1932.

E' assim que Da Costa e Silva, o poeta da saudade, que ontem se embevecia e cantava:

*Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.*

volta, hoje, a enternecer-se no soneto «Ressurreição»:

*Ressurreição! A madrugada flórea!...
O céu brilhando, em mágica oferenda...
Estranho à nova luz que se desvenda,
Vejo as telas antigas da memória.*

.....
*Fulge o carro da vida renascente,
Mas volto à sombra e choro a dor pungente
Da saudade sem fim de minha terra!...*

Nos demais sonetos, o poeta continua preso à paisagem que o sensibilizava, recordando o coração materno que lhe ofertou aconchego.

Augusto dos Anjos, o poeta da Morte, dentro de peculiaridades inimitáveis, examina temas espíritas, por exemplo, a «Obsessão», que nomeia como sendo

A hidra de sentimentos fesceninos,

e a desencarnação, assunto que explana brilhantemente no soneto «Mor-te Húmida», quando afirma:

*A alma ditosa nasce noutra nível.
E' o parto novo... E a vida imperecível
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.*

No poema «Divino Sol» o poeta, a nosso ver, espiritualiza «As Cismas do Destino» (4), quando, atravessando a ponte Buarque de Macedo, caminha em direção à casa do Agra, no Recife.

B. Lopes, o poeta fluminense dos «Cromos», comparece com toda aquela verve em que se caracteriza, no mesmo estilo que lhe perpetuou o nome. Principalmente, no sonetinho «Lição», o símile é perfeito:

*Nas grimpas do pé de amora
O vento leve balança
E tala a flor terna e mansa
Que voa caminho afora.*

(4) *Augusto dos Anjos* — “Eu e Outras Poesias”, Bedeschi, 19ª edição, Rio de Janeiro, s.d., págs. 67-88.

João de Deus, o suave poeta português, que de há muito vem colaborando na Seara Espírita, traz, novamente, produções que lhe identificam o estro invulgar.

Lívio Barreto, o jovem poeta cearense, que se revelou vigoroso senhor do verso, ressurgiu pleno de emoção em sua lírica amatória, patenteando a divina afetividade do Mundo Superior.

Jésus Gonçalves e Virgílio Quaglio agradecem a Deus a bênção da enfermidade que lhes envolveu os corpos na última existência.

Auta de Souza, Inês Sabino, Júlia Cortines, Narcisa Amália e Francisca Clotilde, admiradas poetisas e escritoras brasileiras, deixam aqui a marca indelével da inspiração que lhes flamejava no sentimento.

Irene S. Pinto, a distinta poetisa paulista, expõe as pérolas de sua ternura e sensibilidade, enquanto Casimiro Cunha e Adelaide Câmara (Aura Celeste) continuam sob o vigor da fé viva que lhes vitalizava os ideais.

Não nos abalancemos a confrontos entre as produções terrestres e as medianímicas de todos os bardos reunidos nestas páginas para não fugir ao espírito de síntese; entretanto, pedimos vênias ao leitor para referir-nos, ainda mesmo de leve, a figuras outras, das mais respeitáveis de nossa literatura.

Moacir de Almeida, que Agrippino Grieco define como sendo o condoreiro de 1920 (5), desencarnado aos 23 anos de idade, depois de legar-nos os seus admiráveis **Gritos Bárbaros**, traz-nos o soneto «Muito Além» que, por si só, lhe revela a mestria.

Francisca Júlia, intérprete das mais entusiastas da Escola Parnasiana, no Brasil, diz-nos, em «Adeus», da esperança que alimenta de renascer na Terra, «mais tarde».

Nestor Vitor, o poeta e crítico literário que mais se preocupou com o Simbolismo, em plagas brasileiras, precata-nos, através de «Eutanásia», contra o perigo de se abreviar a vida de alguém, porque «a alma jungida à carne» nos rogará, por certo:

— *“Aguardo a mão da Lei, sempre doce e benvinda!
Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!...”*

Castro Alves, o gênio da América, nascido no Brasil, pintando a França de 1857, derrama o seu verbo glorioso:

*O caos invadira a França,
— Olimpo do pensamento.
O ódio — lobo famulento,
Range as presas com furor.
Nas ruas — Paris descansa;
Em casa — chora em segredo;
Gigante, arrosta, com medo,
As iras do Imperador.*

(5) Agrippino Grieco — “Evolução da Poesia Brasileira”, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1947, 3ª ed., pág. 125.

Tobias Barreto, o condor sergipano, mostra, em «Deus e a Humanidade», soneto em versos alexandrinos do mais fino labor, que o espírito é o artífice da própria vida, resumindo a tragédia do homem nestes dois versos:

*Como quem foge à voz do socorro divino,
Avança para a dor do seu próprio destino...*

Bruno Seabra, o poeta romântico, entrega-nos precioso poema — «Primaveras da Amplidão» —, em que nos convida a escutar-lhe a exaltação do Plano Espiritual:

*Brilham páramos de sonho
Além, no espaço risonho,
Vestidos de paz e luz!*

Luís Guimarães Júnior, em «Pastoral», reafirma a beleza de «Paisagem», «Idade Média» e tantos outros sonetos da altura de «Volta à Casa Paterna».

São tantos os poetas, que se nos torna difícil — e porque não dizer — impossível, citá-los todos.

Estamos convencido de que o leitor fará alegremente o cotejo que o respeito ao tempo dele mesmo não nos permite.

*
* *

Qual acontece com qualquer antologista, embora não nos impressionemos com o pensamento pessimista de Dudley Fitts (6), fizemos, no que diz respeito ao tema, escolha rigorosa das poesias que nos foram confiadas pelos medianeiros desta obra. Ademais, diga-se de passagem, os próprios Instrutores Espirituais, em diversas reuniões íntimas de que participamos pessoalmente, na Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, esclareceram-nos que muito antes das comunicações dos poetas, realizaram, eles mesmos, importante serviço de seleção, aconselhando-lhes enviassem ao mundo somente mensagens consoladoras e construtivas. Isso porque alguns deles se aproximaram dos médiuns com o propósito de ventilar as paixões deprimentes em que se desregraram na vida terrestre, procurando fixar pensamentos contrários aos preceitos da vida superior. A medida não se filia simplesmente a questões de moral diante da arte; é que voltando ao descontrole emotivo, de que muitos poetas não se afastaram quando encarnados, prolongariam os próprios tormen-

(6) Segundo esse autor, o antologista seria qual “um infeliz que inicia a sua tarefa com o triste pressentimento de que, faça o que fizer, vai desagradar a muitos, e ninguém — ele muito menos — ficará satisfeito uma vez concluída a obra.” (Citado por Edgard Cavalheiro, in “Maravilhas do Conto Inglês”, Editora Cultrix, 1957, págs. 10-11.)

tos por tempo indeterminado, em persistindo nos temas passados, ao passo que, grafando impressões e conceitos edificantes, receberão, a cada momento, vibrações de conforto e esperança, endereçados pelos leitores e amigos que lhes absorvam as ideias luminosas. Convém ainda considerar que, mesmo depois de joeirado o material, os benfeitores desencarnados encontraram poesias que julgaram impróprias para este livro, de vez que poderiam suscitar estados mentais angustiantes em determinadas criaturas. Como é fácil de perceber, os Mentores Espirituais alimentam a preocupação de iluminar e consolar sempre. Aliás, em análise aberta, é imperioso reconhecer que essa é a tarefa essencial da Doutrina Espírita.

Quanto aos apontamentos particulares, no texto, fomos quase que excessivamente lacônico, visando ao aproveitamento de espaço e, mesmo, fugindo a repetições desnecessárias, razão por que não nos referimos a todas as figuras, imagens e fulgurações poéticas dos versos estudados. As datas de nascimento e desencarnação retiramo-las de fontes que reputamos idôneas, e, não raro, consultámos os familiares ou os descendentes de vários dos poetas.

A bibliografia relaciona, na maioria dos casos, apenas as obras poéticas. Omitimos aquelas em que os autores vazaram pensamentos e diretrizes inteiramente contrários aos seus pontos de vista atuais. Dos poetas Casimiro Cunha, Maria Celeste e João de Deus incluímos a bibliografia mediúnea, além daquela que lhes assinala a obra terrena.

O asterisco, à frente do nome de cada comunicante, guarda a finalidade de orientar o leitor para a nota de rodapé. Resolvemos colocar a notícia biobibliográfica, em observação infrapaginal, a fim de que os amigos desta *Antologia*, em estudando primeiramente a vida do poeta, não venham a quebrar o ritmo da leitura do poema que, realmente, no fundo, se lhe erigirá em objeto de fundamental atenção. Atendendo à mesma finalidade, resolvemos, ainda, colocar a numeração das notas à margem esquerda, correspondentes aos números dos versos. Isso facilitará o conhecimento integral da poesia, facultando ao leitor, com vagar, o ensejo de ler os pequenos informes esclarecedores, quer no tocante à técnica poética, quer atinentes a algumas questões de linguagem ou a referências espíritas.

Visando aos leitores não afeitos às questões poéticas, explicamos em notas de rodapé as figuras de estilo menos conhecidas, quase sempre nos valendo de transcrições de obras especializadas.

Dividimos o livro em três partes: a PARTE I, com as poesias psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier; a PARTE II, com as psicografadas pelo médium Waldo Vieira; a PARTE III, as que foram recebidas por ambos os médiuns, salientando-se que, nessa Parte III, as poesias de números ímpares são devidas à mediunidade de Francisco Cândido Xavier e as de números pares à mediunidade de Waldo Vieira. Com essa providência aspiramos a mostrar a identidade de estilos do mesmo poeta, através de dois medianeiros diferentes.

Além das três partes a que nos referimos, traçamos breve POSFÁ-

CIO, apresentando ligeiro esboço biobibliográfico dos médiuns desta obra, ao lado dos respectivos retratos. Quanto aos índices, preferimos colocá-los no início da obra, excetuando-se o índice onomástico e bibliográfico, que se configura na parte final e que relaciona a maioria das obras consultadas, guardando o objetivo de documentar-nos as anotações.

Apresentamos os poetas por ordem cronológica de desencarnação, nas partes em que se divide a obra. Carvalho Júnior, desencarnado em 1879, vem em primeiro lugar, na PARTE I; Castro Alves, desencarnado em 1871, vem em primeiro lugar, na PARTE II; Cruz e Souza, desencarnado em 1898, vem em primeiro lugar, na PARTE III. Propúnhamo-nos, a princípio, classificá-los pelas escolas literárias a que pertenceram. Chegámos, porém, à conclusão de que isso seria impossível, porquanto aqui se encontram poetas, à maneira de Luís Delfino, que pertenceram a três estéticas. Como enquadrá-los? Quer-nos parecer que a grande maioria é de poetas simbolistas, a começar de Cruz e Souza, e de néo-simbolistas ou penumbrietas. Fato curioso é que há correspondentes, qual verificamos inicialmente, de todas as escolas que vicejaram no Brasil e em Portugal, a partir do Romantismo. Encontramos aqui respeitáveis corifeus e epígonos de diversas escolas, figuras quais Martins Júnior, o principal poeta do realismo brasileiro, que antecedeu o nosso Parnasianismo, Raimundo Correia, Francisca Júlia e Júlia Cortines — esta última definida como sendo, entre os demais epígonos da criação parnasiana em nosso País, uma das expressões mais altas —, além de continuadores menores de Leconte de Lisle. Representando a poesia modernista, temos um Rodrigues de Abreu e um Caetano Pero Neto, do grupo dos «novíssimos», inclusive Arsênio Palácios e outros nomes de elevado gabarito.

Interessante destacar a presença dos chamados «príncipes dos poetas», a saber: Durval de Moraes, dos baianos; Zeferino Brazil, dos gaúchos, e Jorge de Lima, dos alagoanos. Com alusão ao «Príncipe dos Poetas Gaúchos», aliás, cabe uma referência toda especial. E' que Zeferino Brazil foi um dos raros cronistas que tiveram a coragem de afirmar categoricamente a identidade dos estilos dos poetas que compareceram ao *Parnaso de Além-Túmulo* (7). Quando escreveu magnífica crônica sobre o assunto, em 15 de Novembro de 1941, mal sabia que ele iria partilhar uma antologia mediúnica, lançada algumas décadas depois do primoroso *Parnaso*.

Os poetas que não se identificaram, por óbvias razões, colocamo-los entre os demais autores, respectivamente nas PARTES I, II e III.

Aparecem fatos notáveis, na presente obra. Surgem poetas que defenderam a memória de seus companheiros, como, por exemplo, Moacir Piza, após a desencarnação de Emílio de Menezes; os que falaram à beira do túmulo de seus amigos, à feição de Ciro Costa, na sepultura de Francisca Júlia; companheiros e discípulos valorizando-lhes as obras, qual

(7) Veja-se Miguel Timponi, "A Psicografia ante os Tribunais", Federação Espírita Brasileira, 4ª ed., págs. 68-69.

acontece entre Nestor Vitor, Cruz e Souza, Dario Veloso e tantos outros simbolistas famosos.

As poesias foram recebidas pelos médiuns, em reuniões públicas e íntimas da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, nestes últimos dois anos, algumas em circunstâncias dignas de reparo. Em muitas reuniões, um mesmo poeta se comunicava por ambos os medianeiros. O Espírito de Cornélio Pires valeu-se algumas vezes desse recurso. De outras vezes, dois poetas se comunicavam, um após outro, pelo mesmo médium, revelando segurança perfeita e notável independência.

*
* *

Fato digno de nota, nesta **Antologia**, é a predileção dos comunicantes pelo soneto. Isso é muito importante para nós, os brasileiros que não chegamos a satisfazer-nos plenamente com a poética modernista, existindo mesmo, entre nós, acentuada tendência para a volta ao classicismo, qual observou Adonias Filho, com muita propriedade, em «O Clássico Drummond» (8). Falando de **Claro Enigma**, como sendo um livro clássico, afirma: «Após tantos anos de avanço regular, de experiência através de algumas gerações, o modernismo fecha o seu ciclo como se fecharam outros ciclos. Fecha-se sob uma atmosfera clássica, e, para ilustrar essa fisionomia clássica do modernismo brasileiro, nenhum outro poeta melhor que Drummond e livro algum mais oportuno que **Claro Enigma**.» E conclui: «Se o problema é o de determinar um novo tempo lírico, não sei. O que sei, e essa nova leitura de **Claro Enigma** ainda mais me convence, é que o modernismo brasileiro atingiu o ciclo final em seu círculo poético. Vive, neste momento, a sua fase clássica.» (9)

Semelhantes considerações impelem-nos a recordar a palavra do crítico espanhol Ricardo Gullón sobre a poética de Jorge Guillén, conforme citação de Eduardo Portella (10): «Guillén se mantém sempre vinculado ao real, mas também ao consciente. E' um poeta de estirpe clássica.» Aqui, igualmente, os poetas desencarnados se mostram extremamente

(8) *Adonias Filho* — “O Clássico Drummond”, in “Jornal do Commercio”, Rio de Janeiro, 26 de Junho de 1960.

(9) Aliás, será justo se consigne que no livro de Carlos Drummond de Andrade — “Lição de Coisas” —, lançado pela Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, em 1962, aparece a seguinte “Nota da Editora”, à pág. 10: “O poeta abandona quase completamente a forma fixa que cultivou durante certo período, voltando ao verso que tem apenas a medida e o impulso determinados pela coisa poética a exprimir. Pratica, mais do que antes, a violação e a desintegração da palavra, sem entretanto aderir a qualquer receita poética vigente. A desordem implantada em suas composições é, em consciência, aspiração a uma ordem individual.”

(10) *Eduardo Portella* — “Dimensões II”, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1959, pág. 57.

adstritos à realidade, mas também à consciência, entesourando valores e labores clássicos da mais alta linhagem.

Aliás, antes de Adonias Filho, outro crítico, referindo-se ao vislumbre de novos rumos na Poesia Brasileira, em artigo publicado no «Suplemento Literário» do **Diário de Minas** (11), após demonstrar que a orientação seguida pelos renovadores de 1922 é hoje anacrônica e superada, explica, com justeza de conceituação, que «cuidam pouco entre nós do problema conteúdo e forma, embora não seja esta uma questão nova e apesar de ter sido reatualizada no Brasil por força mesmo da situação atual da poesia brasileira. Vivemos exatamente um período de esgotamento de um clima literário determinado — marcado pelo formalismo — em que todos sentem a necessidade da procura de um novo rumo.»

Entre os admiráveis sonetos, não faltaram aqueles mestres da rondilha maior, alguns troveiros de valor que, encarnados, por certo pertenceriam à Academia Brasileira de Trova.

Outro fato digno de menção. Quase todos os poetas nos trouxeram produções de caráter superior às que deixaram no plano físico. Ao que parece, foi Djalma Andrade quem primeiro observou isso, falando sobre alguns poetas que ele conhecera e que figuram no **Parnaso** (12). Apesar disso, não se apoquentam mais por se afastarem, vez por outra, dos ditames rígidos da forma fixa, qual observará o próprio leitor em algumas nótulas de rodapé. E' que, desencarnados, compreendem os poetas quão inútil o apego excessivo à forma, com prejuízo da essência. Por isso mesmo, voltam, agora, com um parnasianismo construtivo, sublimado, bem diferente daquele de Gautier:

*L'oeuvre sort plus belle
D'une forme au travail
Rebelle,
Vers, marbre, onyx, émail*

ou daquele de Bilac:

*Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor.*

Nem tão-pouco chegam ao exagero de repetir a cantiga do sapotaneiro de Manuel Bandeira:

*Vêde como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.*

(11) *Fritz Teixeira de Salles* — “Novos Rumos da Poesia”, in “Diário de Minas”, Belo Horizonte, 22 de Janeiro de 1956.

(12) Veja-se Miguel Timponi, *Op. cit.*, pág. 310.

Enriquecidos pelo conhecimento superior da Doutrina Espírita, não se prendem à beleza formal tão-sòmente, atendo-se mais à excelência do fundo, como que a evidenciar que o conceito de «arte pela arte» persiste, mas sob novas diretrizes temáticas, graças ao influxo, sem dúvida, de novas vivências.

Evitando a prolixidade, limitamo-nos a fazer pequenas transcrições de poesias da obra terrena dos poetas, deixando que o leitor consulte os poemas integrais nas fontes de origem.

E há-de maravilhar-se, naturalmente.

Em alguns casos — e são muitos deles assim — verá que os poetas comprometidos com a Lei de Causa e Efeito, por escritos pouco edificantes que deixaram na Terra, voltaram com poemas que são respostas autênticas a todas as dúvidas que lhes acicatavam as almas de desesperançados, atualmente em luta respeitável para dissipar as nuvens de sombra forjadas por eles mesmos.

Só por isso, aliás, teria esta *Antologia* um valor inestimável. A tentativa de anular os males que estendemos pela palavra escrita em novas existências consagradas à palavra escrita, às vezes com reduzido resultado, conseguem os poetas desencarnados começá-la desde agora, antes de novo renascimento na Terra, atraindo as vibrações de encorajamento e simpatia de que todos somos necessitados para a ascensão do espírito.

Antes que terminemos nossas modestas considerações, queremos agradecer a quantos colaboraram para a consecução da presente obra, principalmente os que se empenharam na busca às fotografias dos vates que figuram aqui, e os que nos facilitaram a obtenção de alguns dados biobibliográficos.

Não temos a ousadia de afirmar que esta obra se ache escoimada de senões. Tudo fizemos, porém, para que se reduzissem ao mínimo, a fim de que o leitor, em lhe recolhendo os magníficos versos, chegue, mais uma vez — e isso sem qualquer ideia de proselitismo da nossa parte —, à conclusão de que precisamos estudar Allan Kardec, qual o fizeram os poetas redivivos nestas páginas que nos levantam o raciocínio e reconfortam o coração.

ELIAS BARBOSA

Uberaba, 3 de Outubro de 1962.

(Ano do 30º aniversário de publicação do
"Parnaso de Além-Túmulo".)

PARTE I

Médium: FRANCISCO CANDIDO XAVIER



A
SUBLIME
SENTENÇA

Ao pé de templo enorme, a praça tumultua.
Ansiosa expectativa na calçada poeirenta...
A massa encontra o Cristo e, trágica, apresenta
Consternada mulher a chorar seminua...

— “Adúltera, Senhor!” — velho escriba insinua.
— “Que dizes, Mestre?” — insiste a multidão violenta --
“Somos o tribunal que a tradição sustenta,
A lei é apedrejar nos libelos da rua!”

(*) Depois de ingressar na Faculdade de Direito de S. Paulo, fazendo o terceiro e quarto anos no Recife, sòmente em 1877 concluiu o curso em S. Paulo. Ainda estudante, colaborou na **República**, de Lúcio de Mendonça. Poeta, folhetinista, crítico literário, dramaturgo. Nomeado promotor de Angra dos Reis, em 1878, transferiu-se depois para o Rio, onde viria a desencarnar no ano seguinte, como juiz municipal. Machado de Assis reconheceu o talento do jovem CJ, afirmando ser ele «poeta,

Fita o Mestre a infeliz que a miséria alanceia;
Inclina-se, em seguida, e escreve sobre a areia,
Como quem grava o sonho onde a vida não medra.

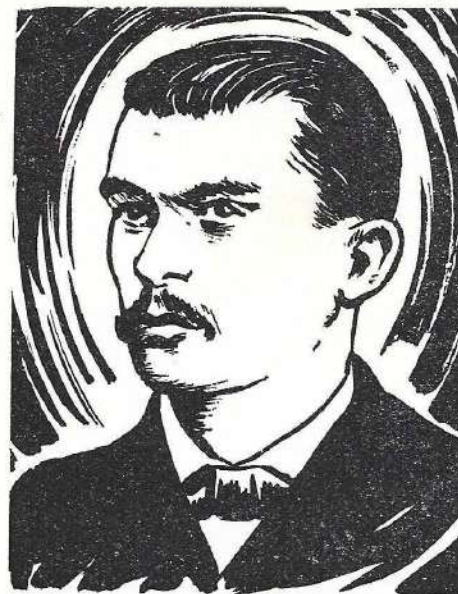
Depois, contempla em torno a malícia, o veneno,
E exclama para a turba, entre nobre e sereno:
— “Quem for puro entre vós, lance a primeira pedra!”



e de raça» (Apud Péricles Eug. da S. Ramos, in *Lit. no Brasil*, II, página 292). (Rio de Janeiro, Gb, 6 de Maio de 1855 — Rio de Janeiro, Gb, 3 de Maio de 1879.)

BIBLIOGRAFIA: Escritos Póstumos.

ADELINO da FONTOURA Chaves *



JORNADA

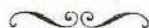
Fui átomo, vibrando entre as forças do Espaço,
2 Devorando amplidões, em longa e ansiosa espera...
Partícula, pousei... Encarcerado, eu era
Infusório do mar em montões de sargaço.

Por séculos fui planta em movimento escasso,
Sofri no inverno rude e amei na primavera;
Depois, fui animal, e no instinto da fera
Achei a inteligência e avancei passo a passo...

(*) Poeta, contista, teatrólogo. Transferindo-se da Atenas Brasileira para o Rio de Janeiro, cedo percebeu AF que nascera para o jornalismo. Trabalhou com Artur Azevedo na *Gazetinha* e com Lopes Trovão no *Combate*, e foi agente, em Paris, da *Gazeta da Tarde*. Patrono da cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras e da cadeira nº 38 da Academia Maranhense de Letras. Autor de «Beatriz», «Celeste», «Atração e Repulsão» e tantos outros sonetos famosos, «é ele» — assinala

Guardei por muito tempo a expressão dos gorilas,
Pondo mais fé nas mãos e mais luz nas pupilas,
A lutar e chorar para, então, compreendê-las!...

Agora, homem que sou, pelo Foro Divino,
Vivo de corpo em corpo a forjar o destino
Que me leve a transpor o clarão das estrelas!...



Múcio Leão (in *Dispersos*, pág. 12) — «o caso único de um patrono de Academia que não tem nenhum livro publicado». (Axixá, Maranhão, 30 de Março de 1855 ** — Lisboa, Portugal, 2 de Maio de 1884.)

** "Sobre o ano do seu nascimento existe dúvida. Fernão Neves, em sua *Academia Brasileira de Letras, Notas e Documentos para a sua História*, e Velho Sobrinho, em *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*, indicam o ano de 1855. Artur Mota, em seus *Vultos e Livros* (1.ª Série. Monteiro Lobato. S. Paulo, 1921), indica o de 1859." (Múcio Leão, *op. cit.* pág. 7.)

Registámos a data conforme a *Antologia da Academia Maranhense de Letras*, pág. 78.

2. Leia-se an/sio/sa, em três sílabas.

Francisco LOBO DA COSTA *



LÁGRIMAS

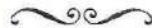
Quando a luta te deixe em plena estrada,
2 Qual tronco a sós, sem flores e sem frondes,
Na secreta renúncia a que te arrimas,
Bendita seja a lágrima que escondes!

Quando a amargura te converta a vida
Em rede estranha de sinistras horas,
Mesmo nas raias do suplício extremo,
Bendita seja a lágrima que choras!

(*) De família humilde, órfão em tenra idade, o poeta romântico do Sul, no dizer de Edgard Cavalheiro (*Pan.* II, pág. 298), já aos doze anos cantava em versos a retomada de Uruguaiana. Colaborou nos jornais mais importantes de sua terra, e foi sócio do «Pártenon Literário». Não conseguindo matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, veio a residir por algum tempo em Florianópolis, onde se entregou à bebida, que lhe aniquilou o corpo físico. Definiu-o João Pinto da Silva (*História*

Quando a prova te assalte os semelhantes
Na dor de sendas ásperas e incertas,
Na simpatia que te inflama o peito,
Bendita seja a lágrima que ofertas!

Quando, porém, caminhas na bondade
A que nobre e sereno te conjugas,
Muito acima das lágrimas que vertes,
16 Bendita seja a lágrima que enxugas!



Lit. R. G. S., pág. 43) como «o intérprete inspirado do pensamento e dos sentimentos do povo, em face do Amor e do Infortúnio». E a respeito de sua poesia assim se expendeu Guilhermino César (*Hist. da Literatura R. G. S.*, pág. 233): «A sua forma, tão espontânea, era às vezes muito descuidada, mas Lobo da Costa possuía, como poucos, senso musical e bom gosto inato.» (Pelotas, Rio Grande do Sul, 12 de Julho de 1853 — Aí desencarnou em 18 de Junho de 1888.)

BIBLIOGRAFIA: *Auras do Sul; Dispersos; O Filho das Ondas; Flores do Campo.*

2. "... *sem flores e sem frondes*": Epimone — "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete enfaticamente a mesma palavra..." (Geir Campos, *Peq. Dic. de Arte Poética.*)

16. Observe-se o cólon "Bendita seja a lágrima que...", de magnífico efeito.

FELÍCIA CUNHA *

VOZES

A Juventude exclama: — "Vive e goza!" —
Doida, invadindo o coração da gente.
O Prazer comparece, presto e ardente,
E pulsa em sensação maravilhosa.

Vem a tola Vaidade, mentirosa,
E grita: — "O mundo inteiro é teu sòmente!"
O Orgulho volve e manda: — "Segue à frente!
Eu sou, na vida, o cetro que te esposa."

No entanto, os conselheiros desumanos
Passam deixando amargos desenganos
11 No coração que triste e árdego arde.

Chega a Velhice e pede: — "Trabalhemos
Buscando o bem e a luz por dons supremos!"
Mas a Morte repete: — "E' muito tarde!"

(*) A autora espiritual não se identificou.

11. Duas leituras para este verso, das quais parece-nos preferível a primeira:

a) No/ co/ra/ção/ que/ tris/te e/ ár/de/go ar/de
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

b) No/ co/ra/ção/ que/ tris/te e ár/de/go/ ar/de
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



RECOMEÇO

Fome de perfeição jungindo ao peito
As aflições e as dívidas que arrasto,
3 Implorei renascer, jurando vasto
Testemunho de amor, no trilho estreito.

Mas, de retorno à carne, inquieto, aceito
O orgulho por tutor cego e nefasto.
7 Quero, domino, exijo, gozo e gasto
Os tesouros da vida, sem proveito.

(*) Poeta lírico e prosador, PR foi membro da Academia Brasileira de Letras. Deixou preciosa coleção de versos e contos. Tendo logrado, na posição de «conteur», utilizar-se do «humour» de que Machado de Assis se fizera mestre, mostrou-se influenciado, todavia, pelo autor de *Papéis Avulsos*. Colaborou em diversos jornais e revistas, e, com assiduidade, na *Gazeta de Notícias*. Ao desencarnar, exercia o cargo de chefe

9 A morte chega e, trágica, desnuda
Minhalma aparvalhada, triste, muda,
Despertando os remorsos que padeço.

E regressando à sombra, a sós comigo,
E' a paz de um novo corpo que mendigo,
O berço, a dor, a luta, o recomeço!...



de seção da Secretaria do Conselho Municipal. (Rio de Janeiro, Gb, 19 de Outubro de 1868 — Rio de Janeiro, Gb, 27 de Dezembro de 1905.)

BIBLIOGRAFIA: *Ópera Lírica*, versos; *Alma Alheia*, contos.

3. 7. 9. Observem-se os “enjambements”. “Enjambement” ou cavalgamento: “Fenômeno que se verifica quando o sentido de uma frase é interrompido no final de um VERSO e vai completar-se no outro.” (Geir Campos, *Op. cit.*)

DIANTE DA VIDA

Encarcerado, enfim, nas grades da memória,
Tudo tresanda em mim o sinistro bafio
Da torva escuridão a que me sentencio,
Na câmara de fel da sombra merencória.

Mocidade, ilusão, tudo é lodo e vanglória
Esbarrando na morte — horrendo desafio! —
Para a descida ao caos ignoto, imenso, frio,
E ser lama pensante, escória sob a escória.

- 9 O' minh alma infeliz, porque assim te sublevas?
10 Corvo triste da mágoa a crocitar nas trevas,
Volve em prece a dormir na paz inerme do ovo!

- 13 Sepulta, coração, no tremedal medonho,
A aflição derradeira e o derradeiro sonho
Para tudo esquecer e começar de novo!

(*) Não se identificando por óbvias razões, ensina-nos o poeta que, após a desencarnação, se carregamos frustrações e culpas, debalde procuraremos fugir às «grades da memória». Só a reencarnação, com efeito, representa a terapêutica ideal, quando teremos de «começar tudo de novo».

9. Notem-se os adjetivos usados pelo vate: *sinistro, torva, merencória, horrendo, ignoto, frio, infeliz, inerme, medonho* — indicativos todos de profundo sofrimento. Aliás, os próprios substantivos e verbos de todo o soneto dão-nos ideia do estado de espírito do aedo que, felizmente, está convicto de que, muito em breve, voltará ao educandário físico.

10. “corvo triste da mágoa” — bela imagem, conquanto negativa do ponto de vista espiritual.

13. “A aflição *derradeira* e o *derradeiro* sonho”: Poliptoto — “Nome dado à FIGURA que resulta da repetição da mesma palavra em vários casos, graus, tempos e pessoas, etc.” (Geir Campos, *Op. cit.*)



ESCU TA, CORAÇÃO

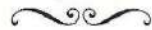
- Cansado coração, pélago afora,
No peito infortunado, errante e aflito,
Sofre na carne o estranho sambenito
4 Das rudes provações de cada hora.

- Ninguém perceba a mágoa do teu grito;
Persevera no amor, sangrando embora...
7 Além, no Grande Além, a Eterna Aurora
E' o porto de teus sonhos no Infinito.

(*) Depois de fazer os estudos secundários no Colégio Pedro II, não logrou o penumbriista do Simbolismo concluir o seu curso de Direito, centralizando toda a atenção no cultivo das letras, passando então a fundar e dirigir revistas quais **Rio-Revista**, **Galáxia**, **Mercúrio** e **Fon-Fon!**. O seu prestígio ficou evidenciado no primeiro concurso para a escolha do príncipe dos poetas brasileiros: MP classificou-se em terceiro lugar, logo abaixo de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Assinala Alceu Amo-

Escala os topes ásperos da trilha,
Agradecendo o golpe que te humilha,
Onde vibres, tremendo de ansiedade.

- Ama e perdoa, coração, que, um dia,
13 Volitarás chorando de alegria
14 Na divina ascensão à Imensidade...



roso Lima (in *Lit. no Brasil*, III, pág. 404) que a poesia de MP «é marcada por um profundo sentimento de espiritualidade, especialmente doméstica». (Rio de Janeiro, Gb, 2 de Novembro de 1867 — Rio de Janeiro, Gb, 8 de Fevereiro de 1915.)

BIBLIOGRAFIA: *Agonia*; *Rondas Noturnas*; *Histórias do Meu Casal*; *Ao Léu do Sonho e à Mercê da Vida*; etc.

4. Leia-se com hiato: *ca/da/ ho/ra*. Cf. do Autor, em *Agonia*, o poema "Natal D'Alva" (apud Rodrigo Octávio Filho, *N. Cl.* n° 29, pág. 24):

"Len/tos, /pri/mei/ros/ tons/ cas/tos/ e/ al/vos"; em *Rondas Noturnas*, soneto "Sonho — II", verso 8°: "Em/ ron/da es/pa/lhas/ pe/la/ Noi/te/ al/ta."; em *Histórias do Meu Casal*, poema "Vida Simples": "To/da a/ro/ma/da/ de/jar/dins/ e/ hor/ta" (os dois últimos versos *in op. cit.*, respectivamente, páginas 26 e 30).

7. "Além, no Grande Além...": Mesarquia — "Nome dado à FIGURA que resulta quando a mesma palavra é repetida no começo e no meio do VERSO ou período;..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

13. *Volitar*. O verbo *volitar* é aqui empregado não com o significado comum que os dicionários registam, mas exprimindo a capacidade que tem o Espírito de se locomover, por vezes, com a rapidez do pensamento, sem o auxílio de quaisquer veículos físicos.

14. E' bem a poesia do homem bom e otimista que, no dizer de Álvaro Moreira, "tanto sofreu e não desesperou nunca" (apud *N. Cl.*, n° 29, páginas 96-97).

GASTÃO DE DEUS Vitor Rodrigues *



AGAPANTOS

- 1 Enfim vencido... Na última canseira,
Cimo espinhoso de suplicios tantos,
- 3 Busquei, ansioso, a estrada de agapantos,
Que me fôra visão da vida inteira.
- 5 Tudo, porém, era neblina e poeira,
Misturadas de preces e acalantos,
Nênias da morte, hinários sacrossantos,
E a noite, a imensa noite derradeira...

(*) Poeta e prosador, Gastão de Deus, depois de cursar a Escola Normal de Paracatu, Minas, transferiu-se para Goiás, onde concluiu o curso jurídico na Faculdade de Direito do Estado. Advogou por algum tempo em sua terra natal, sendo colaborador do jornal *Goiás-Minas*, de que foi representante. Redator do vespertino uberabense *Lavoura e Comércio* e Juiz de Direito em Anápolis. Afirma Veiga Netto (*Ant. Goiana*, pág. 93) que Gastão de Deus «nunca abandonou a pena, e foi sempre

Nos auges da aflição que me constringe,
Cai, entretanto, a máscara da esfinge...
Oh! sepulcro, onde a sombra em que te cevas?...

Refaz-se a luz que em lágrimas transponho,
E vejo, além, as flores do meu sonho,
Como estrelas radiando sobre as trevas...



fértil a sua sementeira de poesias e artigos espalhados pelos jornais de Goiás e Minas». (Catalão, Estado de Goiás, 8 de Março de 1883 — Anápolis, Go, 17 de Abril de 1917.)

BIBLIOGRAFIA: *Agapantos*, poesia; *Páginas Goianas*, prosa.

1. "Enfim vencido...": Aposiopese — "Espécie de FIGURA definida por Marouzeau como "interrupção da frase por um silêncio brusco, feito para traduzir uma inesperada hesitação ou emoção da pessoa que fala",..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

3-5. As sinéreses em *an-sio-so* e *poei-ra* não constituem inovações na poética de Gastão de Deus. Em "Um Beijo", de *Agapantos*, pág. 45 (*apud Vultos Catalanos*, pág. 74), encontramos alguns exemplos, dentre outros: "A asa *in-quieta* dos lábios meus demora"; "Que hoje cismo que o beijo dado à *criança*", — não obstante, em "Ave Regina" e outras poesias, ostentar o poeta numerosos casos de diérese.

MARIA CELESTE *

ORAÇÃO DAS MENINAS

Papai do Céu que nos dais
Carinho, bondade e amor,
Sede louvado, Senhor,
Na bênção de nossos pais.

Agradecemos em prece,
Cantando de gratidão,
7 O lar, a saúde, o pão,
A roupa que nos aquece,
O professor que nos guia,
A escola, o caminho, a fonte,
O Sol na paz do horizonte
— Nossa luz de cada dia —,
O orvalho, o perfume, o vento,
As árvores generosas,
A chuva, a canção, as rosas
E os astros do firmamento.
E vimos agradecer
Também a agulha, a peteca
E a nossa doce boneca
Que nos ensina a viver.

Pai Nosso que estais vivente
Na Terra, no Céu, na flor,
Guardai-nos em vosso amor,
24 Hoje, agora e eternamente.

(*) Maria Celeste é uma entidade espiritual, imensamente querida, nas atividades da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas.

BIBLIOGRAFIA: da Autora espiritual: *De Coração para Coração*, pelo médium Waldo Vieira.

7. Leia-se com hiato: *sa-ú-de*. Atente-se, ainda, na enumeração.

24. Em estilo simples, a Autora interpreta os sentimentos das meninas, no poema-orção com que procura expressar a encantadora sensibilidade infantil.



DESENCARNAÇÃO

- 1 Dorme a ninfa obscura em desvão da floresta...
Tênuê réstia solar dissolve a névoa fina.
Agita-se o casulo. A múmia pequenina
E' féretro mirim que, súbito, se enfresta.

A borboleta em luz, como alguém que protesta
Contra o sono letal sob a folha mofina,
Desdobra as asas de ouro e, leve bailarina,
Sobe às grimpas do azul em delírio de festa...

(*) Castro Menezes, que foi «conteur» e cronista, além de poeta precoce e advogado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, esteve algum tempo no Pará, onde foi professor e jornalista, tendo também exercido a magistratura em seu Estado natal. Um dos fundadores da revista *Rosa-Cruz*, um dos mais importantes órgãos do movimento simbolista carioca. Redator, no Rio de Janeiro, de *A Tribu-*

- 9 A morte é assim também... No corpo inerte, langue,
10 Silêncio e rigidez trabalham de partilha,
Tentando nova forma a que a vida se engrade!...

- Mas do estojo larval, sem o lume do sangue,
13 A alma ressurge e voa, ascende, canta e brilha,
Ave do Grande Além, galgando a imensidade...



na, de *O Imparcial* e do *Jornal do Commercio*. Pertenceu à Academia Fluminense de Letras. (Niterói, Estado do Rio, 3 de Junho de 1883 — Rio de Janeiro, Gb, 7 de Março de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: *Mitos*; *Poesias*; *Estrada de Damasco*; etc.

1. Leia-se “o-bs-cu-ra” como tetrassílabo, em atenção ao suarabácti de que se serviu o poeta. “SUARABÁCTI — Expressão adaptada da gramática hindu, para designar a vogal de apoio desenvolvida por ANAPTIXE e que os poetas utilizam às vezes para, expressamente ou não, aumentar o número silábico de um VERSO, como sucede com o trissílabo “absinto” que Gonçalves Dias transforma em tetrassílabo, completando o METRO, nesta passagem de “Recordação” nos *Primeiros Cantos*:

Mais uma gota d'amargor, que importa?
Que importa o fel na taça do a/b/sin/to
ou uma dor de mais onde outras minam?”

(Geir Campos, *Op. cit.*)

9. Aposiopese.
10. Refere-se o poeta à histólise que se processa, evidentemente, após a desencarnação.
13. Observe-se o clímax que vem dizer da conclusão da histogênese espiritual.



SERVIR

- 1 Servir é a grande lei... Todo o Universo ensina
A retê-la por luz que vem da Eterna Chama.
- 3 Observa a Natureza... E' o Céu que se derrama
Para a glória do Amor como essência divina.

Toda força do bem, por fraca e pequenina,
Não foge de atender na senda que a reclama...
Um só lírio no charco é jardim sobre a lama,
Basta um raio de sol e a furna se ilumina.

(*) Prosador, poeta e teatrólogo, Amaral Ornellas foi, por sete anos consecutivos, secretário da revista «Reformador», órgão da Federação Espírita Brasileira, e membro da Comissão de Assistência aos Necessitados dessa mesma Casa. Vice-presidente do «Grupo Espírita Fé, Amor e Caridade Agostinho», instituição de amparo aos doentes do corpo e da alma. Homem bom e extremamente caridoso, deixou, como médium recitista, um nome benquisto por milhares de beneficiados. Na Diretoria de Estatística Comercial foi funcionário distinto e exemplar. Teatrólogo, escreveu várias peças admiráveis, uma das quais, «O Gaturamo», foi premiada pela Academia Brasileira de Letras. «Em suas poesias» — diz

Não conserves a vida indiferente, muda.
Desperta e estende as mãos! Alenta, ampara, ajuda,
Semeando na estrada a alegria incorpórea!...

- 12 E sonhando, qual verme a trabalhar de rastros,
Remontarás, um dia, à imensidão dos astros,
Para servir com Deus em suprema vitória.

OUVE

Escuta! Enquanto a paz da oração te domina,
Qual melodia excelsa, a fremir, doce e mansa,
Há quem padeça e morra à míngua de esperança,
Rogando amparo, em vão, no lençol de neblina.

Ouve! A sombra tem voz que clama e desatina...
E' a provação que ruge... A dor que não descansa...
Desce do pedestal da fria segurança,
Transfigura a bondade em fonte cristalina.

Estende o coração!... Serve, instrui, alivia...
Das sementes sutis de ternura e alegria
Prepararás, agora, o jardim do futuro...

- 26 Um dia, voltarás à pátria de onde vieste
E apenas colherás na luz do Lar Celeste
O que dás de ti mesmo ao solo do amor puro.

Manuel Quintão, à pág. 181 do **Reformador** de 1918 — «ele canta serena e dignamente as suas emoções, sem cair em delíquio de exuberância, em malabarismo palavroso.» (Rio de Janeiro, Gb, 20 de Outubro de 1885 — Rio de Janeiro, Gb, 5 de Janeiro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: **Poesias** (1ª Série); **Poesias** (2ª Série); **Iuminuras**; etc., além de excelentes trabalhos doutrinários em **Reformador** e outros órgãos espíritas.

1-3. Cf. nota nº 1, pág. 44.

12. *de rastros*: «rastejando, arrastando-se». *Rastro* é variante de *rasto*, forma de uso corrente entre nós.

26. Ler em duas sílabas: *vies-te*.



LIBERTAÇÃO

Alma, que um dia voltarás desperta
Do cárcere de sombra a que te enleias,
Despe, chorando, as últimas cadeias
Que te chumbam à estrada escura e incerta.

Foge à noite fatal que te acoberta
Nos prazeres da carne em que volteias.
Solta a esperança, além, na luz sem peias
E sonha a vida plena, enfim liberta!

(*) Amigo e conterrâneo de Cruz e Souza, OR, além de poeta, foi jornalista. Secretário do *Novidades*, no Rio de Janeiro, para onde se transferiu ainda jovem. À maneira de tantos outros vates simbolistas, não reuniu em volume os seus versos, que estão dispersos nos periódicos do seu tempo. Antiescravagista ardoroso. (Desterro, hoje Florianópolis. 12 de Fevereiro de 1862 — Rio de Janeiro, Gb, 27 de Janeiro de 1925.)

9 Do ergástulo de angústia em que te agitas,
Sob o fardo das lágrimas benditas,
Contempla os céus, fulgindo em primavera...

Cinge a humildade valorosa e boa
E encontrarás na dor que te abençoa
14 A divina alegria que te espera.



9. Aliteração em t.
14. Cf. o soneto "Visão" (in Andrade Muricy — *Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 182) e observe-se a semelhança do esquema rimático dos quartetos.



ELA

Onde ela passa qual estrela,
Célere e luminosa,
Varrendo a escuridão da vida humana,
O carvão da miséria
Faz-se bendito lume,
Atraindo as mãos frias
De velhos e crianças
Que soluçam na sombra.

*

(*) Poeta, teatrólogo, educador. Escreveu nos principais jornais e revistas do País. Tendo sido a infância de RA uma das mais afanosas, iniciou ele o curso primário em Piracicaba, completando-o em S. Paulo. Depois de muitas reviravoltas por diversos colégios, de outras cidades, regressa o poeta à Capital paulista, onde passa a lecionar. Posteriormente, transfere-se para sua terra natal, desencarnando, mais tarde, em Bauru. Péricles Eugênio da Silva Ramos (in *Lit. no Brasil*, III, t. 1, página 538) classifica RA como poeta modernista não «histórico» e acres-

Onde ela passa docemente,
Por divina visão
Entre os campos do mundo,
Toda planta esmagada
Reverdece de novo
Ao brilho da esperança.

*

Onde ela passa generosa,
Sobre a lama da Terra,
Lírios brotam do charco,
Perfumados e puros,
Como bênçãos do Céu
Projetadas no lodo.

*

Ninguém lhe ouviu jamais qualquer palavra
De azedia ou censura.

*

Apenas a vaidade muitas vezes
Lhe toma a retaguarda
E espalha o pessimismo
Nos corações, em torno,

centa, adiante, que ele «cultivou uma poesia simples, sentimental e dolorida». Embora Afonso Schmidt (in *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 16) o considere «um dos maiores poetas de S. Paulo», Domingos Carvalho da Silva, «o seu melhor crítico», diz que RA, como poeta, foi «alto valor que não chegou a realizar-se, mas que manteve sempre a sua individualidade» (apud *Pan.* VI, pág. 80). (Município de Capivari, Est. de São Paulo, 27 de Setembro de 1897 — Bauru, Est. de São Paulo, 24 de Novembro de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: *Noturnos*; *A Sala dos Passos Perdidos*; *Casa Destelhada*; etc.

Comentando, agressiva,
A torva indiferença
Dos que bebem a sós
O vinho da ilusão
E devoram, cruéis,
O pão da mesa farta,
Dando sobras ao mofo,
Atolados na usura
35 Que o ouro anestesia.

*

Ela passa, entretanto,
Nobre, serena e bela,
Em profundo silêncio,
Educando e servindo
Sem que ninguém lhe escute
41 Sequer o próprio hálito...
Porquanto, em tudo e em todos,
E' sempre a Caridade — a Luz que vem de Deus.

OURO

- 44 Todo o ouro dos bancos
Pode nutrir, um dia, a glória do trabalho...
- 46 Todo o ouro guardado
Nos altares dos templos

35. Ler assim este verso: "Que o/ ou/ro a/nes/te/si/a"

41. Leia-se com hiato: *pró/prío/ há/li/to.*

44 a 68. Ler com hiato:

To/do o/ ou/ro;
o / ou/ro;
E o/ ou/ro;
E' o/ ou/ro.

E' riqueza da fé
Que o tempo transfigura.

50 Todo o ouro das jóias
Que esplende nos salões
E' láurea passageira
Em louvor à ilusão.

54 O ouro dos museus
A derramar-se, estanque,
Faz-se ornato da morte
Para a festa da cinza.

58 Todo o ouro das minas
E' promessa de pão,
60 E o ouro da moeda
Que auxilia e circula
E' sangue do progresso.

63 Mas apenas o ouro
Que gastas apagando
As aflições dos outros,
Acendendo sorrisos
Em máscaras de pranto,
68 E' o ouro da alegria
Nos tesouros de amor
Que acumulas no Céu.

RENASCIMENTO

O que sentes agora,
Já sentiste.
O que pensas agora,
Já pensaste.
O que dizes agora,

Já disseste.
E aquilo que desejas
Novamente fazer,
Muita vez já fizeste.

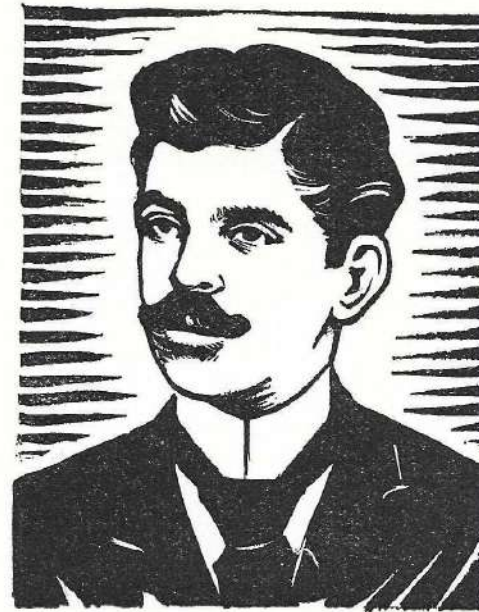
Resguarda, assim, o sonho
De luz e de beleza
Que bebeste na altura,
Para a nova jornada,
Sentindo no amor puro,
Pensando de alma reta e renovada,
Falando com nobreza,
E conservando, em suma, a lei do bem de cor,
88 A fim de que realizes a bondade
Para a Vida Maior.
Todo berço na Terra é novo marco...
91 E a alma reencarnada é como a estrela
Refletida no charco.



88. Ler *rea-lí-zes*, com sinérese.

91. Leia-se *E a/al/ma*, em três sílabas.

ARLINDO COSTA e Silva *



APELO
AO VIAJOR

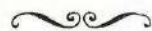
- 1 Viajante do mundo, pára e pensa
Assinalando os dons que Deus te empresta:
A Natureza a derramar-se em festa,
- 4 A visão, a beleza, o sonho, a crença...

Ergue-te ao sol do amor, caminha e incensa
De Paz constante e de alegria honesta
O trecho de jornada que te resta,
Procurando servir sem recompensa.

(*) Residindo em Uberaba, Minas, de 1901 a 1912, fêz Arlindo Costa o Curso Normal e colaborou em diversos jornais, dentre outros, a *Gazeta de Uberaba*, *Lavoura e Comércio* e *Brasil Central*. Foi professor do Grupo Escolar Uberabense e fundador do jornal *Lírios do Vale*, título de que se serviu para o seu primeiro livro, editado em 1907. Representou, em 1911, o professorado do Triângulo Mineiro no Congresso de Professores levado a efeito em Belo Horizonte. Em Anápolis, onde

Segue fazendo o bem por onde fores,
Esquecendo nos trilhos redentores
11 Charcos e penas, sombras e penares...

Porque, um dia, ante o tempo que te espreita,
Receberás os frutos da colheita,
Na espécie de semente que plantares.



passou a residir desde Junho de 1912, foi coletor estadual e presidente do Conselho Municipal. Criou o primeiro Grupo Escolar da cidade, e contribuiu para a fundação da Escola Normal. Nestas instituições exerceu o magistério. Muito lutou pela emancipação política de Anápolis. Era deputado estadual quando desencarnou (Piracanjuba, antiga Pouso Alto, Estado de Goiás, 28 de Setembro de 1880 — Anápolis, Estado de Goiás, 4 de Janeiro de 1928.)

BIBLIOGRAFIA: *Lírios do Vale*. Deixou um livro inédito: *Poemas da Saudade*.

1. Leia-se *vi-a-jan-te*, com diérese.

4-11. Observem-se os exemplos de enumeração. — Enumeração: "Recurso estilístico, denominado *enumeração caótica* por Leo Spitzer, e consistente em uma apresentação, quase catalogal, de ideias ou elementos que se sucedem com um máximo de rapidez e fluência, sem prejuízo da qualidade do texto..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

João Ferreira LEITE JÚNIOR *



VERSOS
A
MEU CORPO

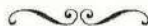
Tombaste, enfim, cansado, vaso amigo.
2 Já não posso dizer-te: "luta e ama!"
Companheiro sereno de meu drama,
Não sofreste no mundo, em vão, comigo.

Lâmpada que guardaste a etérea chama
Das dores que vivi... Roupa e jazigo...
7 Unindo as nossas lágrimas, prossigo
Ante o porvir que a morte me reclama.

(*) Poeta e jornalista, usou vários pseudônimos. Funcionário da Fazenda, serviu na Delegacia Fiscal de Curitiba e do Rio de Janeiro. Nesta última cidade, um incêndio destruiu-lhe manuscritos de vários volumes de versos inéditos (A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, página 206). Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná. «Colaborou nas revistas simbolistas de seu Estado,» — diz Fernando Góes (*Pan.* IV,

Parto agora, buscando novo ninho...
Não te deixo, porém, triste ou sòzinho,
Nas surpresas que o túmulo descerra...

Mesmo atirado à sombra que se espalma,
Terás contigo os sonhos de minhalma,
Nas flores que te cobrem sobre a terra.



pág. 219) — «e de uma delas, **O Sapo**, foi fundador.» (Curitiba, Paraná, 3 de Março de 1876 — Curitiba, 28 de Setembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: *Ritual*; numerosas poesias dispersas.

2. Ler *luta e ama* com hiato.

7. Observe-se a expressividade desse “enjambement”.

Manuel da SILVA LOBATO *



ÚLTIMO
INSTANTE

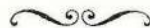
Tudo parece agora o termo do caminho...
O velho carrilhão bate as horas na sala:
E' a palavra do tempo ao coração que estala,
4 Afirmando, cruel, que partirei sòzinho.

Lá fora, ruge o vento ululante e escarninho.
Fito, além da janela, o céu de cinza e opala...
7 “Adeus! Adeus! Adeus!...” — geme o peito sem fala,
Algemado à aflição de estranho pelourinho.

(*) Poeta notável. Um dos fundadores da revista **Heliópolis**, em sua cidade natal. Jornalista, desempenhou as funções de redator do **Diário de Notícias**, no Rio de Janeiro. Viveu uma existência atribulada, mas com resignação, caracterizando-se pela sua simplicidade e bondade. Informa Mariano Lemos (*Poetas...*, pág. 329) que Silva Lobato foi membro da Academia Pernambucana de Letras, tendo ocupado a cadeira

Desce, torva, no olhar, a noite em que me espanto,
Resume-se a existência às gotas de meu pranto.
Silêncio, sombra, nada... A morte e a despedida...

Mas súbito clarão rasga as trevas do quarto.
Ai!... o corpo é grilhão de que, enfim, me descarto,
Para exaltar, cantando, o esplendor de outra vida!



nº 26. (Recife, Pernambuco, 10 de Setembro de 1886 — Rio de Janeiro, Gb, 4 de Junho de 1931.)

BIBLIOGRAFIA: *Flauta de Pã*; *Céus do Brasil*; e diversos livros inéditos.

4. Leia-se *cru-el*, como dissílabo.

7. "*Adeus! Adeus! Adeus!...*": Epizeuxe — "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra, sem intervalo..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

ARSÊNIO PALÁCIOS *



ARTISTA

O artista
para e reflete,
árvore de carne a enodular-se sobre a seiva do sangue...

A cabeça esguicha o pensamento
e a onda que se expande alteia-se, de leve,
num turbilhão de força...
Ideias-sentimentos...

8 Sentimentos-ideias...

(*) Poeta, teatrólogo, crítico de arte, filósofo, etc., era Arsênio Palácios um talento fulgurante e um verdadeiro «artífice da Beleza». Colaborou em grande número de jornais e revistas do Brasil, da Argentina e do Uruguai, trabalhando por um maior intercâmbio cultural sul-americano. «Sensibilidade fina e esquisita.» — escreveu Mário Júlio Silva, in *Ant. Poetas Paul.*, pág. 7 — «costumava vestir os seus versos com a roupagem inédita da sua alma cheia de dogura.» Foi diretor de

De cima,
do super-ultra-som,
desce jorro solar
que recolhe a onda célere,
qual se possuísse mãos e braços,
em lesto movimento
de oficina intangível.

Há no grande silêncio
17 buris que modelam,
mensagens e vozes,
palavras que soam,
poemas em linha,
rimários andantes,
pincéis coloridos,
esboços e telas,
paletas fulgentes,
orquestras em pauta,
cantatas sublimes,
tecidos de sonho,
lauréis e grinaldas,
pedaços de estrelas,
hinários e luzes...

Giesta, revista de artes e letras de S. Paulo. Colaborou com Veiga Miranda na revista **O Comentário**. Realizou grande número de traduções do castelhano. Foi grande amigo de Félix de Carvalho, outro ilustre poeta paulista. Luís Correia de Melo, de cujo **Dic. de Aut. Paulistas** (página 450) recolhemos alguns desses dados, informa, ainda, que o poeta faleceu trágicamente. (São Paulo, Est. de São Paulo, 30 de Abril de 1899 — São Paulo, SP, 8 de Novembro de 1932.)

BIBLIOGRAFIA: **Almas Populares**, sainete lírico; **Vibrações**, versos; **A Carta**, monólogo; **Breve Elogio das Cores**; **Antologia de Poetas Paulistas**, de parceria com Mário Júlio Silva; etc.

8. "Ideias-sentimentos.../Sentimentos-ideias...": Epanástrofe — "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete um VERSO ou frase com as palavras na ordem inversa..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

17. Observe-se a enumeração, tão praticada pelos modernistas.

A onda que se elevava
torna ao cérebro vivo,
grávida de beleza...
Cravam-na dedos fluidos
no angusto espaço do crânio
e o artista, embriagado de visões,
exprime as esferas superiores.
— Médiun da vida,
inundado de sol...





PRECE

Louvado sejas, Senhor,
Na glória do Lar Celeste,
Pelos bens que nos trouxeste,
No Evangelho redentor.
Na tarefa renovada
Que o teu olhar nos consente,
De espírito reverente,
Clamamos por teu amor.

Pobres cegos que fugimos
Da luz a que nos elevas,
Nossa oração rompe as trevas,

(*) Sacerdote em sua última existência, soube ser humilde e bom, admirado por suas grandes virtudes. Em 1881 — segundo informa Francisco Horta, de cuja obra **Monsenhor Horta (esboço biográfico)** extraímos os dados aqui alinhados — é que começou a sua ascensão ao sacer-

Escuta-nos, Mestre, e vem...
Retifica-nos o passo
Para a estrada corrigida,
Sustentando-nos a vida,
Na força do Eterno Bem.

Dá-nos, Jesus, tua bênção,
Que nos consola e levanta...
Que a tua doutrina santa
Vibre pura e viva em nós!
Faze, Senhor, que nós todos,
Na caminhada incessante,
23 Cada dia, cada instante,
Possamos ouvir-te a voz.

Ampara-nos a esperança,
Socorre-nos a pobreza,
Liberta nossa alma presa
28 Do erro e da imperfeição!...
Mestre excelso da verdade,
Hoje e sempre, em toda parte,
Ensina-nos a guardar-te,
No templo do coração.



dócio católico, até ser elevado à dignidade de Monsenhor, tendo exercido altas funções na diocese de Mariana. Deixou várias composições poéticas, como «Caminho do Céu», «Vozes do Crente», «Ave Maria!...», etc., todas impregnadas de unção religiosa. (Estância de Monte Alegre, Município de Mariana, Minas Gerais, 20 de Junho de 1859 — Mariana, 31 de Março de 1933.)

23. Cf. nota nº 2, pág. 36.

28. Ler assim este verso:

“Do/ er/ro e/ da im/per/fei/ção”
1 2 3 4 5 6 7



REDENÇÃO

Acusado sem culpa ante a calúnia infrene,
Explico-me a chorar, no entanto é assim que eu morro...

3 "Deus! Ampara-me, ó Deus!" — exoro por socorro,
Sem que a força do Céu me responda ou me acene.

5 N'alma, remorso algum... Nada que me condene...
Nas raias da agonia, em pranto jorro a jorro,
A bênção da oração é o teto a que recorro,
A render-me, sem mágoa, ao minuto solene.

(*) Farmacêutico, orador, jornalista e poeta, viveu durante muitos anos na cidade de Campo Grande, Mato Grosso, transferindo-se, mais tarde, para Catalão, onde exerceu diversos cargos, inclusive o de substituto no Cartório de Registro Civil. Colaborou em vários jornais da época, tendo sido um dos fundadores de *O Esporte*, folha catalana. «De esmerada educação e muito caridoso» — di-lo Coelho Vaz em *Vultos*

Mas quando o corpo tomba exânime, cansado,
Vejo-me, austero algoz, a rugir no passado,
Em vômitos de lama e cólera assassina...

O lobo então que eu fora, o suplício desterra!
Glória à reencarnação! Glória às dores da Terra,
Em que se cumpre a Lei da Justiça Divina!...



Catalanos, pág. 93 —, foi, entretanto, bárbaramente trucidado na via pública, acusado de um crime por ele não cometido. (Jataí, Goiás, 22 de Julho de 1904 — Catalão, Goiás, 16 de Agosto de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *Meu Nirvana*; *Retalhos*, inédito.

3. Mesarquia: "Deus! Ampara-me, ó Deus!" — Cf. nota 7, pág. 42.
5. Cf. nota nº 1, pág. 44.

CONFIDÊNCIA

Senhor,

O carpinteiro

Trouxe a madeira pobre ao banco de talhar

E, manejando a enxó, o serrote e o formão,

5 Cortou-a sem piedade...

Ninguém lhe ouviu reclamação alguma.

Findos alguns instantes,

Era coluna simples.

Dentro de pouco tempo,

Ei-la peça lavrada,

Em caminhão bulhento,

E levada a servir nas construções dos homens,

Sem perguntar, sequer,

Pelo próprio destino:

Se devia brilhar no teto de um palácio

Ou pisada no chão de cabana esquecida...

Ajuda-me, Senhor,

A entender a lição dessa coluna humilde!...

Que eu saiba agradecer

A dor que me depura

E depois receber

A mercê de servir-te,

Quando e quanto quiseres,

Como e seja onde for...

(*) O poeta não se identificou perante a reunião em que a página foi psicografada.

5. Leia-se *pie-da-de*, com sinérese.

RETORNO

O pesadelo foge!... Eis que a vida me chama...

Triste recinto escuro asila-me por leito.

Ergo-me fatigado, além do espaço estreito,

E abandono, tremente, o cárcere de lama.

5 Há noite no caminho e noite no meu peito...

O vento no cipreste é minha dor que clama.

7 O nome, o lar, o apreço, o ouro, a glória, a fama,

Tudo, nas mãos da morte, era sonho desfeito.

9 Torno aos meus... Ai de mim! Em vão suplico em casa,

Ninguém escuta ou vê a aflição que me arrasa,

Embora me desmande em rugidos de fera...

Assim, por muito tempo, errei na sombra ignara,

13 A lembrar, por meu mal, o mal que praticara

Agravado na dor do bem que não fizera.

(*) O poeta, por claras razões de humildade, ao transmitir-nos as suas primeiras impressões da vida além-túmulo, não se identificou, perante nós outros, os que assistíamos à reunião íntima da noite de 6/9/61, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas.

5. Cf. nota nº 7, pág. 42.

7. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.

9. Cf. nota nº 1, pág. 44.

13. Cf. nota nº 2, pág. 36.



INFANCIA

Esse vaso de fina porcelana
Que cintila,
Antes de erguer-se, em forma soberana,
Era simples argila.

O rio que o sol beija em ondas de ouro,
Nas planícies amenas,
Era no nascedouro
Um fio de água apenas.

A laranjeira, em pomos tentadores,
Que se eleva e domina,
Antes de ser perfume, seiva e cores,
Era pobre semente pequenina.

(*) Poeta, crítico, contista e jurista, AF concluiu o curso de bacharelado na Faculdade de Direito do Ceará, em 1916, da qual veio a ser professor catedrático. No Território do Acre exerceu vários cargos

13 O homem que exprime as glórias da consciência
14 Com o verbo claro e terso,
Antes de ser o herói da inteligência,
Era uma flor no berço.

Se almejas profligar o mal sem medo,
18 Na suprema reentrância,
Educa, meu amigo, enquanto é cedo,
O coração da infância!



de magistratura. Membro da Academia Cearense de Letras. (Quixera-
mobim, Ceará, 14 de Junho de 1893 — Fortaleza, Ceará, 26 de Agosto
de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *História Azul*, poemeto; **Augusto Linhares**, crítica;
Ideia Fixa, contos; etc. Deixou vasta produção esparsa.

13-18. Ler com sinérese: *cons-ciên-cia* e *reen-trân-cia*.
14. Leia-se *Com o* em uma sílaba (Eclipse).



O ESPÍRITO

- Rompeu-se a grade.
2 Pássaro livre plana, plana...

- No solo profundo,
partiu-se o grilhão de pedra.
5 A fonte corre, corre...

- O livro continha letras enfileiradas,
correntes encarcerando a ideia.
8 Mas a ideia era chama e fugiu...

(*) Contista, romancista, e poeta do grupo dos «novíssimos», cursava o 5º ano da Faculdade de Direito de S. Paulo, quando desencarnou. Nos últimos tempos de ginásio, colaborava nos jornais de Itápolis. Depois encetou a publicação de poesias e contos nos periódicos *Álvares de Azevedo*, *Tribuna Liberal*, *XI de Agosto*, etc. Orador oficial da Associação

Cântico que persistes nas lonjuras do céu,
onde a garganta que te soltou a melodia das masmorras de
[sombra

para a festa dos sóis?
Perfume que vagas, aéreo,
onde a flor que te vazou a essência da terra limitada
para o espaço infinito?
Quem és, luz que esgarçaste a bruma de todas as prisões?

- 16 Ave, regato, pensamento, som, aroma,
tudo que voa no sem fim,
alga consciente e imóvel, no oceano do tempo,
sou eu,
o Espírito que transcende os estágios da carne e as máscaras
[da morte,
para ser em triunfo
22 o pólen do Universo!

Acadêmica «Álvares de Azevedo», aos 19 anos já «era o representante intelectual do corpo discente da Faculdade» (apud Xangô e..., pág. 12). Em 1936, foi eleito presidente da referida Associação Acadêmica. Redigiu, com Osmar Pimentel e Mário da Silva Brito, a folha universitária *Anhanguera*. Participou do movimento intelectual da «Bandeira», chefiado por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Membro da Academia de Letras da Faculdade. Ulisses Guimarães (apud Dic. Aut. Paul., página 469) disse que ele «foi um lírico, como tal eminentemente subjetivo». «Seus poemas,» — escreveu Dulce Salles Cunha (*Aut. Contemp. Brasileiros*, pág. 229) — «em geral muito pessoais, são quase todos isentos de senões.» (Itajobi, Est. de S. Paulo, 21 de Agosto de 1916 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 23 de Dezembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: Xangô e Outros Poemas, obra póstuma.

2-5. Observe-se o ricochete nos dois versos: «Pássaro livre, plana, plana...» e «A fonte corre, corre...»

8. Epanástrofe: «...encarcerando a ideia./Mas a ideia...» Cf. *Dic. Gramatical* — Português, Prof. Francisco Fernandes.

16. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.

22. Dentro dos moldes modernistas, «O Espírito» guarda aquela beleza das coisas transcendentais. «Pólen do Universo — o Espírito» — imagem das mais admiráveis; «soltar a melodia das masmorras de sombra para a festa dos sóis»; «esgarçar as brumas de todas as prisões» — são versos que pelo

EU SÓ

- 23 Eu só e o surdo mundo...
O leito me veste em branco.
As cadeiras repousam em branco.
As paredes estão levantadas em branco,
sustentando o teto parado, em branco.
As janelas talhadas em branco
deixam passar o vento gárrulo e brincalhão,
que desliza sem cor.
As cortinas, parecendo longas mãos brancas,
engastadas nos braços rijos da porta,
acenam adeus, em branco.
- 34 Eu só e o surdo mundo...
Quero fitar os rostos que me cercam,
mas vejo apenas semblantes graves,
semelhantes a camafeus de cobre em placas de alumínio.
Quero gritar o terror do desconhecido,
mas a boca foi trancada pelas chaves da névoa muito branca
que me envolve de todo...
Falam somente em mim as grossas gotas brancas
que me rolam da face.

- Eu mudo e o surdo mundo...
Depois de muitas horas da expectativa em branco,
45 na vazante branca em que ainda respiro,
surge a enchente das sombras.
Tudo crepeia em torno...

seu poder imagístico e dinamismo expressivo por si sós revelam a perícia do poeta para contagiar o espírito do leitor com o belo que dimana de seus versos livres. Aliás, Pero Neto preenche a finalidade do poeta: "fixar a beleza que passa", com a diferença de que ele fixa, agora, a beleza que nunca passará — o Espírito.

23-34. Observem-se, versos mais abaixo, as variantes do antecanto — "Eu só e o surdo mundo".

45. Digno de nota o gosto obsessivo do poeta pelo vocábulo "branco", chegando a praticar, quase, a batologia.

Céus! Não sou Deus
que traduz a noite em poema de estrelas,
nem pirilampo humilde que acende a lanterninha lucilante...

- Eu cego e o surdo mundo...
52 Levanto-me, tateio, choro, clamo, esmagado pelas mós invisíveis
[da escuridão,
por muito tempo...

De improviso, porém, nova luz rasga as trevas, e os fotônios,
que me atingem as pupilas cansadas, dizem-me sem palavras
para que me aquiete,
anunciando, por fim,
que Deus é meu pai
e que a Vida é minha mãe,
guardando-me nos braços,
para sempre, para sempre!



52. Atente-se na dinamização expressiva dada pelo assíndeto.



NA JAULA
DA
CARNE

Fôra em prisca existência o gênio da batalha,
Era o saque, o terror e a morte em casa alheia...

3 Agora, reencarnado, em vão ruge, guerreia,
Ataca, deblatera, apedreja, retalha.

5 Obsesso infeliz, estrídulo gargalha;
De outras vezes, a sós, anárquico, pranteia.
Traz o cérebro em chama — incendiada cadeia —,
A ocultar-se na sombra e a surgir sobre a palha.

(*) Destacado poeta do grupo da **Nova Cruzada** e jornalista precoce, Galdino de Castro, formado em Medicina, depois de desistir do curso jurídico, foi clínico e político. Colaborou em vários periódicos da Bahia, fundando alguns até mesmo nos tempos colegiais. Dedicou-se ao magistério anos antes de transferir-se para S. Paulo, depois de abandonar a literatura. «Dos livros que anunciava — **Pavilhões, Auriflamas, Troféus** — não publicou nenhum.» (Salvador, Bahia, 18 de Abril de 1882 — S. Paulo, 23 de Agosto de 1939.)

“Louco!” — proclama a Terra. Ele blasfema e chora,
Contempla, estarecido, as vítimas de outrora,
Réu da própria consciência em hórrida clausura...

Guarda a soma integral das culpas de outras vidas,
Mas, no hospício do mundo, em convulsões doridas,
14 Ele é tido por monstro em longa noite escura.

OBSESSOR

— “Misericórdia, irmãos!...” — Em súplica, na praça,
16 O condenado à força estorcega-se e geme.
A turba aos empuxões — enorme nau sem leme —
18 Abisma-se no mar da violência devassa.

O réu chora, maldiz a sentença e ameaça...
O carrasco desdobra espessa corda creme.
Tomba a cabeça irada, o torso rola, treme,
22 Bamboleando ao clamor da imensa população.

Mas do corpo suspenso, agora inerte e quedo,
24 Sai o Espírito em sombra — um saltador sem medo —,
De olhar a reluzir, em lúgubre transporte...

Qual fantasma do crime a destilar vingança,
Segue, em revolta extrema, e intemorato alcança
O implacável juiz que o condenara à morte.

3. Aliteração em *rr*.
5. Suarabácti: “o-b-ses-so”. Cf. nota 1, pág. 47.
14. Cf. o soneto “Noturno” (*apud Pan. IV*, pág. 267) e observe-se que o esquema rimático dos tercetos é idêntico ao de “Na Jaula da Carne”, em que o poeta explica a causa remota da loucura de que, hoje, muitos irmãos nossos são portadores na cela dos manicômios.
16. *estorcega-se*: o mesmo que *estorcer-se*. Note-se o efeito deste verbo.
18-22. Ler com sinérese: *vio-lên-cia* e *bam-bo-lean-do*.
24. Ler *sal-tea-dor* em três sílabas.



QUADRAS

A vida compra a granel
Na ilusão que a desfigura.
O tempo cobra, fiel,
À porta da sepultura.

*

Medalha, comenda e pluma,
Exigindo apreço e aceno,
Parecem montões de espuma,
Cobrindo sabão pequeno.

*

(*) Fêz os estudos primários e secundários em João Pessoa, formando-se, em 1908, pela Faculdade de Direito do Recife. Redator de *A União* e diretor da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. «Poeta magnífico,» — afirma Edgard Rezende (*Os Mais...*, pág. 179) — «produziu composições impregnadas de lirismo suave e encantador.» Era-lhe, porém, a trova

Paixão é fogo por nada.
14 Febre alta e recaída...
Tanta tinta derramada,
16 Tanta conversa perdida.

*

Fitai o juízo à frente;
Excesso, taça e folia
Acabam frequentemente
Na sala de anatomia.

*

A lei é peso e medida,
Tende cautela, mortais!
Do que buscamos na vida,
Na morte teremos mais.

ACENDALHAS

Pensei que a morte ocultasse
A noite pesada e fria,
E a morte deu-me outra face
Dos sonhos de cada dia.

*

um dos gêneros prediletos, e Luiz Pinto (*Ant. da Paraíba*, pág. 23) afirma ter sido ele, AF, «um repentista temido e de incomparável fecundidade», a manejar com inteligência a sátira, sua insuperável arma de combate. (Praia de Lucena, Município de Santa Rita, Paraíba, 11 de Fevereiro de 1880 — João Pessoa, Paraíba, 9 de Abril de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: *Auras Paraibanas*; *Visões de Outrora*; *Soluços de Realejo*; etc.

14. Leia-se com hiato: *Fe/bre/ al/ta*.

16. “Tanta.../Tanta...”: Anáfora — “Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de vários VERSOS...” (Geir Campos, *Op. cit.*)

Acolhe, afaga e conserva
O passo sem ilusão.
Toda carne é igual à erva
Que nasce e retorna ao chão.

*

Se a flama do amor te invade,
Não tentes ócio e prazer.
Amor é felicidade
A refulgir no dever.

*

O verbo enfeitado e ameno,
De muita beleza humana,
Parece mel com veneno
Em taça de porcelana.

*

Remorso fremindo em chaga,
Na desculpa que alivia,
E' como a dor que se apaga
Ao toque da anestesia.

*

Esse diamante que vês,
De faces luminescentes,
Viveu séculos talvez
No chavascal de serpentes.

*

Ergue ao Céu a moradia
Da própria felicidade.
Na Terra toda alegria
Paga imposto de saudade.

*

Escritor que atende ao mal
Dando o mal por satisfeito,
Da pena talha o punhal
Que, um dia, lhe vara o peito.

*

Quando o corpo, inerte, expira,
Notamos, amargamente,
Quanta gente na mentira,
64 Quanta mentira na gente.

*

Afirmas que é hipocrisia
Sorrir para a falsidade.
Mas que outra coisa seria
O ensino da caridade?

*

Humilhado! Mesmo assim,
Perdão é a glória que levas.
A noite ensombra o jardim,
72 O jardim perfuma as trevas.

*

Muita cautela, Maria,
Cuidado no coração.
Um namoro, cada dia...
Amor não é isso, não.

*

64. Cf. nota nº 16 deste capítulo.

72. "...o jardim,/ O jardim...": Anadiplose — "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete no começo de um VERSO a palavra ou frase final do verso anterior..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

Evita a palavra turva,
Sê claro, de longe ou perto.
Na estrada de muita curva,
O desastre chega, certo.

*

Não condenes quem resvala
Onde o vício se avolume.
Muita flor que enfeita a sala
Nasceu na fossa de estrume.

*

Desfaz-se a ostra em escolhos,
Brilha a pérola na rua.
A morte nos cerra os olhos,
Mas a vida continua.

HISTÓRIAS EM QUADRINHAS

No sepulcro, em desconforto,
Quanta mágoa em Maristela!
A triste, buscando o morto,
E o morto, fugindo dela.

*

Noutra vida, o potentado
Batia, em fúria tremenda...
Hoje é um colono aleijado
Em sua velha fazenda.

*

Era paixão incomum...
No entanto, o tédio, depois,

103 Trouxe morte para um
104 E obsessão para dois.

*

Leontina, sempre enganada,
De tão vaidosa e faceira,
Embora desencarnada,
Não se desfaz da caveira.

*

Queria tanto conforto,
Carícias, redes e abanos,
Que mesmo depois de morto,
Dormiu por duzentos anos.

*

Sentava-se em mesa de ouro,
Passava fome por vício,
Mas deixou todo um tesouro
Na fossa do desperdício.

*

Outrora, sabia tudo,
Era um homem de apogeus.
Agora, é um doente mudo,
Rendendo graças a Deus.



103. Leia-se com hiato: *pa/ra/ um*.

104. Quanto à palavra "o-b-ses-são", cf. nota 1, pág. 47 (Suarabácti).



TERNURA
MATERNAL

I

As paredes da casa em vão procuro,
Quero dizer adeus e não consigo...

- 3 Vejo apenas o vulto amargo e amigo
Da morte que me estende o manto escuro.

Choro a estirar-me, trêmulo, inseguro;
O leito ensaia a pedra do jazigo...
Padeço, clamo e indago a sós comigo,
Qual pássaro que tomba contra um muro.

(*) Jornalista, romancista, poeta, crítico, autor dramático, Carlos D. Fernandes residiu em várias cidades e, por onde passava, era temido por sua combatividade característica. Esteve no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Pará, no Recife. De sua vida nesta última cidade, onde se formou em Direito, Gilberto Amado, em *Minha Formação no Recife*, dá-nos

A névoa espessa enreda o corpo languê.
E' o terrível crepúsculo do sangue
Que me tinge de sombra os olhos baços;

Mas surge alguém, no caos que me entontece,
E' minha mãe, que alonga as mãos em prece,
Doce estrela brilhando nos meus braços!...

II

- 15 Ave que torna, em chaga, ao brando ninho,
Ouço divina música na sala,
E' a sua voz celeste que me embala,
Motes do lar que tornam de mansinho.

- 19 Ergo-me agora... O corpo é o pelourinho
De que me desvencilho por beijá-la...

- 21 "Mãe! Minha Mãe!..." — suspiro, erguendo a fala,
A soluçar de júbilo e carinho.

fiel descrição do poeta. Como redator, ou colaborador, escreveu em inúmeros jornais e revistas. Amigo dos mais calorosos de Cruz e Souza, participou do movimento da *Rosa-Cruz* e da *Meridional*, segundo informações que colhemos em A. Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, pág. 195). (Mamanguape, Paraíba, 20 de Setembro de 1875 — Rio de Janeiro, Gb, 9 de Dezembro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: *Solaus*; *Vanitas Vanitatum*; *Livro das Parcas*; *Terra da Promissão*; etc.

3. Note-se o efeito expressional resultante da aproximação de *amargo* e *amigo*.

15. Há leve semelhança deste soneto com "Volta à Casa Paterna" de Luís Guimarães Júnior. Todavia, aqui o poeta consegue receber, em generosas manifestações de carinho, as vibrações de coragem do amor materno, que lhe aconselha dormir e sonhar para, em breve, "acordar no berço de outra vida."

19. Cf. nota nº 1, pág. 44.

21. Cf. nota nº 7, pág. 42.

23 — “Dorme, filho querido! Dorme e sonha!...”
Nossa velha canção terna e risonha
Regressa com beleza indefinida...

Tomo-lhe os braços em que me acrisolo
E durmo novamente no seu colo
Para acordar no berço de outra vida.



23. Cf. nota nº 2, pág. 36.

GONÇALO Casimiro JÁCOME de Araújo *



ROGATIVA

PATERNAL

Deixem-me o corpo assim na cova rasa,
2 Sem símbolos, sem lousa, sem legenda...
Amados filhos meus, ninguém se ofenda,
Embora o imenso adeus de pranto em brasa.

5 Parto, revendo a infância e a velha casa,
As paredes de barro, o pão da venda,
E a pobreza que sofre sem contenda
No lar onde o carinho se extravasa.

(*) Discípulo de Cruz e Souza, integrante ativo do grupo da **Rosa-Cruz**, Gonçalo Jácome, depois de cursar, por algum tempo, a Escola Militar da Praia Vermelha, foi funcionário dos Correios do Rio de Janeiro. A. Muricy (**Pan. Mov. Simb. Bras.**, II, pág. 184) diz que GJ «nunca deixou (...) o tom típico, a ênfase e o hermetismo de poeta **nefelibata** ou **decadente**». Prefaciando-lhe a obra **Inanis Labor**, achou Carlos D. Fernandes que GJ era «um místico dos primeiros séculos do Cristianis-

- Nem coroa, nem manto, nem adorno,
10 Nem o luto que a lágrima entretece,
Nada que de mim mesmo, em vão, me forre!

Sentindo o sol de Deus vibrando em torno,
Quero sòmente os júbilos da prece
Na alegria do amor que nunca morre...



mo». (Pernambuco, 27 de Fevereiro de 1875 — Rio de Janeiro, Gb, 10 de Novembro de 1943.)

BIBLIOGRAFIA: Felix Culpa e Inanis Labor.

2. Atente-se na repetição intencional da preposição *sem*. Cf. Olavo Bilac, último verso do soneto "Só" (*Poes.*, pág. 182); Mário Pederneiras, 4º verso do soneto "Eterna" (*apud* Rodrigo Octávio Filho, N. Cl., nº 29, pág. 67) e Castro Alves, "Navio Negreiro" (*Poes. Compl.*, pág. 531):

Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

5. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.
10. Anáfora: "Nem coroa, nem... / Nem o luto..."

UM AMIGO *

REGRESSO

Quis tornar, e voltei da mansão luminosa
Ao sítio que eu deixara em franca primavera.
Entretanto, ai Senhor! E' a lágrima que espera
A ilusão que eu guardava, indefinida e ansiosa...

- 5 O caminho de entrada, envolto em giesta e rosa,
6 Mostra agora murais de lodo sob a hera,
Transformara-se a casa em medonha tapera,
Monte de pedra e cal sobre a terra arenosa.
- 9 Ah! funesta ilusão, que inda agora me esmagas!...
Esposa, filhos, bens, tudo, tudo fugira,
Nem sequer uma flor que sonhe ou reconforte...
- 12 Caio vencido e só... O pranto corre em bagas,
E agradei chorando os golpes da mentira,
A escola que há no tempo e a lição que há na Morte!

(*) O comunicante não se identificou para os assistentes da reunião a que compareceu pelas mãos do médium.

5. Ler *gies-ta*, com sinérese.
6. Leia-se com hiato: *sob/ a/ he/ra*.
9. Atente-se na apóstrofe: "Espécie de FIGURA pela qual o autor interrompe o curso de uma narrativa para dirigir-se inesperadamente a alguém ou alguma coisa..." (Geir Campos, *Op. cit.*)
12. Cf. nota nº 1, pág. 44.



N A T A L

Natal! Grande bolo à mesa,
2 A árvore linda em festa.
O brilho da noite empresta
Regozijo ao coração...
E' como se a Natureza
Trouxesse Belém de novo
Para os júbilos do povo
Em doce fulguração.

Tudo é bênção que se enflora,
De envolta na melodia
Da luminosa alegria
Que te beija e segue além...

(*) Poetisa de fino talento e bela inspiração. A seu respeito, diz Enéas de Moura (Colet. Poetas Paul., pág. 97): «Começou seus estudos no Colégio Florence, de Jundiaí, e os terminou no Sion, de São Paulo. Colaborou na Revista Feminina; foi a criadora das crônicas sociais do

Mas se reparas, lá fora,
O quadro que tumultua,
Verás quem passa na rua
16 Sem ânimo e sem ninguém.

Contemparás pequeninos
De faces agoniadas,
Pobres mães desesperadas,
Doentes em chaga e dor...
E, ajudando aos peregrinos
Da esperança quase morta,
Talvez enxergues à porta
O Mestre pedindo amor.

E' sim!... E' Jesus que volta
Entre os pedestres sem nome,
Dando pão a quem tem fome,
Luz às trevas, roupa aos nus!
Anjo dos Céus sem escolta,
Embora a expressão serena,
Tem nas mãos com que te acena
Os tristes sinais da cruz.

Natal! Reparte o carinho
Que te envolve a noite santa.
Veste, alimenta e levanta
O companheiro a chorar.

Correio Paulistano.» Contista, escreveu na Feira Literária, e em 1921 estreava como romancista, publicando **Rosa Maria**. No Cemitério da Consolação, de S. Paulo, os filhos da poetisa erigiram-lhe um túmulo, onde gravaram o bellissimo soneto «Último Desejo», de autoria dela. (Amparo, Estado de São Paulo, 8 de Abril de 1887 — Rio de Janeiro, Gb, 21 de Maio de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: Primeiro Vôo; Gorjeios; O Tutor de Célia, contos; etc.

2. Leia-se com hiato: A/ ár/vo/re.
16. Cf. nota nº 2, pág. 36.

E, na glória do caminho
Dos teus gestos redentores,
Recorda por onde fores
Que o Cristo nasceu sem lar.

ESSE PEQUENO...

Esse pequeno sòzinho,
À noite, no pó da estrada,
De roupa suja e rasgada,
44 Que passa pedindo pão,
E' um anjo pobre a caminho,
Sob inocente amargura...
Pássaro triste à procura
De ninho e consolação.

Criança desconhecida...
50 Dormirá? Quem sabe onde?...
51 E' órfão?... Ninguém responde.
Aceita o que se lhe dê.
Quantas mágoas tem na vida,
Quanta miséria a consome,
55 Quanto anseio, quanta fome,
Ninguém sabe, ninguém vê...

Nunca lhe atires ao lado
Qualquer palavra ferina...
Socorre, ampara, ilumina
Em nome do Eterno Bem,
Que esse menino exilado,
62 Sem lar e sem companhia,
63 Se o Céu quisesse podia
Ser teu filhinho também!

44. Aliteração em *p*.

50-51. Ler com hiato: *sa/be/ on/de* e *E/ ór/fão*.

55. Poliptoto: "Quantas.../Quanta.../ Quanto..."

62. Cf. nota nº 2, pág. 36.

63. "Se o Céu quisesse podia." Entenda-se: se a Espiritualidade Maior indicasse...

Encoraja-lhe a esperança,
Envolve-o no teu sorriso
E sentirás, de improviso,
A bênção de doce luz!
E' que no amor da criança,
Que te agradece o carinho,
Receberás, de mansinho,
A gratidão de Jesus!

NÃO JULGUES

Não julgues o companheiro
Por desumano e insensato
Porque te não busque o trato,
Nas rosas de teu jardim.
Entende, ampara primeiro...
Não digas, em contra-senso:
— "Decerto, isso é como eu penso,
Deve aquilo ser assim..."

Muita vez, quem vai ausente,
Do conforto que te afaga,
Mostra o peito aberto em chaga,
A golpes de provação.
E enquanto o céu te consente
A paz das horas seguras,
O pobre irmão que censuras
Traz fogo no coração.

De outras vezes, quem se isola,
Longe de falas e festas,
Não tem o mal que lhe emprestas,
Nem delibera fugir.
Apenas vive na escola
Do dever e da constância,
E se respira, a distância,
E' para melhor servir.

Não vasculhes lodo e jaça,
Mirando a alheia conduta.
Quase sempre há dor e luta
102 Onde vês passo infiel.
Frequentemente, na taça
Que aparenta vinho oculto,
O pranto cresce de vulto,
Tisnado de angústia e fel.

Se ensinas a caridade,
Ouve Jesus que nos chama!
Não guardes vinagre e lama
Sob a fé que te conduz.
Acende a luz da bondade,
Porquanto também um dia
Mendigarás simpatia
Nas sombras da própria cruz!

PERDOA

Recebe a provação de alma serena.
Desculpa todo golpe que te doa.
Guarda contigo a paz singela e boa,
Inda mesmo ante a voz que te condena.

Tudo no mundo é caridade plena.
A fonte beija a pedra que a magoa.
A estrela mostra o brilho na lagoa.
A rosa enfeita o acúleo que envenena.

A árvore esquece o vento que a desnuda.
A Terra inteira serve, humilde e muda.
A chuva desce ao bojo da cisterna...

102. Leia-se *in-fi-el*, com diérese.

Perdoa e quebrarás grilhões e algemas,
Buscando, enfim, as vastidões supremas
Para a glória do amor na vida eterna.

DESCULPA

Escuta serenamente
Quem te repele ou censura.
Há muito fel de amargura,
Em forma de maldição.
Às vezes quem te maltrata
Arrasta apenas consigo
Sede, fome e desabrigo
Por brasas no coração.

Quem te injuria e escarnece,
Na frase agressiva, azeda,
Em si sofre a labareda
Que verte do próprio mal.
Toda cólera é doença.
Aquele que se enraivece
Solicita o pão e a prece
Do socorro fraternal.

Muita gente cai nas trevas,
Por não achar, no caminho,
Brandura, silêncio e ninho,
No peito amigo de alguém.
Inda que ofensas te cubram
E lâminas te retalhem,
Que as tuas forças não falhem
Na força que espalha o bem.

Desculpa, constantemente,
O golpe, a pedrada, o insulto,
Apesar do pranto oculto,
Amargo, desolador!

155 Quem tolera e quem perdoa,
Embora de alma ferida,
Encontra, na própria vida,
O reino do Eterno Amor.

DEUS TE ABENÇOE

Deus te abençoe o gesto de carinho,
Alma da caridade, branda e pura,
Pela migalha de ventura
Aos tristes do caminho.

Deus te abençoe a refeição sem nome
Que trazes, cada dia,
165 Aos cansados viajores da agonia
Que esmorecem de fome.

Deus te abençoe a roupa restaurada
Com que vestes, contente,
A penosa nudez de tanta gente
Que vagueia na estrada!...

Deus te abençoe a bolsa de esperança
Que abres, a sós, sem que ninguém te espreite,
Para a gota de leite
Destinada à criança...

Deus te abençoe o pano do lençol
Com que envolve, em doce cobertura,
Os enfermos que choram de amargura,
À distância do sol.

155. Cf. nota nº 2, pág. 36.

165. Ler *via-jo-res*, com sinérese.

Deus te abençoe, por onde fores,
E te conserve as luzes
Em que extingues, removes ou reduces
Os problemas, as lágrimas e as dores!

183 Deus te abençoe a fala humilde e santa,
184 Com que aplacas a ira
Da calúnia, do escárnio, da mentira,
Na frase que perdoa e que levanta.

Caridade, que o teu nome ressoe,
Pleno de amor profundo,
E por tudo o que fazes neste mundo,
Deus te guarde e abençoe!...



183. Note-se a mestria com que a poetisa se serve do cólon “Deus te abençoe...”. — Cólon: “Expressão usada pelos preceptistas gregos para designar um MEMBRO MÉTRICO qualquer, repetido no poema sempre com as características métricas e rítmicas...” (Geir Campos, *Op. cit.*)

184. Ler com hiato:

Com/ que a/pla/cas/ a/ i/ra.



REENCARNAÇÃO

Há séculos, num carro de esplendores,
Minha vida era a angústia de outras vidas,
Estrçalhava multidões vencidas,
Coroadado de púrpura e de flores.

- 5 Depois... a morte, os longos amargores...
Depois ainda... a volta a novas lidas,
O berço pobre, o manto de feridas,
8 A solidão e os prantos redentores.

(*) Poeta, jornalista e teatrólogo. Filho de pais pobres, só à custa de muito trabalho e esforço próprio conseguiu ocupar o cargo de tesoureiro na Prefeitura Municipal de Bauru. Inteligente e estudioso, fêz parte da redação do *Correio da Noroeste*, da mesma cidade. Por volta de 1930, ao saber-se portador do mal de Hansen, abandonou aqueles cargos. Internando-se no Asilo Colônia de Aimorés, prestou ativa e ampla colaboração às autoridades do Sanatório e aos companheiros de infortú-

Volve do rei antigo um réu que espanta,
E o Senhor concedeu-me a lepra santa
Para cobrir-me em chagas benfazejas!...

Mas, hoje, livre enfim de toda algema,
Posso saudar a dor justa e suprema:
— Emissária da luz, bendita sejas!...



nio. Transferido, em 1937, para o Asilo Colônia de Pirapitingui, aí construiu e dirigiu um Centro Espírita, que, a seu tempo, constituía autêntico oásis de paz para quantos ali se encontravam agrilhoados ao carro da provação. Sua vida, como ele mesmo o afirmou (*Flores de Outono*, pág. 7), «está dividida em duas etapas, — a do homem comum, sem objetivo além da morte, e a do homem espírita-cristão, que já viu os clarões da aurora boreal da imortalidade». Não obstante coberto pelo manto da lepra redentora, o poeta de «Uma Vida» soube alimentar a esperança, confiante na Providência. (Borebi, Est. de S. Paulo, 12 de Julho de 1902 — Asilo Colônia Pirapitingui, Est. de S. Paulo, 16 de Fevereiro de 1947.)

BIBLIOGRAFIA: *Flores de Outono*.

5. Cf. nota nº 1, pág. 44.
8. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.



HORA
EXTREMA

Céu de chumbo a rugir na imensidão remota
Verte em largos bulções indômita procela.

3 No tempestuoso mar que se agita e encapela,
Sofro o anseio febril dos náufragos sem rota.

Mergulho a vastidão, qual mísera gaivota
Que, em tentando fugir da nau que se esfacela,
Logra apenas ferir-se e tombar junto dela,
Sonho audaz de infinito amargando a derrota.

(*) Poeta lírico de inspiração invulgar, o autor de «Cisnes» estudou em Nova Friburgo e no Rio, aí se bacharelou em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Advogou durante alguns anos, sendo posteriormente promotor público na comarca de Paraíba do Sul e de Friburgo, no Estado do Rio. Fixou-se, depois, na terra carioca, onde continuaria a exercer a advocacia. Nilo Bruzzi (Júlio Salusse, o último Petrarca, pág. 16) considera-o o «maior poeta platônico deste século.

Desço às vascas do fim, no pélago profundo...
Irrompe de improviso a tela de outro mundo,
Sob a luz que transcende os fastos da memória.

Faz-se a treva esplendor, raia o dia opulento...
Ante a luz divinal, que banha o firmamento,
Levanto-me do abismo, em suprema vitória.



no Brasil» e o «mais delicado romântico havido nas nossas letras». E afirma: «Jamais teve um momento de revolta contra o destino, porque, sendo filho da mais atroz adversidade, recebia a dor como corolário natural da sua existência silenciosa.» Pertenceu à Academia Fluminense de Letras. (Friburgo **, Estado do Rio, 30 de Março de 1872 — Rio de Janeiro, Gb, 30 de Janeiro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Nevrose Azul; Sombras.

** Nilo Bruzzi, in op. cit., pág. 35, diz ter o poeta nascido na Fazenda Gonguy, Município de Bom Retiro, Estado do Rio.

3. Leia-se *tem-pes-tuo-so*, com sinérese.



COLOMBINA

Mascarada mulher o rabeção trouxera.
Morrera em pleno baile a frágil Colombina
E, no egrégio salão de culto à Medicina,
4 O professor leciona, em voz veemente e austera:

— “Rapazes, contemplai! E’ rameira e menina.
6 Tombou ébria no vício e com certeza era
Devassa meretriz, mistura de anjo e fera,
8 Flor de lama e prazer, Vênus e Messalina.”

(*) «Júlia Cortines» — diz Péricles Eugênio da Silva Ramos (*Pan.* III, pág. 246) — «é uma das poetisas selecionadas por Valentim Magalhães para figurarem na parte antológica de *A Literatura Brasileira* (1870-1895). Sua poesia afigura-se realmente parnasiana, de um comedimento e boleio de frase semelhante ao de Francisca Júlia.» E’ ela, segundo afirma o poeta e ensaísta Darcy Damasceno (*in A Lit. no Brasil*,

Em seguida, a cortar, rompe a seda sem custo,
Desnuda-lhe, solene, a alva pele do busto,
Afasta, indiferente, as flores de rendilha...

No entanto, ao descobrir-lhe a face triste e bela,
O mestre cambaleia e chora junto dela...
Encontrara na morta a sua própria filha.

ROMANCE

No vetusto solar da longínqua Provença,
Ao pajem disse a dama, ante pálida lua:
17 — “Nunca te esquecerei!... Sou tua, sempre tua!...”
No outro dia, porém, deu-lhe escárnio e descrença.

Relegado no campo ao suor da charrua,
Entre a mágoa do amor e a humilhação da ofensa,
21 O jovem busca a morte... A morte, em sombra imensa,
Endoidece-lhe o sonho e a vida continua...

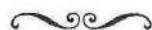
III, t. 1, pág. 376), quem «abre o desfile dos epígonos parnasianos». Sentimento, emoção, cuidado da forma, beleza expressional e correção métrica caracterizam-lhe os poemas, levando José Veríssimo a compará-la à célebre poetisa italiana Ada Negri (*apud E. Werneck, Ant. Brasileira*, pág. 507). (Rio Bonito, Estado do Rio, 12 de Dezembro de 1868 — Desencarnou em 19 de Março de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Versos; Fragmentos; Vibrações.

4. Ler com sinérese: *vee-men-te*.
6. Leia-se com hiato: *com/ cer/te/za/ e/ra*.
8. Para que possamos observar o gosto da poetisa para a alusão a nomes célebres, quer mitológicos quer da vida real, cf. o soneto “A Vingança de Cambises” (*apud Pan.* III, págs. 246-247).
17. Cf. nota nº 2, pág. 36.
21. Cf. nota nº 7, pág. 62.

Mais tarde, a castelã parte igualmente e, ao vê-lo,
24 Desgrenhado e infeliz, no infeliz pesadelo,
Implora outra existência à Bondade Divina...

Hoje, mãe triste e pobre, em lágrimas no arado,
Aconchega no colo um menino entrevado
Que a doença consome e a loucura domina.



24. Cf. nota nº 2, pág. 36.

Antônio Eliezer LEAL DE SOUZA (*)



MORTE
E
REENCARNAÇÃO

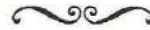
¹ Morrer!... Morrer!... A gente crê que esquece,
Pensa que é santo em paz humilde e boa,
Quando a morte, por fim, desagrilhoa
O coração cansado posto em prece.

Mas, ai de nós!... A luta reaparece...
A verdade é rugido de leoa...
A floração de orgulho cai à toa,
Por joio amargo na Divina Messe.

(*) Ao desligar-se do Exército, dedicou-se Leal de Souza ao jornalismo, tendo sido redator de *A Federação* de Porto Alegre. Iniciou, depois, o curso jurídico, no Rio de Janeiro, sem concluí-lo, porém. Nessa mesma cidade, salientou-se na posição de diretor de *A Careta* e de secretário de *A Noite*, do *Diário de Notícias* e de *A Nota*. Poeta que mereceu louvores de Olavo Bilac, achando João Pinto da Silva (*Hist. Lit. R.G.S.*, pág. 223) que na obra poética dele «há composições que uma crítica

No castelo acordado da memória
Ruge o passado que nos dilacera,
Quando a lembrança é fel em dor suprema...

Sempre distante o céu envolto em glória,
Porquanto em nós ressurge a besta-fera
14 Buscando, em novo corpo, nova algema.



sincera, tanto quanto imparcial, pode perfeitamente classificar entre as melhores de nossa literatura». Fernando Góes (*Pan.* V, pág. 251) assinala que «Leal de Souza escreveu mais tarde dois romances e alguns livros sobre espiritismo, — preocupação que já se encontrava presente em alguns passos do *Bosque Sagrado*.» (Livramento, Rio Grande do Sul, 24 de Dezembro ** de 1880 — Rio de Janeiro, Gb, 1º de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: *Album de Alzira; Bosque Sagrado; No Mundo dos Espíritos; Transposição de Umbrais* (conferência na Federação Espírita Brasileira); etc.

** João Pinto da Silva (*Op. cit.*, pág. 223, nota 1) regista Setembro para o mês de nascimento.

1. Cf. nota nº 7, pág. 62. Além da epizeuxe, vejamos mais: O indefinido *a gente*, tão usado pelos bons autores, dá um ar de familiaridade à comunicação que nos faz o poeta de sua própria experiência nos domínios da morte.

14. Poliptoto: "...em *novo* corpo, *nova* algema." Cf. nota nº 13, pág. 40.

ALFREDO José dos Santos NORA *



DESOBSESSÃO

Vertendo suor em baga,
No médium que o entretém,
3 Ei-lo que chega do além,
4 O Espírito em sombra e chaga.

Dezfaz-se em revolta e praga,
Condena, fere, porém
Escuta o verbo de alguém,
8 Que ajuda, enternece e afaga.

(*) Após estudar Engenharia até o 4º ano do curso, Alfredo Nora abraçou a carreira de funcionário da Central do Brasil. Poeta e jornalista brilhante, colaborou em várias revistas e jornais. «Conquanto fôsse um poeta essencialmente lírico,» — escreveu seu amigo Jorge Azevedo (*Estado de Minas* de 24-9-61) — «possuía, sempre afiado, o estilete da sátira. E, nos seus momentos de euforia espiritual, gostava de perfilar a família em versos leves e humorísticos. E gostava, também, e mui-

Na palavra que renova,
O fogo revel da prova
Agora é bálsamo e luz.

E o pobre, ante a paz bem-vinda,
Embora chorando ainda,
Bendiz o amor de Jesus.

MISSIVA AO COMPANHEIRO

Toda vitória insensata,
Além, na Luz Infinita,
Tem gosto de patarata
Que não sofre contradita.

O orgulho é a velha bravata
Que a morte desfaz sem grita,
Deixando mofo e sucata,
Revolta, choro, desdita...

Sòmente a vida correta,
Guardando Jesus por meta,
Faz a estrada livre e enxuta.

Se não queres a derrota
Da ilusão que abraça e enxota,
Trabalha, edifica e luta.

to, de escrever a amigos cartas em versos.» (Município de Pirai, Estado do Rio, 18 de Novembro de 1881 — Desencarnou em 13 de Novembro de 1948.)

3-4. *Ei-lo... o Espírito...* — “um pronome pessoal ou o demonstrativo átono o, explicados em seguida por uma espécie de aposto:

“Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
As queixas do infeliz”

(Garrett, *Camões*, c. III, XXI, in Sousa da Silveira, *L.*: 278.)

8. O poeta refere-se à palavra do doutrinador.

PAULO SÉRGIO Milliet Duarte da Costa e Silva *



CARTA
A
MEU PAI

Ninguém te ouviu a prece de esperança,
Quando entregaste ao berço, de mansinho,
Meu pobre coração de passarinho
4 Engastado no corpo de criança.

Calado herói do bem que não descansa,
Tanta vez a lutar, mudo e sòzinho,
Ninguém te enxerga o pranto de carinho
Com que me guardas vivo na lembrança.

(*) Foi um moço de admirável inteligência, que «vinha revelando, desde a mais verde juventude, dotes excepcionais de poeta e prosador» (apud *O Estado de S. Paulo*, 10 de Julho de 1949, pág. 11). Acometido de grave enfermidade aos quinze anos, não chegou a terminar a última série do curso ginásial. Datam dessa época as suas primeiras poesias, e o jovem, embora ciente da marcha irreversível da moléstia, «não teve, entretanto, um momento de tibieza, demonstrando, ante a realidade da sua situação, extraordinária fortaleza de espírito» (id., *ibid.*). Além de

E' por isso, meu Pai, que dia a dia
Varo a senda da névoa espessa e fria,
Que o sepulcro de lágrimas nos junca,

Para ofertar-te, ao peito brando e forte,
A certeza da vida além da morte,
Na luz do Amor que não se apaga nunca.

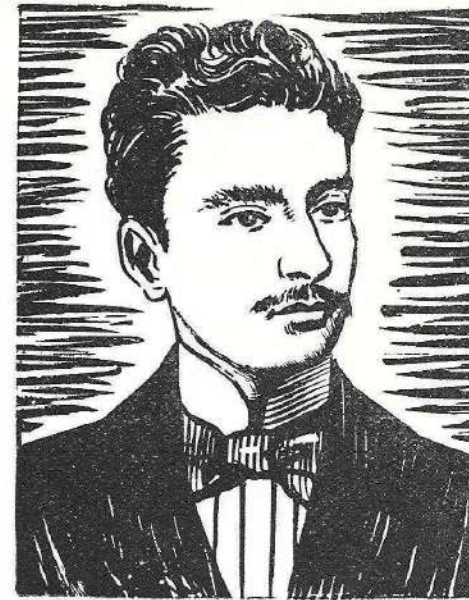


poesias, escreveu igualmente apreciados contos e se revelou novelista e epistológrafo. Versejava com «sedutora espontaneidade», o que levou Antônio d'Elia a afirmar que Paulo Sérgio «nasceu e viveu poeta» (apud **Dic. Autores Paulistas**, pág. 590). Possuidor, porém, de severo senso de autocrítica, apenas consentiu que fôsem dados à estampa alguns de seus poemas. Partiu da Terra sem ter reunido em livro a sua produção esparsa ou inédita, o que só foi feito póstumamente. Na opinião de Dulce Salles Cunha (**Aut. Contemp. Brasil**, pág. 168), foi ele «o jovem de maior sensibilidade poética entre todos os novíssimos». (S. Paulo, Estado de S. Paulo, 28 de Janeiro de 1930 — S. Paulo, SP, 9 de Julho de 1949.)

BIBLIOGRAFIA: Poemas em Prosa; Dez Poemas; Poema da Eterna Caminhada.

4. Leia-se *cri-an-ça*, com diérese.

EMILIO KEMP Larbeck *



ALÉM-TÚMULO

¹ A alma foge à cadeia... o corpo é a cela,
Cova e grilhão de que me desenfurno.
Mas reconheço, humilde e taciturno:
Inda estou preso ao chão que me afivela...

O firmamento exhibe a imensa umbela...
Descanso o olhar nos raios de Saturno...
Milhões de sóis brilhando, ao céu noturno,
São glórias de que a vida se constela...

(*) Depois de realizar seus estudos primários e secundários em Niterói, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Paraná, em 1920. Jornalista, poeta, romancista e comediógrafo. Exerceu importantes cargos técnicos e administrativos em Porto Alegre. Assumiu a direção, em 1913, do tradicional **Correio do Povo**, dessa mesma cidade. No Rio de Janeiro, foi redator de alguns jornais e colaborou nas revistas simbolistas. Membro da extinta Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia

O espaço, nos recôncavos profundos,
10 Eleva, aformoseia, ascende e prova
A luz de que Deus guarda os dons supremos.

Mas, oh mistério! Em meio a tantos mundos,
Dá-nos a morte apenas veste nova
14 Para ingressar nos mundos que trazemos!



PARTE II

Médium: WALDO VIEIRA

Fluminense de Letras. Diz. A. Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, página 176) que EK era considerado «um dos melhores poetas do Rio Grande do Sul». (Niterói, Estado do Rio, 9 de Outubro de 1873 ** — Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 9 de Outubro de 1955.)

BIBLIOGRAFIA: Poesia; Matinal; Luz Suprema; Cantos de Amor ao Céu e à Terra; etc.

** Emílio Kemp é natural do Estado do Rio de Janeiro, mas esteve vinculado, cerca de quarenta e cinco anos, à imprensa e às letras riograndenses. Se este ponto está plenamente confirmado, o mesmo não se pode dizer do ano de nascimento do poeta. A data por nós registada baseou-se em estudos e comparações que realizámos no *Correio do Povo* de 11 de Outubro de 1955, pág. 7; na obra *Contemporâneos Inter-Americanos*, redigida por E. Hirschowicz, pág. 507; no *Colar de Pérolas*, de A. Gonçalves, pág. CIX; e no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 12 de Outubro de 1955, seção que regista os falecimentos.

-
1. Cf. nota nº 1, pág. 44.
 10. Observe-se a adequação dos verbos.
 14. Sobre o esquema rimático, veja-se o soneto "Hora da morte" (*in* Andrade Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, pág. 177).



NA ERA
DO
ESPÍRITO

- 1 O caos invadira a França,
— Olimpo do pensamento.
- 3 O ódio — lobo famulento,
Range as presas com furor.
Nas ruas — Paris descansa;
Em casa — chora em segredo;
Gigante, arrosta, com medo,
As iras do Imperador.

A Nação encarcerada
Lança em nota clandestina
As safras da guilhotina
E explode: — “Revolução!”

(*) Poeta social que exerceu profunda influência sobre a mocidade acadêmica, «o nosso genuíno poeta condoreiro», no dizer de Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Hollanda (*Rev.*, II, pág. 533), estudou Direito no Recife e em S. Paulo, sem, contudo, concluir o curso. É, sem dúvida,

Recorda a Bastilha irada,
Lê Rousseau, à luz da vela,
Esmurra as grades da cela,
Protesta rugindo em vão.

A crença herdada do Cristo
Caíra no sorvedouro
— Turbilhão de pompa e ouro —,
Dobrada ao tacão dos reis.
Em tormento jamais visto,
Nos frios templos, o povo
Exorava aos Céus, de novo,
24 Novos rumos, novas leis.

A Ciência — clava forte —,
Contra as cadeias medievas,
Partia os grilhões das trevas
Em sarcástico festim,
A exprobrar de sul a norte,
Por tirana revoltada:
— “Dominemos! Deus é nada!
A morte — o portal do fim!”

Ninguém na fé militante...
Mavorte, em fúria, galopa
Nos campos de toda a Europa!
Na África — a abjeção!

um dos mais importantes bardos da América. «A sua musa» — disse-o Rui Barbosa — «não é só a da Natureza e a do Amor: é também, e sobretudo, a do Heroísmo, a do Direito e a da Glória.» (Apud **Exposição Castro Alves**, pág. 339.) (Fazenda das Cabaceiras, Município de Muritiba, Est. da Bahia, 14 de Março de 1847 — Salvador, Bahia, 6 de Julho de 1871.)

BIBLIOGRAFIA: *Espumas Flutuantes*; *Gonzaga ou a Revolução de Minas*; *A Cachoeira de Paulo Afonso*; etc.

1-3. Cf. “O Navio Negreiro” (*Poes. Compl.*, págs. 527-528), respectivamente os versos 60º-61º e 65º.

24. Poliptoto: “...de novo,/Novos rumos, novas leis.”

Na Austrália — o progresso infante!
Na Ásia — o suor dos párias
Rola em bagas milenárias!
Na América — a escravidão!

Mas o Espaço se descerra!
Jesus, no esplendor dos sóis,
Recruta gênios e heróis
A iluminar o porvir.
De pólo a pólo, na Terra,
46 Flamejam etéreas lampas,
Mensagens brotam das campas,
Ao toque de ressurgir!

Aos clarões da Imensidade,
Kardec chega e inaugura
A Doutrina viva e pura
Da razão à luz do bem.
O Espírito de Verdade
Semeia Divina Messe,
O Evangelho reaparece
Nas Vozes do Grande Além!

Falam tumbas, dançam mesas,
Nascem livros, surgem almas,
Luzem preces, chovem palmas,
Hosanas aqui e ali!
Consciências dantes presas
Rompem torva cidadela;
Pastor guiando a procela,
Jesus conclama: — “Servi!”

46. *lampas*: luzes, lâmpadas. Em “Mocidade e Morte” (*Poes. Completas*, págs. 45-47), encontramos isto na penúltima estrofe:

.....
“Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por glória — nada, por amor — a campa.”

Ante a ribalta terrestre,
O Direito renovado
Deixa, ao tropel do passado,
Distinções de raça e cor!
Em triunfo, volve o Mestre,
E acende na mente humana,
Desde o palácio à choupana,
O facho do Eterno Amor!...

O mundo voga num misto
De infortúnio e de esperança,
Pranteia a sorrir e avança
Nas Bênçãos do Excelso Pai!
Kardec reflete o Cristo;
Desfralda, em bandeira à frente,
O convite permanente:
— “Espíritas, trabalhai!...”



BRUNO Henrique de Almeida SEABRA *



PRIMAVERAS
DA
AMPLIDÃO

Escuta, amigo, o meu canto
Enamorado do encanto
De um rincão que me seduz.
Brilham páramos de sonho
Além, no espaço risonho,
Vestidos de paz e luz!...

Lá, seres alvinitentes
São como vivas nascentes
De indefinível fulgor.
Jorram bênçãos, lado a lado,
Quais estrelas no relvado
Florindo bondade e amor.

(*) Poeta lírico por excelência, «gostava de escrever sobre assuntos pátrios e foi exímio pintor de cenas, costumes e tipos nacionais», notabilizando-se também como romancista, comediógrafo e folhetinista. Exerceu o cargo de secretário da Presidência das antigas Províncias do

Em toda a parte fulgura
Clarão de doce ternura
Nas almas que vão e vêm.
Há canções e melodias
Por mensagens e alegrias
Nas vozes do Eterno Bem.

E por mais o homem na Terra
Pense e sonhe, não descerra
Os amplos e espessos véus
Que envolvem as maravilhas
23 Desses ninhos, dessas ilhas,
No azul imenso dos céus.

Há perenes primaveras
Pelos edens sem quimeras,
Refulgentes na amplidão.
Formosos e ternos lares
Guardam anjos tutelares
Dos perdidos na aflicção.

Lábios puros, cristalinos,
Dizem preces, cantam hinos,
Bendizando Nosso Pai.
A musa que enleva e chora,
35 Em louvores vibra e ora,
E exclama: — “Regozijai!...”

Paraná, Alagoas e Bahia. Membro de várias Sociedades cultas do Rio, da Bahia e de Lisboa. J. Eustachio de Azevedo chamou-lhe «o João de Deus paraense», «o poeta do coração», acrescentando: «O sentimento que as suas poesias exprimem é espontâneo, pelo simples motivo de ser a linguagem pura do coração.» (Pará, a bordo de um barco ancorado nas proximidades da ilha Tatuoca, 6 de Outubro de 1837 — Salvador, Bahia, 8 de Abril de 1876.)

BIBLIOGRAFIA: Tipos Burlescos; Flores e Frutos; etc.

23. Cf. nota nº 13, pág. 40.

35. Ler com hiato: *vibra e/ ora*. Atente-se, ainda, no polissíndeto: “e ora, / E exclama”.

Quem andeja pelo mundo
Repartindo o bem fecundo
Por ali vai residir,
Esperando vidas novas
De prazeres e de provas,
Ao sol do Grande Porvir.

Escuta, amigo, o meu canto
Enamorado do encanto
De um rincão que me seduz.
Brilham páramos de sonho
Além, no espaço risonho,
48 Vestidos de paz e luz!



48. “Primaveras da Amplidão” responde definitivamente às dúvidas do próprio autor, por ele externadas, quando no plano físico, na sua poesia — ?, cujo fim transcrevemos:

“Sondar procuro este mistério
— A morte —
E’ mera transição da incerta vida
Para a segura e eterna ou a passagem
De incerta vida para o nada eterno?”

(*Apud Biocrítica*, de C. Chiacchio, pág. 32.)



FAÍSCA
DE
AURORA

Nas furnas mais hostis da mais hedionda terra,
Rugem forças da sombra em ódio abrasador;
3 São seres a renhir na encarniçada guerra
Do remorso e do crime, em tremendo furor...

Acende a prece, em luz, que a bondade descerra,
6 Por faísca de aurora, inflamada em favor
Do Espírito infeliz que às tenebras se aferra
A sufocar no peito as expansões de amor.

(*) Desde cedo se dedicou à leitura de poetas brasileiros e portugueses, e aos 12 anos estreou nas letras com uma sátira. Depois de formar-se, em 1863, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, o poeta de «A Vida» tornou-se redator do *Correio Paulistano*, promotor público em Santos. Fundou, em 1869, a *Gazeta de Campinas*, órgão abolicionista e republicano. Membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio de quase todas as instituições culturais de S. Paulo. Foi

Quando a morte apunhala o coração da vida,
A alma que errou, no mundo, exora compaixão,
E um sudário de dor crepeia-lhe a partida...

Eleva o pensamento em santa vibração
E socorre a loucura e a mágoa desabrida
De quem não quer mais crer na bênção da oração!...



ainda teatrólogo, crítico e romancista. Leopoldo Amaral apontou-o como «grande poeta, elegante jornalista, habilíssimo advogado», um verdadeiro «meteoro vivo», segundo a expressão de Francisco Glicério (apud L. Correia Melo, *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 558). Era deputado provincial quando desencarnou. (Campinas, Est. de S. Paulo, 14 de Julho de 1841 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 6 de Maio de 1886.)

BIBLIOGRAFIA: *Estrelas Errantes*; *A Nova Louzã*, romance; etc.

3. Aliteração em *rr*.
6. Aliteração em *f*.



PAINEL
DO
UMBRAL

Minha alma ardendo em febre ante o espaço sombrio,
Sob espessa ilusão tornara-se idiota.
Qual duende do horror, contornando o vazio,
4 Ia e vinha a pensar sem luz, sem paz, sem rota...

O ponteiro do tempo errava em desvario...
6 E eis que horrendo tremor lambe a terra ignota...
Na tortura do assombro, agoniado, espio
A tormenta abismal na vastidão remota...

(*) Tendo concluído, com 20 anos, o curso de Direito na Faculdade do Estado de S. Paulo, Félix de Bulhões ocupou diversos cargos na magistratura goiana, chegando a desembargador. Poeta, jornalista e político, fundou várias publicações, dentre outras, **Goiaz**, **Província de Goiaz** e **Tribuna Livre**, onde expunha as ideias de liberal e autêntico antiescravagista. «Muitas vezes» — di-lo o Dr. Jerônimo de Moraes, **Discurso...**, pág. 7 — «os seus períodos eram cortantes como o bisturi dos

Fogaréu a verter de sinistras montanhas...
O fumo a espiralar mil sensações estranhas...
11 Lagos de lodo e fel em lava incandescente...

.....
Agora, mais feliz, sem que o verbo me exprima,
13 Sei que do Umbral de angústia aos Páramos de Cima,
14 Ninguém padece, dorme ou sonha eternamente!...

CARMA

15 ...E estou preso à memória — horrendo pelourinho...
E' o passado a bramir... Emoções e lugares...
Ódio, aflição, amor... Insano torvelinho...
Casam-se riso e pranto em sonhos e avatares.

19 O tempo — velho tempo —, o lúgubre adivinho,
Revolve-me no ser as ânsias e os pesares...
Acusa-me feroz e fere-me, escarninho,
Atando-me aos grilhões de angústias invulgares.

.....
cirurgiões, quando esvurmava as chagas sociais, ou se convertiam em látegos cruéis com que fustigava os adversários desleais...» (Goias, 28 de Agosto de 1845 — Goias, Est. de Goias, 29 de Março de 1887.)

BIBLIOGRAFIA: Poesias.

4. Cf. nota nº 2, pág. 36.
6. Suarabácti: "i-g-no-ta". Cf. nota 1, pág. 47.
11. Aliteração em l.
13. Antítese: Umbral — Páramos de Cima.
14. Descrição magistral das paisagens umbralinas, que, segundo as instruções de Amigos Espirituais, começam na crosta terrena.
15-19. Excelentes imagens: *memória*, *horrendo pelourinho* e *o tempo*, *lúgubre adivinho*. Cf. o soneto "A Vida Humana" (*apud* Veiga Netto, *Antologia Goiana*, pág. 179), 1º verso: "...é um mar que embala e que espedaça..."

Se guardo além da morte a máscara serena,
Trago no coração a dor que me condena,
25 Ante a sombra que fui, tangendo a vida a esmo.

A consciência exuma as transgressões remotas
E o clarim do dever repete em largas notas:
— Ninguém foge do mal que plantou por si mesmo.



25. Ler com hiato: *vi/da a/ es/mo.*

TOBIAS BARRETO de Menezes *



DEUS
E A
HUMANIDADE

— Pára! — repete a voz. — Espera! Aguça o ouvido!... —
O homem prossegue, entanto, a passo turbulento...
— Pára! Não sigas mais! Ouve! Sê comedido!... —
Ele teima, rebelde, e vara a sombra e o vento...

— Pára! Detém-te, agora! Escuta, precavido!... —
Desce a noite profunda e invade o firmamento...

— Pára! Que já retumba o funesto alarido!... —
8 E rosna o temporal pelo bulcão violento...

(*) Chefe da chamada «Escola do Recife», o poeta condoreiro de Dias e Noites deixou uma obra vasta e imponente. Para Exupero Monteiro, da Academia Sergipana de Letras, «Tobias foi um poeta de grandezas e ternuras», salientando que «a dúvida religiosa foi uma das constantes da sua amargurada existência» (T. Barreto, pág. 30). Cultura polimórfica e profunda, escreveu sobre Filosofia, Direito, Literatura, Música, «abrindo novos caminhos à vida espiritual do País», no dizer de

9 — Pára! Atende, afinal! Busca a bênção da prece!... —
Mas o surdo viajor ri-se e desobedece,
Satiriza, gargalha e afronta o céu vulcânico...

Como quem foge à voz do socorro divino,
Avança para a dor do seu próprio destino...

14 E mais além um raio espedaça-lhe o crânio...

ARMA ONIPOTENTE

Ei-la a estrugir na ideia!... Alçada com lisura,
16 Reflete os dons de Deus, ergue, educa e domina!...
Tesoura, corta os véus literais da Escritura!
Cinzel, grava os anais da Justiça Divina!

Aguilhão, tece o fio imortal da cultura!

20 Lança, retalha o corpo estranho da rotina!

Edgard Cavalheiro. Figura de destaque na Faculdade de Direito do Recife. Lente da Universidade Livre, de Francfort, em 1881. Patrono da cadeira nº 38, na Academia Brasileira de Letras, pertenceu, ainda, ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. Esforçado paladino da imprensa, colaborou em vários periódicos do Recife, tendo fundado e redigido muitos outros. Orador, crítico, polemista e perfeito conhecedor de meia dúzia de línguas, Armindo Guaraná considerou-o «o maior dos sergipanos pelo talento e pela erudição». (Campos, atual Tobias Barreto, Est. de Sergipe, 7 de Junho de 1839 — Recife, Est. de Pernambuco, 26 de Junho de 1889.)

BIBLIOGRAFIA: **Dias e Noites; Estudos Alemães; Discursos;** etc.

8. Feliz emprego do verbo *rosnar*, depois de *retumbar* o funesto alarido.

9. Anáfora: "Pára!" — no começo de 5 versos.

14. Excelente estudo do livre arbítrio humano e do determinismo das Leis Divinas, realçado pela conhecida tendência filosófica do Autor.

16. Note-se o clímax: "ergue, educa, domina!..."

20. Das numerosas imagens que se desdobram do primeiro ao último verso, esta, sem dúvida, é realmente magnífica: "Lança, retalha o corpo estranho da rotina!"

Clava, reduz o grés do mal a cinza escura!
Broca, rompe os grilhões da expiação ferina!

Pincel, tinge os painéis ridentes da bondade!
Chave, fende os portais ocultos da Verdade!
Palheta, fere em lira augusta a paz serena!

Homem, caminha além! Pompeia, em verso e prosa,
O altívolo espadim da expressão luminosa
A brilhar-te nas mãos sob a forma de pena!...





A LÂMPADA

E

A CHAMA

A alma clamou cansada ao corpo, um dia:
— “Porque me prendes, barro vil e escuro?
Quem te sustenta por lodoso muro,
Acalentando a noite que me espia?”

Quem te mandou, algema da agonia,
Escravizar-me o sonho vivo e puro?
Quem te criou, cadeia de monturo,
Excitando-me a dor e a rebeldia?”

(*) Grande poeta português, AQ teve especial predileção pelo soneto. Segundo Eça de Queirós, era ele «um Gênio e era um Santo». «E' um poeta que sente,» — di-lo Oliveira Martins — «mas é um raciocínio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa.» E Adolfo Casais Monteiro acrescenta: «e vive o que sente e pensa.» Vítima de terrível hipocondria, suicidou-se. Sobre a vida de Antero, publicou-se em 1948 uma das mais completas obras: *Antero de Quental, subsídios para a sua*

E o corpo respondeu, calmo e sublime:
— “Eu sou, na Terra, a cruz que te redime,
Não me interpretes por sinistra grade...”

- 12 Deus modelou-me lâmpada de lodo,
Na qual és chama do Divino Todo
14 Para fulgir além, na Eternidade...”



biografia, por José Bruno Carreiro, em dois grandes volumes, edição do Instituto Cultural de Ponta-Delgada, Lisboa. (Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, arquipélago dos Açores, 18 de Abril de 1842 — Aí desencarnou em 11 de Setembro de 1891.)

BIBLIOGRAFIA: *Sonetos de Antero; Odes Modernas; Primaveras Românticas; Os Sonetos Completos de Antero de Quental; etc.*

12. Aliteração em *l*.

14. Para que possamos observar o seu modo peculiar de compor sonetos — servindo-se do diálogo —, vamos transcrever-lhe os dois tercetos do famosíssimo “Solemnia Verba” (*apud Rot. I, pág. 221*):

“Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor.”



S E M P R E

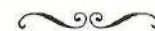
Tressuem nossas mãos em atos de bondade
Para quem sorve o fel da amargura suprema,
3 Por mais a injúria espanque, oprima, fira ou brade,
Tomada de loucura em horrível dilema.

Aplaquemos em paz a torva tempestade
6 Na alma que clama e chora e se estorce e blasfema,
Sob o visco do mal que a tudo enleia e invade,
A crescer no apogeu da invigilância extrema.

(*) Tendo concluído o curso de humanidades no Recife, em 1881, CD ingressou na Faculdade de Direito, formando-se em 1885. Posteriormente, foi nomeado promotor público em Ilhéus. Uma vez criada a Faculdade de Direito da Bahia, passou a reger as cadeiras de Direito Criminal e de Direito Administrativo. Poeta brilhante, jornalista de talento e orador imaginoso, tinha um caráter «cristalizador de amizades e catalizador de simpatias», segundo Romeu de Avelar in *Colet. Poetas Alag.*, pág. 24. Foi dos poetas mais pranteados de quantos desencarnaram

Ante as trevas em luta acirrada e tigrina,
Quando grita a revolta e a paixão tumultua,
São cascatas de luz as preces generosas.

O gesto de humildade é láurea adamantina
Dos recessos do lar à ribalta da rua,
Da Terra escurecida às grandes nebulosas!



em plagas baianas. (Tatuamunha, Alagoas, 3 de Março de 1860 — Ser-
rinha, Bahia, 17 de Agosto de 1895.)

BIBLIOGRAFIA: Sonetos; Ruínas; Acordes.

3. “Por mais (que) a injúria espanque...”: Elipse — “Espécie de FIGURA pela qual se omite, no texto, alguma palavra ou expressão cuja ausência, facilmente subentendida, não implica obscurecimento do sentido...” (Geir Campos, *Op. cit.*)

6. Polissíndeto: “... e chora e se estorce e blasfema”.



PÁGINA
DE AMOR

Quiseste renascer, alma querida,
Disseste haver falido quando amaste...
E, estrela, desprezando o etéreo engaste,
Desceste para as mágoas de outra vida.

Hoje, nas sombras, sofres esquecida,
E eu sofro, por tristíssimo contraste,
No refúgio de sol que me deixaste
Entre afagos de dor, à despedida...

(*) De origem humilde, caixeiro e, mais tarde, modesto guarda-livros, Lívio Barreto foi um artista emérito do verso. Era, segundo Mário Linhares, «o de mais viva originalidade» do grupo da «Padaria Espiritual», famosa entidade literária de Fortaleza, da qual foi ele, LB, um dos fundadores, tomando o pseudônimo acadêmico de Lucas Bizarro. Artur Teófilo (in *O Pão*, órgão da Padaria Espiritual, 15 de Outubro de 1895) informa que LB teve na vida uma paixão que o acompanhou, mais e mais insistente, até à morte. E acrescenta: «Toda a obra literária de Lívio Barreto não é mais que o diário escrito dessa infeliz paixão, que tão implacavelmente o torturou, impressionando-o muito, roubando-

Livre, prendo-me a ti, no mar das horas...
Penso, meditas... Sonho, rememoras...
11 Meu coração no teu pulsa, violento.

Embora em pranto, segue, que eu prossigo...
Choras, mas cantarás, enfim, comigo
Na Castália de amor do firmamento.

ESPERA, ESPERA...

Sorve a taça de pranto a descoberto,
Minha doce rainha desterrada;
Se a neblina da noite ensombra a estrada,
A luz da aurora fúlgura vem perto...

Choras de olhar cansado no deserto,
20 Choro fitando a abóbada estrelada,
Sofres, alma querida, reencarnada,
Meus anseios de espírito liberto...

Clamas por fé... Minhalma te responde...
Ouves a minha voz não sabes de onde,
— Clarão de amor na névoa fugidia!...

Vence a grande aflição... A primavera
Chegará vitoriosa... Espera, espera...
Esperar é o meu pão de cada dia.

-lhe a energia...» No *Libertador*, de Fortaleza, estampou «formosíssimos versos de uma suave melancolia a que decerto não era estranha essa por quem, longe da Pátria, ele ansiava ardentemente» (*idem, ibidem*). Era funcionário da «Companhia Maranhense de Navegação a Vapor» quando, moço ainda, desencarnou fulminado por uma congestão cerebral. E' patrono, na Academia Cearense de Letras. (Distrito de Ibuagu, Município de Granja, Ceará, 18 de Fevereiro de 1870 — Camocim, Ceará, 29 de Setembro de 1895.)

BIBLIOGRAFIA: *Dolentes*.

11. Leia-se *vio-len-to*, com sinérese.
20. Políptoto: «Choras... / Choro...»



EXORTAÇÃO

Trabalho — nossa coroa,
Consciência — nosso altar,
Na Terra que voa, voa,
Sem pousar.

O presente — panorama
Do Grande e Excelso Porvir;
Segue a Jesus, ama, ama,
Sem pedir.

(*) De origem humilde, João de Deus bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1859, exercendo brilhantemente o jornalismo e o magistério, sendo considerado um verdadeiro apóstolo da instrução. «E' um lírico inimitável» — dele diz Mendes dos Remédios (*História Lit. Port.*, pág. 586) — «e o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguém teve a arte de dizer coisas mais

Eis o Evangelho — cartilha
Do nosso curso escolar.
Farol de amor, brilha, brilha,
Sem cessar.

Abismo, lameiro e aclave
São convites ao dever.
Quem não luta vive, vive,
Sem viver...

Alma — luz que nunca morre.
Ninguém se pode matar.
Vida é fonte: corre, corre,
Sem parar.

Quando o coração é cofre
De esperança e bem-querer,
O espírito sofre, sofre,
Sem sofrer...

O cristão marcha em demanda
Da glória do Eterno Lar.
27 Serve, ajuda, anda, anda,
Sem cansar.

Ao Mestre da Vida aprouve
Rogar-nos a discernir,
31 O ouvido que ouve, ouve,
Sem ouvir...

belas em frases tão simples.» (S. Bartolomeu de Messines, Algarve, Portugal, 8 de Março de 1830 — Lisboa, 11 de Janeiro de 1896.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: *Flores do Campo*; *Ramo de Flores*; *Folhas Soltas*; *Cartilha Maternal*, etc.;

b) do poeta desencarnado: *Jardim da Infância*, pelo médium Francisco Cândido Xavier.

27-31-35. Ler com hiato: "Ser/ve, a/ju/da,/ an/da,/an/da"; "O ou/vi/do/ que/ ou/ve,/ ou/ve"; "Do/a a/ to/dos,/ u/sa,/u/sa".

Desterra a intenção escusa
34 Com os bens da vida vulgar,
35 Doa a todos, usa, usa,
Sem guardar.

Deus por Divina Tutela
E' sol no próprio nadir.
Caminheiro, vela, vela,
40 Sem dormir!...

CÂNTICO FRATERNAL

Canta, irmão, canta o carinho!
42 Canta o rio em todo canto
Fazendo o próprio caminho
Belo e santo.

Dura o bem, dura a alegria,
46 Dura o amor e a paz perdura.
Sòmente o mal desce à via
Da loucura.

Vibra, irmão, vibra em Jesus!
60 Vibra o Sol, em raios vibra,
E o dossel de sua luz
Equilibra.

34. Leia-se numa sílaba: *Com os* (Eclipse).

40. Num esquema estrófico peculiar ao poeta, observe-se o magnífico efeito do ricochete no terceiro verso de cada estância, com o quebrado ao fim de cada pensamento expresso, como numa das estrofes de "A Vida" (*apud* M. dos Remédios, *Op. cit.*, pág. 675), que vamos transcrever:

"Que é desses cabelos de ouro
Do mais subido quilate,
Desses lábios de escarlate,
Meu tesouro!"

42. Anáfora: "Canta.../Canta...".

46. Cf. nota anterior. Observe-se, ainda, a beleza desse verso leonino.

60. Além da anáfora, note-se a epanalepse: "Vibra o Sol, em raios vibra".

Chora a vida rumo à frente.
64 A evolução chora, chora,
Pois o pranto é lava ardente
Que aprimora.

67 Sente, irmão, sente o perfume,
A brisa chegando à porta;
Seu passo que aviva o lume
Reconforta.

— Onde há paz? Onde há bondade?

72 Onde há amor e há riso aonde?

— Onde?! Em ti! És a verdade

74 Que se esconde...

TRÊS ESTRELAS

Três estrelas que o céu guarda e emoldura,
76 Descem, descem, velozes pelo espaço,
Seguem reunidas por divino laço,
Buscando a Terra além, magoada e escura...

64. Além da epanadiplose, observe-se o ricochete. — Epanadiplose: "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de um VERSO e no fim do seguinte,..." (Geir Campos, *Op. cit.*) — Ricochete: "Espécie de ECO repetindo a mesma palavra,..." (*Idem, Ibidem.*)

67. "Sente, irmão, sente o perfume,"; Mesarquia — Cf. nota 7, pág. 42.

72. *Onde-aonde*. No *Roteiro Literário do Brasil e de Portugal*, vol. I, pág. 48, nota 5, lê-se: "onde: aonde. Nos melhores autores, antigos ou modernos, não se observa, em geral, a distinção entre *onde* e *aonde* que os gramáticos acham ser de rigor."

74. Atente-se na beleza da repetição intencional dos verbos, nos dois versos iniciais de cada estrofe, em que várias figuras se sucedem harmônicamente, como, por exemplo, epanadiplose na 3ª e 4ª estrofes, epanalepse, no 2º verso da 3ª estância. Além disso, observe-se a plasticidade dos versos quebrados que, sobre encantar pelo boleio do ritmo, instruem pela essência doutrinária que o poeta consegue imprimir, com rara felicidade.

76. A repetição enfática de *descer*, constituindo belíssima epizeuxe, dá ideia da velocidade com que as três estrelas varam o espaço, buscando a Terra, além...

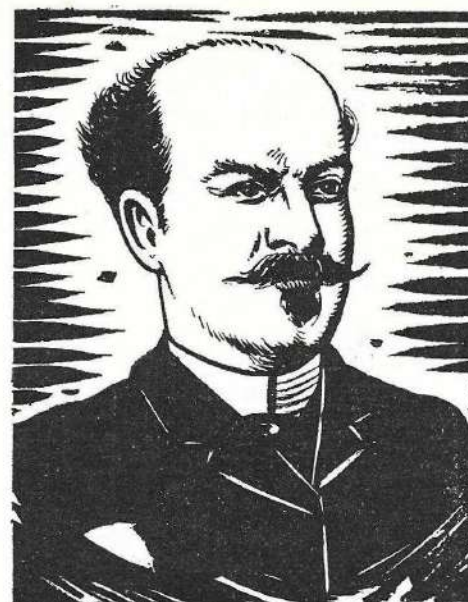
Pousam, enfim, na gleba áspera e dura,
Luzes varando o serro triste e baço,
E avançam, refletindo, traço a traço,
A projeção de sol da imensa altura...

84 A quem vão socorrer na senda humana?
Sob a pálida luz da lua cheia,
Para onde marcha a excelsa caravana?

88 Descem, agora, as três, aquém do monte,
E abraçam pobre mãe que ora e pranteia,
Em gelado desvão de velha ponte...



LUIS Caetano Pereira GUIMARÃES JÚNIOR *



PASTORAL

Acompanho a canção que a vida tece...
Chovem raios de sol doirando o espaço...
Verte o rio fugindo, passo a passo,
Do monte em cujos pés o lírio cresce...

Um trilo doce ecoa igual à prece...
Dorme a rosa em botão... Canta o sanhaço...
A flor que não se rende ao vento escasso,
Calma, espera na leira a farta messe...

(*) Poeta, jornalista, contista, comediógrafo, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1869, depois de iniciar os estudos na Faculdade de S. Paulo, seguindo a carreira diplomática. Foi adido à legação brasileira no Chile, em Londres e em Roma, além de haver exercido as funções de secretário de legação em Lisboa. Aposentou-se no cargo de ministro plenipotenciário, na Venezuela. Sócio de várias Associações culturais do Brasil e do estrangeiro, foi fundador da cadeira n° 31 na

84. Aliteração em l.
88. Sempre preso àqueles assuntos de simplicidade que caracterizaram sua poética, JD, neste soneto, revela-se continuar sendo sempre o João de Deus do *Campo de Flores*, suave, terno, imensamente poeta.

À luz do firmamento azul e escampo,
Abrem-se mamonais sorrindo ao campo,
E a brisa, leve e morna, escala a serra...

Meu coração soluça, sonha ainda,
E escuta as queixas da saudade infinda,
14 Quando volito além, fitando a Terra...

MATINADA

Ampla luz se desnastra, onda por onda,
Desponta a madrugada purpurina...
O carreiro das lágrimas termina,
Minha alma acorda, anseia, indaga, sonda...

Subo, encantado e pasmo... A etérea ronda
Das estrelas, na abóbada divina,
Lembra flores, em monte, na campina
Que o Eterno Lavrador cultivava e esmonda...

Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (Peg. Hist. Lit. Brasileira, págs. 287-288), ao estudar a poesia de Luís Guimarães Júnior, acentuou que «as notas descritivas predominam, geralmente, sobre as subjetivas, o artista sobreleva ao poeta, e o pintor se avanta ao filósofo», acrescentando, adiante: «Há nos seus painéis um laivo de ternura discreta, um sentimento de melancolia muito particular.» Prefaciando-lhe *Sonetos e Rimas*, Fialho de Almeida chamou-lhe «o Massenet do soneto» (apud Iracema G. Vilela, *Luiz Guimarães Júnior*, pág. 110). (Rio de Janeiro, Gb, 17 de Fevereiro de 1845 — Lisboa, 19 de Maio de 1898 **.)

BIBLIOGRAFIA: *Corimbos*; *Sonetos e Rimas*; *Poema dos Mortos*; *Filigranas*; etc.

** Veja-se *O Ocidente*, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro, Lisboa, 30 de Maio de 1898, pág. 128.

14. Neste soneto primoroso, o Autor se identifica perfeitamente, não apenas pela forma, em tudo semelhante ao que produziu quando encarnado, mas

A saudade aparece... O peito chora...
Gaturamo rompendo os véus da aurora,
Onde encontrar meu ninho nesses ramos?

Torno à Terra, em soluços de alegria!...
Bendito seja Deus que nos confia
O amor por céu na luz do lar que amamos!



sobretudo pelo fundo. Vejamos alguns versos de uns poucos sonetos do artista de *Corimbos*. Começemos pelo "Noite Tropical" (apud Pan. III, pág. 24):

"Dorme a fazenda: — apenas hesitante
A voz do cão, em uivos assustados,
Corta o silêncio, e vai nos descampados
Perder-se como um grito agonizante." (2º quarteto.)

Em "Madrugada na Roça" (*id.*, pág. 25), é interessante o 1º quarteto:

"Dentro da sombra matinal os campos
Riem-se ao fresco pranto da alvorada,
Sobre a planície verde e rociada
Voa o bando dos tardos pirilampos."

Cf., ainda, "Paisagem" (*id.*, pág. 26) e observemos o ritmo dos versos quase que sublimes.

Por fim, em "Idade Média", vejamos o último terceto:

"— Penso que um dia nos azuis espaços,
Livre afinal do mundo e dos teus braços,
Minha alma voará como a andorinha."

Atentemos, ainda, no esquema rimático usado: *abba* para os quartetos (o preferido pelo poeta, inclusive em "Visita à Casa Paterna", "Noite de São João", "Soneto Romântico", "Veneza" e outros sonetos) e para os tercetos o mesmo de "Veneza", "Idade Média", "A Borracheira", etc. As rimas auditivas (*tece c/ cresce, espaço c/ passo, prece c/ messe, sanhaço c/ escasso*) não eram estranhas ao autor, que soube tão bem servir-se de rimas até imperfeitas, como por exemplo: *bela c/ compreendê-la, "resvela" por resvala*, em "Noite de São João", *dela c/ estrela e bela*, em "Madrugada na Roça", *secreto c/ soneto*, em "A Borracheira".

Sobre o verbo *volitar*, cf. nota 13, PARTE I, pág. 42.



SONETO

Tu que tens o batel da existência imergindo
Aos balouços do mar das provações medonhas,
Levanta o olhar, além do orgulho mal-avindo,
E busca na oração a calma com que sonhas.

Verás pelo horizonte o cais de um porto lindo,
Se estenderes socorro às vítimas tristonhas
Dos tredos chavascals do vale humano infindo,
Qual âncora de amor em pegos de peçonhas.

(*) Depois de estudar Direito em S. Paulo, onde foi companheiro de Alphonsus de Guimaraens, o poeta de «Voz das Coisas» bacharelou-se, em 1891, pela Faculdade do Recife, iniciando sua carreira em Carangola, Minas, onde abraçou as obrigações de promotor, vindo ali a fundar *O Rebate*, pequeno jornal que lhe refletia as ideias. Mudou-se, mais tarde, para o Rio, onde participou ativamente junto aos poetas simbolistas, colaborando em diversas publicações, entre outras, a *Cidade do Rio, The-*

As vascas da aflição de alguém que grita e chora,
Rogam-te mãos no bem, ante o sonho da aurora,
Emprestando valor à vida que desfrutas.

Guarda em ti mesmo a paz e, enquanto reinam trevas,
Conservarás contigo a luz em que te elevas
14 Por divino farol nas ondas convolutas.



baida, Novidades, tendo sido redator-chefe de *O Jornal Ilustrado*, em sua segunda fase. Exerceu, posteriormente, no Estado de Sergipe, os cargos de procurador e juiz de Direito, acabando por desencarnar em sua cidade natal, vítima de pertinaz moléstia. Além de poeta de elite, Alves de Faria foi orador distinto, romancista e novelista. (Maceió, Estado de Alagoas, 23 de Março de 1871 — Maceió, 25 de Junho de 1899 **.)

BIBLIOGRAFIA: *Obra poética dispersa; Mar; Pinturescos; Perfume.*

** Confirme-se a data de desencarnação no jornal maceioense — *A Tribuna*, de 27 de Junho de 1899, pág. 2.

14. Note-se a musicalidade dos versos, conseguida em parte pela repetição intencional da consoante *v*, que se estende da primeira à última estrofe.



SIM!...

- 1 Singram mares do Cosmo as barcaças airosas...
Eis a frota do Sol a vogar pelo espaço...
Os tufões siderais marcam vivo compasso,
Sinfonia de luz a envolver nebulosas...

Mostra a Terra à distância o perfil rude e baço
Da mantilha sutil de cortinas gasosas...

- 7 E na altura onde estou sinto ânsias saudosas,
Tristes dardos lembrando a amargura e o cansaço.

(*) Poeta espontâneo, de vastos recursos e profunda emotividade, «caráter bondoso e coração terno», Eugênio Savard bem cedo encontrou o termo de uma existência de desventura e sofrimento. Matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não pôde terminar os estudos, por falta de recursos e em razão de seu precário estado de saúde. Grave neurastenia tomou conta do seu organismo, já debilitado pelo trabalho excessivo. Em busca de alívio aos padecimentos, esteve em Portugal, onde fez amizade com o brilhante orador e poeta português Silva Gonçalves, que escreveu, em memória de ES, o livro *Perpétuas e Goivos*,

A beleza do anil a exornar cada canto
É qual prece de amor que se eleva e se espalma
Pelo empíreo estrelado em fulgor sacrossanto.

- Não duvido, meu Deus, na certeza de agora!
13 Sim! Meu corpo vivia inundado de alma
14 Como o dia de névoa esmaltado de aurora!...

DEPOIS DA TORMENTA

Cresce a lousa sombria a embuçar o horizonte...
O pincel do corisco a explodir ansiedade,

no qual, apreciando o vate brasileiro pelo seu merecimento literário, pôs em destaque «as suas qualidades poéticas, o seu fino temperamento artístico, os requintes de cinzelamento, com que aprimorava a forma, e o sentir, que fazia transparecer nas suas composições» (apud Asas, página 8 da 2ª parte — «Juízo sobre Eugênio Savard»). O primoroso autor do soneto «Camões naufragado em Cambodge» foi igualmente músico, «delicioso compositor e ardente entusiasta de Verdi» (idem, *ibidem*, pág. 24). (Estado do Rio, 13 de Novembro de 1865 — Niterói, Est. do Rio, 1º de Dezembro de 1899.)

BIBLIOGRAFIA: Asas; dois poemets: *Serenata* e *O Espectro*; etc.

1. A aliteração em *s* sugere, com efeito, que as barcaças airosas singram mares do Cosmo.

7. Leia-se com hiato: *sim/to/ ân/sias*.

13. Duas leituras para este verso:

a) Sim!/ Meu/ cor/po/ vi/via i/nun/da/do/ de/ al/ma;

b) Sim!/ Meu/ cor/po/ vi/via/ i/nun/da/do/ de al/ma.

14. Transcrevamos de «Dois Crepúsculos» (apud Asas, 2ª Parte, pág. 22) o último terceto, que nos parece haver suscitado este inimitável «Sim!...»
Senão vejamos:

«Dormes tranquila, natureza, certa
De que te acordas na manhã seguinte:
E a vida... nunca, nunca mais desperta!»

Digno de nota, no soneto «Sim!...», a virtuosidade do poeta. Com efeito, todos os versos são acentuados na 3ª, 6ª, 9ª e 12ª sílabas, ou seja, com ND (números distributivos) 3-6-9-12 e NR (número representativo) 3, 3, 3, 3.

Escrevendo com luz, proclama a tempestade,
18 E estrondeia o tambor do trovão pelo monte...

19 Cai a chuva a rugir por mil bocas de fonte...
20 Verte, foge e me impele à oração da saudade...
21 Sou agora ave exul na bonança que invade
A Natureza erguida à paz de ninho insonte.

23 Reencontrei o fanal da esperança perdida
E canto a exaltação do júbilo fecundo
De quem achou na morte a grandeza da vida.

Louvada seja a dor que a tudo eleva e acalma!
Bendito seja Deus, surgindo, mundo a mundo,
Por sol de céu em céu, por amor de alma em alma!...

CORAÇÃO

Desde o astro primeiro exposto à Imensidade,
Na pauta da grandeza, o Regente Divino,
Num misto de beleza, alegria e bondade,
Fêz os mundos e os sóis como notas de um hino.

33 Deu tons ao vento agreste e fala à tempestade,
Rumor ao fogo estranho e voz ao mar leonino...

18. Todos os verbos deste quarteto caracterizam-se por vigorosa expressão: "embuçar o horizonte", "explodir ansiedade", "escrevendo com luz", "estrondeia o tambor do trovão". Observe-se, ainda, a aliteração em *t* e *tr*.

19. Hipérbole: rugir por mil bocas de fonte.

20. Note-se o adensamento da ação verbal, pela sucessão de três verbos: "Verte, foge e me impele à oração da saudade..."

21. Usando da figura poética — diástole ou alongamento (Ancípite), o poeta escreveu *exul*.

23. Leia-se *reen/con/trei*, com sinérese.

33. Novamente, aliteração em *t*.

A eterna melodia a tudo atinge, invade
E sonoriza a paz nas claves do destino.

37 Mas o homem, só ele, era mudo e expectante...
Eis, porém, que o Criador premiu-lhe a fonte inculta
E o pêndulo da vida inflou-lhe o peito arfante.

.....

Se a dor te envolve o passo em sombra malfazeja,
Sente Deus em ti mesmo e, em prece viva, ausculta
O ritmo do amor que o coração harpeja!...



37. Ler assim este verso:

"Mas/ o/ ho/mem/ só/ e/le e/ ra/ mu/do e ex/pec/tan/te."



ALÉM
DA TERRA

Confio o pensamento a sonho terno,
Em holocausto mudo à Divindade,
E sinto a redenção de todo inferno
Na blandícia da paz que, em luz, me invade.

À carícia invisível me prosterno.

- 6 E por mais ruja a treva e se degrade,
Deus fulgura qual facho imenso e eterno,
Suporte vivo da imortalidade.

(*) Poeta, dramaturgo e jornalista. Funcionário da Prefeitura Municipal de S. João da Boa Vista. Exerceu o jornalismo no Rio de Janeiro, onde secretariou a *Gazeta da Tarde*. Segundo Luís Correia de Melo (*Dic. Aut. Paulistas*, pág. 631), OT «compôs ou traduziu numerosas peças de teatro, principalmente de colaboração com Artur Azevedo, Demétrio de Toledo, Eduardo Vitorino e Moreira Sampaio, sendo de sua autoria o libreto da ópera *Ester*, do maestro Assis Pacheco». Afirma Fernando

Há traços resplendentes de mil vidas
E destroços das épocas perdidas
No mar turbilhonante de mim mesmo.

- 12 Seguimos... Eu e o sonho que delivro,
Páginas paralelas de um só livro,
14 No livro do Universo aberto a esmo...



Góes (*Pan. IV*, pág. 150) que o poeta teve a «vida marcada pelo sofrimento, pela doença, por um amor inatingível». Andrade Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, págs. 171-172) dá melhor a conhecer a página amorosa do poeta de «voz roufenha» e «físico infeliz», «a quem» — segundo as palavras de João Luso — «a tuberculose devorava os pulmões e o amor o coração». (S. João da Boa Vista, Est. de S. Paulo, 27 de Agosto de 1875 — Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 25 de Fevereiro de 1901 **.)

BIBLIOGRAFIA: *Magnificat*.

** Luís Correia de Melo (op. cit., pág. 631) regista 1902 como o ano de desencarnação do poeta.

6. Elipse: "E por mais (que) ruja..."
12. Aposiopese: "Seguimos..."
14. Ler assim este verso:

No/ li/vro/ do U/ ni/ver/so a/ ber/to a/ es/mo...

Neste soneto, revela-se o poeta pouco afeito aos altos voos do artesanato poético e, para que possamos observar o quanto OT, ainda encarnado, era distraído quanto à forma, vamos citar-lhe alguns versos alexandrinos, uns trimembres, outros não. De início, cf. o quarto verso do soneto "Horas Mortas" (*Pan. IV*, pág. 150), com acentuação na 1ª, 4ª, 8ª e 12ª sílabas. Em seguida, cf. "Paisagem Espiritual", 7º e 8º versos, respectivamente, com acentuação na 3ª, 7ª e 12ª e 4ª, 9ª e 12ª sílabas (*id.*, pág. 151).



PERTO

E

LONGE

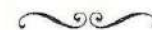
Na câmara olorosa, antes do *réveillon*,
Há sedas no alvo leito e holandas de bordados,
Fitas e rendas sobre os móveis entalhados,
Loções no toucador, pentes, *rouge* e *baton*...

Na mesma casa, em quarto pobre e de mau tom,
Ante um catre modesto há roupas sem plissados,
Forros sem *bibelots*, limpos e descuidados,
Um livro de orações e a paz de um ninho bom...

(*) De Renato da Cunha afirma Antônio Carlos Machado (*Coleção Poetas Sul-Riogr.*, pág. 155): «Foi um dos grandes poetas gaúchos do século XIX. Foi também um dos mais discutidos do seu tempo.» Colaborou no *Jornal do Comércio* e no *Correio do Povo*, dos quais era redator, na *A Batalha* e em outros jornais de Porto Alegre, aí fundando *O Reclame*, em 1895. É tido como o iniciador dos simbolistas no Rio

Duas irmãs no mundo, em diversos destinos...
Uma, a sofrer, fruindo ilusões passageiras;
Outra, a penar, gemendo entre sonhos mofinos...

Cada qual conduzindo um dever e uma cruz,
Caminham, perto e longe, embora companheiras,
14 Buscando o mesmo amor... sonhando a mesma luz...



Grande do Sul, antecedendo a geração de Marcelo Gama e Zeferino Brazil. Seus versos «brilham, não só pela beleza de imaginação, galas de estilo e elevação e grandeza de pensamento, bem como pela metrificação» (apud RC, *Maldições e Crenças*, pág. 5). Patrono, na extinta Academia Rio-grandense de Letras, da cadeira nº 36. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 15 de Abril de 1869 — Porto Alegre, 2 de Maio de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: *Rutilações*; *Pérolas e Diamantes*; *Vesúvios*; etc.

14. Para que possamos comprovar o gosto do poeta pelas palavras estrangeiras, de preferência francesas, vamos transcrever-lhe apenas os tercetos de um "Soneto", citado pelo autor da *Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses*:

"As lindas cortesãs, envoltas em arminhos,
Nos fofos dos *coupés*, como rolas nos ninhos,
Saíam dos bordéis cansadas das vigílias.

E nas mesas do jogo os velhos crapulosos
Davam ao *bacarat*, febrentos, sequiosos,
Os últimos ceitis roubados às famílias." (Pág. 157.)

Aliás, só mesmo um grande amigo dos francesismos para fundar um jornal do gabarito de *O Reclame*, cujo título, por si só, faria corar a qualquer gramático inimigo dos galicismos.



DILEMA

1 Alguém partiu... E ao longe a estranha e muda escolta
Segue um casulo inerte à estreita cova escura...
Se a trilha humana foi a vasta sementeira,
O caminho do Além traz a justa recolta.

O corpo cai, a terra o esconde e a turba volta...
Morrem na alcova fria e ultriz da sepultura
Os derradeiros ais da escala de amargura
Em que o triste marcava o suplício e a revolta...

(*) Poeta de origem humilde, nascido em 1884, dele diz Edgard Rezende (*Os Mais...*, pág. 211): «Criado por sua avó, quitandeira, foi tipógrafo, tendo sido impressor e assíduo colaborador da revista *Tagarela*, dirigida por Peres Júnior (Teles de Meireles).» Atacado de tuberculose galopante, o poeta veio a falecer em 23 de Março de 1903, com apenas 19 anos de idade, quando ainda cursava o 2º ano do curso jurídico, no Rio de Janeiro. A revista *Tagarela* de 26 de Março desse ano, em breve necrológio à pág. 3, após afirmar que «Basílio Seixas era

Mas dilema cruel de ansiedades me inunda,
Ao fitar a alma livre até que se reintegre
Na extrema exaltação da vida que persiste...

Não sei dizer quem sente a emoção mais profunda:
Se quem ficou na sombra entre arrasado e alegre;
14 Se quem subiu à Luz entre ditoso e triste!...



um talento de primeira água», salientou que ele «se fêz à custa de uma raríssima força de vontade, estudando com denodo enorme e inabalável». Mário Linhares (*Poetas Esquecidos*, pág. 209) diz que o único livro de versos de BS, publicado em 1902, «colocou o seu nome na plana dos nossos melhores poetas». Foi Basílio Seixas amigo e ardente admirador de Emílio de Menezes.

BIBLIOGRAFIA: Ópera, versos.

1. Atente-se na eloquência do “enjambement” dando a ideia de que, realmente, um séquito leva alguém “à estreita cova escura...” Observe-se, ainda, a aposiopese: “Alguém partiu...”

14. A nosso ver, “Dilema” é a resposta sincera do poeta ao seu “Pela Glória de Partir”, por ele escrito quando ainda na Terra e dedicado a Peres Júnior, que vamos transcrever, a fim de que possamos comprovar semelhante fato:

“E’ um funeral que passa. Um mais que, venturoso,
Abandonou do mundo as dores e as quimeras,
E sua alma, espalhando o horror pelas esferas,
Sumiu-se qual se fôra um sopro vaporoso.

Irmão nosso — mortal — tão deslumbrante gozo
Jamais ele sentiu nas esquecidas eras.
Vida, sonhos líricos, amores, primaveras
Nada lhe vale esta hora o cândido repouso!

Porque chorais? Porque sofreis dessa ventura,
Se não há mais para ele a ríspida tortura
Que ora as nossas paixões amargurando vai?

Todo o sonho da vida encerra-se na Morte,
Portanto, pelo amor desse final transporte,
Hosanas, meus irmãos, seu funeral saudai!”

(*Os Mais...*, pág. 211.)



ADEUSES
DE
SAUDADE

Olhando a Terra envolta em sombra escura,
Fico a cismar sòzinho na saudade...
O' Galera da Vida, que procura
O teu giro na luz da imensidade?

- 5 Vejo o assomar de cenas vis e insontes
Do palco de mim mesmo ressurgidas.
Nos brilhos festivos dos horizontes
Decifram-se mistérios de outras vidas.

(*) Médico, jornalista e poeta. Viveu uma existência agitada e heróica. À maneira de Luís Delfino, soube associar a Medicina à Poesia, até que a morte o colheu, em viagem, depois de servir na libertação do Acre, vítima de terrível polinevrite palustre. Agrippino Grieco coloca-o entre os poetas do «nosso segundo parnasianismo». Nelson Werneck Sodrê, por outro lado, situa-o entre os poetas menores do romantismo. Tem a poesia de Francisco Mangabeira, segundo Américo de Oliveira,

- 9 Recordo os dias tristes e risonhos...
10 No presente, o passado entra em conflito...
Na teia luminosa de mil sonhos,
O meu pensar desmaia no Infinito...

- 13 Doces notas ecoam delicadas...
Há lira oculta além dos promontórios
Das nuvens de outras terras, espalhadas
Por alfombras varando espaços flóreos.

Vastos campos de dores e prazeres
Entreabrem-se ao mundo e aos corações.

- 19 A carícia da fé embala os seres,
E as almas são repuxos de orações.

Em toda a parte o amor vibra e esplendor...
A vida — movimento de beleza —
Revela o eterno bem estrada afora
Em cada pulsação da Natureza.

«eloquentíssimos êxtases passionais, e todos os sentimentos assumiram elevações verdadeiramente inéditas» (apud A. Diniz, **Francisco Mangabeira**, pág. 207). Patrono, na Academia de Letras da Bahia, da cadeira n.º 70. (Salvador, Bahia, 8 de Fevereiro de 1879 — A bordo do paquete S. Salvador, na altura de Gapuri, entre Belém e S. Luís, 27 de Janeiro de 1904.)

BIBLIOGRAFIA: **Hostiário**; **Tragédia Épica**, poema; **Últimas poesias**; além de inéditos.

5. Entenda-se: "Vejo o assomar de cenas vis e insontes / ressurgidas do palco de mim mesmo."

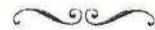
9-13. Ler com sinérese: *di/as e e/co/am*. Atente-se, ainda, no hipérbato: "*Doces notas ecoam delicadas...*"

10. Antítese.

19. Leia-se com hiato: *fé/ em/ba/lu*.

Quais belos focos vivos de esperança,
Almas libertas tomam novo alento.
Do Amor Sem Fim derrama-se a bonança...
Em tudo há melodia e encantamento...

Terra! Galera ao sol, luta e porfia!
Guarda contigo a Grande Humanidade!
Homens! Cantai a festa da alegria,
Enquanto choro adeuses de saudade!...



*José Isidoro MARTINS JÚNIOR **



FILII DEI

- Homem! Filho de Deus! Cansado itinerante!
Fita a glória da Altura e avança, peregrino!
- 3 O livre arbítrio — a grande estrela, alva e constante,
Demarca-te o fiel supremo do destino.
- 5 Sê prudente, sê bom, sê puro, viandante!
Teu passo é ouvido além no Universo Divino,
Tanto na ação do bem que se alteia abundante,
Quanto na ação do mal que freme em desatino!

(*) Discípulo ilustre de Tobias Barreto, Martins Júnior foi poeta, orador, jornalista, jurista-filósofo, historiador do Direito e professor catedrático. Membro da Academia Brasileira de Letras. Patrono, na Academia Pernambucana de Letras, da cadeira nº 25. Entre outras homenagens que lhe foram prestadas no Recife, por ocasião de seu primeiro centenário de nascimento, em 1960, o acadêmico Ivan Lins, em sessão especial da Academia Brasileira de Letras, em 7-12-60, consagrou-lhe bri-

A clava da Justiça, horizonte a horizonte,
Da Sublime Harmonia é sempre a Eterna Fonte,
11 Seja no peito em flor, seja no peito em chaga.

A todo fel da estrada estende a paz em troca,
Segue, antigo viajor, para Deus que te avoca,
À luz do Excelso Amor que toda a sombra esmaga!...



lhante conferência sob o título «Martins Júnior e a poesia científica». (Recife, Pernambuco, 24 de Novembro de 1860 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Agosto de 1904.)

BIBLIOGRAFIA: *Visões de Hoje; Estilhaços; Tela Policroma;* e numerosas obras de Direito.

3. Conquanto correto este alexandrino, pode, contudo, ser lido com acentuação na 4ª, 8ª e 12ª sílabas, como no 5º verso do poema "Morta-Viva", de *Tela Policroma* (apud *Supl. Lit. do Journ. do Com.*, 19-3-61):

"En/quan/to eu/ vou/ mor/ren/do à/ min/gua/ de/tu'al/ma."
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

5-11. Observem-se dois casos de epímone: "Sê prudente, sê bom, sê puro, viandante!" e "Seja no peito em flor, seja no peito em chaga." (Veja-se Geir Campos, N. Cl. nº 32, nota 85, pág. 26.)

LUÍS DELFINO dos Santos*



HOSPITAL

Hospital! Praia viva dos efeitos,
És o foro das causas esquecidas,
Reduto generoso de mil vidas,
No espinheiral dos trilhos imperfeitos.

Incompreendida dor! Benditos leitos!
Ninho-prisão de loucos e suicidas
Dantes livres nas largas avenidas
Do egoísmo e do orgulho, vis e estreitos.

(*) Médico, LD soube, desde cedo, servir-se dos pequenos lazeres da clínica para escrever os magistras sonetos da sua obra imponente, na qual conseguiu refletir «os três movimentos poéticos do século: o romantismo, o parnasianismo e o simbolismo». Seu filho, Tomás Delfino, já desencarnado, coligiu em vários livros a obra imensa de LD, deixada esparsa em jornais e revistas. «Era um poeta abundante,» — confirma-o Manuel Bandeira — «e tanto podia espraiar-se longamente em li-

Em teu regaço, as lágrimas são hinos...
Alguém te vela o clima, atento e mudo:
O médico no leme dos destinos...

Dá-nos, templo da angústia transitória,
O florão da humildade por escudo,
14 O laurel do trabalho por vitória!...



rismos condoreiros, como sabia limitar-se lapidarmente num soneto.»
(Apud LD, *Arcos de Triunfo*, pág. 29). (Florianópolis, Santa Catarina,
25 de Agosto de 1834 — Rio de Janeiro, Gb, 31 de Janeiro de 1910.)

BIBLIOGRAFIA: *Algas e Musgos*; *Poemas*; *Poesias Líricas*; etc.

14. Admirável soneto, digno de um médico-poeta.

João DAMASCENO VIEIRA Fernandes *



AVANTE!

Peregrino da vida e da morte oriundo,
2 Avança do nascer ao pôr do Sol, durante
A evolução sem fim nos carreiros do mundo,
Pela ronda do tempo, a ressurgir constante.

Das sombras da maldade à luz do bem fecundo,
Das ruínas morais ao triunfo pujante,
Aprende pouco a pouco e, segundo a segundo,
8 Ergue em tudo, a ti mesmo, o teu grito de — avante!

(*) Poeta, jornalista, crítico literário, dramaturgo, historiador. Patrono da cadeira nº 17 da extinta Academia Riograndense de Letras, colaborou ativamente na revista do Pártenon Literário, do qual fazia parte, e em várias publicações periódicas, dentre elas, *Álbum do Domingo*, *O Mosquito*, *Lusitano*. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do congênere da Bahia. Gozou de grande prestígio como poeta, e «a sua poesia da última fase é no geral simples, sem distorções, direta, a par de calorosamente humana e fraterna» (Guilhermino César, in *His-*

Segue esgarçando os véus dos caminhos secretos,
Desfazendo aflições e remontando afetos,
Com risos e ilusões, suspiros e agonias.

- 12 E ao morrer-te o rancor e ao nascer-te a humildade,
Em êxtases de amor e em lances de bondade,
14 Encontrarás, ditoso, a paz de novos dias!



tória da Lit. R.G.S., pág. 284). (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 6 de Maio de 1853 — Salvador, Bahia, 7 de Março de 1910 **.)

BIBLIOGRAFIA: *Ensaio tímidos; Auroras do Sul; Esboços Literários, poesia e crítica; Eserínios; Albatrozes;* etc.

** Essas datas, tirámo-las do *Diário da Bahia* e do *Diário de Notícias*, jornais de Salvador, que noticiaram o sepultamento de Damasceno Vieira.

2. Note-se o "enjambement" que nos suscita a ideia de alguém que avança do nascer ao pôr do Sol, durante a evolução sem fim...

8. Aliteração em *t*.

12. Observem-se, não apenas neste verso, mas nos anteriores, as antiteses primorosas.

14. Cf. o soneto "A Lenda do Judeu Errante", de autoria do poeta quando encarnado (*apud Col. Poetas Sul-Riogr.*, pág. 94), cuja disposição rimática é perfeitamente idêntica à de "Avante!".

INÊS SABINO Pinho Maia *



NO DIA
DE FINADOS

- 1 Agradeço, meu filho, a glória que me deste,
O mármore custoso, o imponente jazigo,
A legenda piedosa, as flores que bendigo,
A oração da saudade, a sombra do cipreste...

Mas afasta de nós a pompa que me veste!

- 6 Este luxo no chão é miséria comigo...
Quero apenas o amor por sacrossanto abrigo,
Dá-me teu coração por tesouro celeste.

(*) Poetisa, jornalista e romancista. Domingos Carvalho da Silva, em sua obra *Vozes Fem. da Poes. Bras.*, pág. 22, considerou-a merecedora de figurar num seleto grupo de poetisas da fase pós-romântica e parnasiana. Iniciou a sua educação literária na Inglaterra. Regressando ao Brasil ainda bem jovem, pouco depois dava a público as suas primeiras poesias e traduzia, para o português, contos, novelas e pequenos romances ingleses e franceses. Foi uma das escritoras que no Nordeste.

Não me busques, em vão, na gelidez das lousas!
Transfunde-me a lembrança em pão que reconforte
A quem viva de fel na aflição que te espia...

Procura-me na dor do caminho em que pousas
E esparze em tudo o bem, porque a bênção da morte,
14 Que me acordou na luz, há-de acordar-te um dia...



em fins do século XIX, lutou pela participação da mulher nas lides literárias, contra um meio adverso nesse sentido. No prefácio à sua obra *Impressões*, Inês Sabino Pinho Maia fez esta judiciosa observação: «Retirem-se do manto estrelado da poesia os salpicos do ideal, que um livro de versos não passará de um compêndio enjoativo das verdades amargas que nos rodeiam acicamente por toda a parte.» O *Jornal do Commercio*, do Rio, em seu número de 14 de Setembro de 1911, destacou-lhe a «grande nobreza de sentimento», o «espírito caridoso e esmoler» e a real estima de que ela gozava na sociedade, «pela sua inteligência e fina educação». (Pernambuco, 31 de Dezembro de 1853 — Rio de Janeiro, Gb, 13 de Setembro de 1911.)

BIBLIOGRAFIA: *Ave Libertas*, poemeto; *Rosas Pálidas*, versos (1ª Série); *Impressões*, versos (2ª Série); *Contos e Lapidações*; etc.

1. Enumeração.

6. Antítese.

14. Poliptoto: "Que me acordou..., há-de acordar-te..."

RAIMUNDO da Mota de Azevedo CORREIA *



BAGATELA

O vento corre uivante e desempedra
Alvo seixo engastado na montanha.
A pedra solta cai sobre outra pedra,
Brotam faíscas de uma luz castanha...

Novo golpe do vento e o fogo medra
Na alfombra ressequida, em doida sanha...
Há luta que se alteia e se desmedra
No incêndio arrasador em fúria estranha...

(*) Para Manuel Bandeira, RC «certamente é o maior artista do verso que já tivemos». «O maior dos parnasianos,» — afirma Agrippino Grieco — «e um dos poucos que tiveram íntima sensibilidade, foi Raimundo Correia.» Exerceu cargos de magistratura, administração e diplomacia, e foi professor da Faculdade de Direito de Ouro Preto. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (*Pequena Hist. Lit. Bras.*, pág. 295) declara que o poeta, «por suas ten-

Mais forte zune o vento e a tudo encrispa,
10 Sobem chamas cruéis de chispa em chispa...
O homem chora a perda sementeira...

Também no mundo é assim... Por bagatela
13 Surge a paixão que se desencastela,
14 Queimando a safra de uma vida inteira...



dências à meditação e seu entranhado amor aos problemas íntimos da consciência, ficou mais perto da *anima rerum* que os seus companheiros». «Em sua arte poética existia algo de nobre e superior, dentro de uma emoção nunca transbordante, mas sempre vigiada pelo senso crítico.» (A. Lins e A. B. Hollanda, *Rot. Lit.*, II, pág. 611.) (A bordo do vapor brasileiro *San' Luiz*, barra de Mangunça, Município de Cururupu, Maranhão, 13 de Maio de 1859 — Paris, 13 de Setembro de 1911.)

BIBLIOGRAFIA: *Primeiros Sonhos*; *Sinfonias*; *Versos e Versões*; etc.

10. Observe-se a onomatopeia, acentuando a ideia de incêndio: “*chamas cruéis de chispa em chispa... / O homem chora...*”

13. “Surge a paixão que se desencastela”. Este decassílabo sáfico com acento secundário na 8ª sílaba, conquanto venha de um parnasiano, não constitui inovação na poética de Raimundo Correia. Pelo menos é o que depreendemos dos exemplos seguintes, colhidos em sua *Poesia Completa e Prosa*:

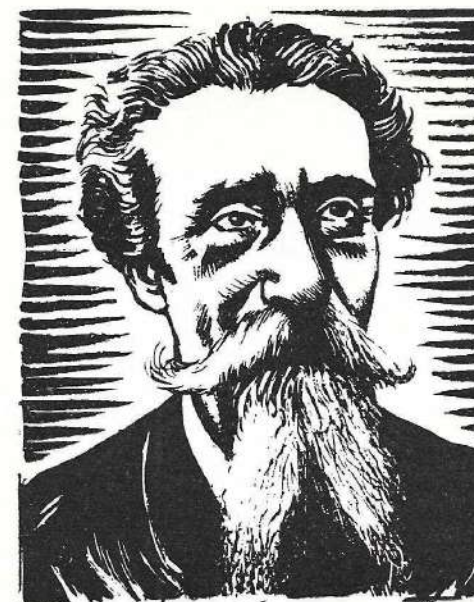
— “Por sobre as águas indolentemente” (Verso 14º do soneto “Ofélia”, páginas 145-146);

— “De escuma, e raios e fosforescências...” (Verso 18º do poema “O Dia acorda! Deus por uma fresta”, de *Versos e Versões*, pág. 190);

— “Vi-te no céu; e, enamoradamente,” (Verso 2º do soneto “Beijos do Céu”, pág. 301).

14. O tema deste soneto — “Bagatela” — corresponde às características apontadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos, sobre a poesia de RC: “As características de sua poesia são, pelo fundo, um agudo sentimento da transitoriedade das coisas e insolúvel pessimismo; e, pela forma, perceptível senso das virtualidades vocabulares. Sempre foi considerado um dos grandes do parnasianismo; e não há por que rever essa posição.” (*Pan.* III, págs. 77-78.)

Raimundo Antônio de BULHÃO PATO *



EPISTOLA

DO

ALÉM

Abisma-se minha alma aos impulsos da prece,
Fitando a dor além que a muitos entristece...

3 Pelos campos da morte onde o mal prepondera,
O ente humano enfermiço agita-se qual fera.

A voragem hiante eletriza e arrebatada
O espírito rendido à revolta insensata.

Na grande inquietação do ser que a tudo anela
E que descobre, alfim, que a carne se esfacela,

(*) Poeta, prosador e tradutor português, Bulhão Pato pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, tendo ido para Portugal com apenas 9 anos de idade. Afirma João Gaspar Simões que o poeta, amigo dileto de Alexandre Herculano, frequentou a roda dos maiores escritores da época. Poeta harmonioso, espontâneo e apaixonado, foi, segundo Mendes dos Remédios (*Hist. Lit. Port.*, pág. 582), «o último representante da

A alma forte que ria, hoje chora a sofrer
Na vastidão do umbral que transfigura o ser.

Cavernas e paus, precipícios e furnas...
Mausoléus de quem vive em névoas taciturnas...

- 13 Neblina e fetidez... O tempo, em caos, dormita...
14 Horrendos animais em urros, choro e grita...

Cada vulto é um dragão que indignado ulula
Preso à inveja, à vingança, à dissensão, à gula...

E arrasta-se a sentir remorsos de culpado
Em frio enregelante e em calor abafado.

A população brame... E avança o turbilhão
No gargarhar febril de caminho malsão!

Os farrapos da vida, errantes pelo espaço,
Pervagam sem parar, gemendo a passo e passo...

Mas todos saldarão os seus mais torvos crimes,
Sob a luz do porvir, em vitórias sublimes,

Quando renascerão na carne redentora
Guardados pela dor, nossa mestra e tutora!

E o visitante, em meio aos seres padecentes,
Rega a senda que pisa em lágrimas pungentes.

escola típica do Romantismo, cujos fundadores conheceu e tratou». (Bilbau, Espanha, 3 de Março de 1829 — Torre da Caparica, Portugal, 24 de Agosto de 1912.)

BIBLIOGRAFIA: Paqueta; Flores Agrestes; Livro do Monte; etc.

3. Refere-se o poeta às regiões purgatoriais da Espiritualidade.
13. O Espírito, no Umbral, perde a noção do tempo-hora.
14. O poeta faz alusão aos casos de zoantropia. Em grande parte, formas licantrópicas.

- 29 Alguém pode esquecer, no imo de si mesmo,
30 Tantas almas na dor a chorarem a esmo?...

.....
Reflete, amigo, assim, que aí em teu remanso
O pranto irado e hostil profana o luar manso...

Quando em fúria te açoite a borrasca do inverno,
Aceita a provação que é luz do Sol Eterno!

Há muito companheiro entregue ao sofrimento,
Sob materialismo ingrato e virulento.

- 37 O ateu, estátua viva a morrer enganado,
Acalenta consigo estranho e horrível fado...

O crime que passou, no qual ninguém mais pensa,
Resta ecoando na alma, igual rude sentença...

Oferece a quem chora o afago da ternura;
Aos frêmitos de dor, a bênção doce e pura.

- O serviço do amor, sem láurea ou recompensa,
44 Ser-te-á nova luz na luz divina e imensa.

- Não olvides jamais o conceito imortal:
46 Há alegria no bem e há tristeza no mal!...

29-30. Ler com hiato: *no/ i/mo* e *a/ es/mo*.

37. Belíssima imagem: o ateu, estátua viva a morrer...

44. Epimone: "nova luz na luz divina". — Cf. nota 2, pág. 36.

46. Dupla antítese.

A fim de que possamos observar o gosto do poeta para os alexandrinos dispostos em pares, vamos transcrever-lhe apenas pequeno trecho de "O Pinheiro Bravo" (*apud* Cláudio Brandão, *Antol. Contemp.*, págs. 423-424):

".....
Da cruel granizada, em tempos de invernã,
Muita vez me abrigou a tua ramaria!

O furacão austral não te insultava a fronte —
Em-pé, robusto e só, no píncaro do monte!"



N A D A

O molho de verde grama,
Cortado inerte e pendente
Sobre o rio que o reclama,
Rodopia inútilmente.

- 5 Na água que se derrama
6 Desde o berço da corrente,
Segue o rio e fica a rama
No bailado incongruente.

A vida de muitas almas
Teimosas, tristes e incalmas,
Assim, estranha, decorre...

(*) Jornalista e poeta de mérito. Classificou-o João Ribeiro como sendo um dos maiores poetas de sua geração. Mestre do gênero descritivo entre nós, «B. Lopes é» — no dizer de C. Chiacchio, *Biocrítica*, pág. 62 — «a poesia sem metafísicas complicadas, nem filosofias tétri-

A inércia, mesmo agitada,
E' sombra, ruído, nada —
Para o ser que nunca morre.

LIÇÃO

Nas grimpas do pé de amora
O vento leve balança
E tala a flor terna e mansa
18 Que voa caminho afora.

Um petiz vem vindo agora
20 — Doce mimo de criança —,
Quer reter a flor que dança,
Mas tropeça, cai e chora...

Nas lindas cores da tela
A Natureza revela
A vida de muita gente...

Em busca da fantasia,
Perdemos toda a alegria,
A lutar penosamente.

cas. Simples poeta de poesia simples». (Boa Esperança, atual Imbiara, Município de Rio Bonito, Est. do Rio, 19 de Janeiro de 1859 — Rio de Janeiro, Gb, 18 de Setembro de 1916.)

BIBLIOGRAFIA: *Cromos*; *Pizzicatos*; *Val de Lírios*; *Plumário*; etc.

5. Ler *Na / água*, com hiato.

6. Observe-se a metáfora.

18-20. Ler com diérese: *vo-a* e *cri-an-ça*.

Cf. "Cromos" — IV —, 11º verso: "Dis/se/me o/ Ti/o/ Sim/plí/cio"; 12º verso: "E a/ bo/a/ do/na/ da/ ca/sa" (*apud Rot.* II, pág. 600); "Quadro", 1º verso: "Ca/i/ra o/ sol/ no ho/ri/zon/te". A propósito de *voa*, do mesmo sonetinho, observe-se o 8º verso: "Vo/am/ as/ a/ves/ ao/ mon/te". Ainda, o 11º e o 13º versos: "U/ma/ to/a/da/ dis/tan/te"; "Es/tá/ um/ ho/mem/ na/ por/ta" (*ap. E. Werneck, Antol. Bras.*, pág. 498).



RECADO

A você, meu irmão, antes que parta

- 2 Para o jardim que a escória humana aduba
No cultivo da terra fria e farta,
Falo como quem sopra velha tuba.

Andei fazendo prosa, verso e carta,
Esvaziando prato, copo e cuba,
Mas a morte triunfal tudo coarta
No tiro certo com que nos derruba.

De olhar em outro rumo, inda poeta
Atendendo a alegria do improviso
De coração feliz conquanto inquieto.

(*) Amigo de Guimarães Passos e Olavo Bilac, Emílio foi uma das figuras mais populares do Rio de Janeiro. Temido poeta satírico, o «Caçador de rimas difíceis», no dizer de Agrippino Grieco, conquanto eleito, em 1914, somente dias antes de sua desencarnação veio a tomar posse no *Petit Trianon*, sem as formalidades exigidas pelo Regulamento da Academia. Salienta E. Werneck que «Emílio de Menezes gravou os seus

No incenso a Baco já não me agonizo,
Prossigo além, exótico e discreto,
14 Mangando embora, mas com regra e siso...

RICOS, OUVI !

- 15 Aflito peregrim, que na carne conservas
16 Cofre, arca, tesouro e riquezas humanas,
Converte em pão e luz pecúlios e reservas
Em prol de quem padece à míngua nas choupanas.

- 19 Criaturas, na Terra, existem como servas
Atadas ao grillão da posse, em feras ganas,
No sinistro prazer das mentiras protervas,
Aos priscos sonhos vis das ilusões vesanas.

Ao homem que se esquece e jamais se vigia,
A fortuna mais alta é cárcere e desdouro...
Enriquece de amor a existência vazia.

Destruirás, desde agora, o ergástulo vindouro
Que encerra a alma infeliz nas raias da agonia,

- 28 Qual soterrado vivo em mausoléu de ouro.

poemas a buril: foi um dos mais extremados na perfeição artística e no labor da forma cuidada.» (Curitiba, Paraná, 4 de Julho de 1866 — Rio de Janeiro, Gb, 6 de Junho de 1918.)

BIBLIOGRAFIA: *Marcha Fúnebre*; *Poemas da Morte*; *Poesias*; *Últimas Rimas*; etc.

2. Observe-se a imagem que constitui, aliás, expressivo eufemismo.

14. Neste soneto, o poeta demonstra sua preferência pelas rimas raras e cruzadas, nos quartetos, com disposição característica nos tercetos (*cdc, dcd*), como o fizera em "Numa Lápide" (*apud Os Mais...*, pág. 99), "Envelhecendo" (*apud E. de M., o Últ. Boêm.*, pág. 181), etc. Importante também é que encontramos neste "Recado" cinco martelos, o que corresponde à estatística de M. Cavalcanti Proença (*Ritmo e Poesia*, págs. 87-88), que, em 840 versos do grande satírico, encontrou 307 martelos. Isto vem demonstrar que, embora mais sério, o vate ainda não se libertou do ritmo comum aos mestres da sátira.

15. *peregrim*: forma antiga de *peregrino*.

16-19-28. Ler com hiato: "Co/fre/ ar/ca"; "cri-a-tu-ras"; "de/ ou/ro". Cf. o 10º verso de "Envelhecendo" (*apud Op. cit.*, pág. 181): "Prê/mio,/ qual/ de/les?/ Qual/ de/les/ é ex/pi/a/ção?"



SOMBRA
E
LUZ

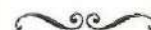
- Surde a aurora sublime — angélica pintura...
2 Em breve, murcha a luz qual bela flor sem vaso...
Débil raio de sol passeia pelo ocaso,
4 E cai, bruxuleante... E morre em fímbria escura...

- Vai o vento brejeiro, ao calor que o tortura,
6 A brincar de espremer mil cachos, ao acaso,
De nuvens colossais do firmamento raso...
Vem a chuva que esparze o olor da terra pura...

(*) Poeta simbolista, médico, farmacêutico e cientista. Foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Patrono, na Academia Fluminense de Letras, da cadeira nº 31. Castro Menezes, seu dileto amigo de ginásio, sentenciou acerca da personalidade de PA: «coração de Poeta, alma de Sábio, caráter de Apóstolo.» Aliás, todos quantos privaram da amizade de Paulo Araújo, como João do Rio, Pereira da Silva, Humberto de Campos, reafirmaram-lhe as superiores qualidades de poeta, sábio e santo. Depois que se tornou «fervoroso es-

Nosso espírito, assim como o dia triunfante,
E' vida e resplendor em trânsitos nervosos,
Insaciáveis quanto o fogo crepitante...

Alma! Doma o querer! Vence o passo erradio!
Falena — subirás em voos prodigiosos,
Nume estelar transpondo o báratro sombrio!



piritista», na última década de sua existência, ele proclamava com desassombro as suas novas convicções (apud Carlos da S. Araújo, Paulo Silva Araújo, págs. 30-31). (Niterói, Est. do Rio, 25 de Julho de 1883 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Outubro de 1918.)

BIBLIOGRAFIA: *Alto Mar*, versos; etc. Deixou inédita vasta bagagem literária e científica.

2. Poderosa comparação: "murcha a luz qual bela flor sem vaso..."
4. Observe-se a expressividade da diérese em *bru-xu-le-an-te* e do polisíndeto que dão, com efeito, ideia de que o débil raio de sol que passeia pelo ocaso, cai...
6. O rípio "ao acaso" corresponde ao "modesta" de "Hipodermia" (apud *Os Mais...*, pág. 207) — 7º verso:

"E quantos sonhos ideais, *modesta*,/ Ela conduz quando contém morfina..."



AO TOQUE
DO
AMOR

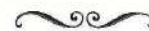
Rompendo a bruma, em louca arremetida, avança
No incrível desvario em que se deblatera,
Onde a sombra abismal domina, esfera a esfera,
O triste obsessor, faminto de esperança.

Preso ao mal que atormenta e à dor que não descansa,
O que mais o acabrunha e o que mais o exaspera
E' sua estranha volta aos instintos da fera,
Na loucura feroz que o propõe à vingança.

(*) Patrono, na Academia Sul-Riograndense de Letras, da cadeira nº 32, e colaborador de diversos jornais e periódicos de sua terra natal, dentre outros, *O Diário*, *O Pampa*, *A Revista do Sul*. A princípio, foi Pedro Velho grande poeta romântico, «intérprete espontâneo da desesperança e da piedade», segundo a expressão de João Pinto da Silva (*Hist. Lit. R. G. S.*, págs. 120 e 124); depois, transformou-se «num profissional do humorismo», muito embora continuasse, no íntimo, a alimen-

Espírito infeliz, padece no braseiro
De flagelo mental, gargalhante e escarninho, —
Mil remorsos bramindo em torvo cativoiro...

Mas ao toque do amor, sem que a treva o degrade,
Arrepende-se e clama, ante o novo caminho,
14 Para nova missão na glória da humildade.



tar-se do mesmo pessimismo e da mesma angústia (*idem*, pág. 126).
(Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 29 de Junho de 1882 — Porto Alegre,
7 de Setembro de 1919.)

BIBLIOGRAFIA: *Ocasos*.

14. Sobre o esquema rimático dos tercetos, cf. o soneto "Primavera" (*apud Col. Poetas Sul-Riogr.*, pág. 196), uma de suas produções isentas de imagens negativas.



MUSEU
DO
UMBRAL

Rojando em tudo a peste aos guinchos aziagos,
Tragando força e vida em torturas severas,
3 Lêmures, avejões, harpias, manes, dragos,
Mostram gestos de gana, urram quais loucas feras!...

Trasgos de olhares vis, disformes, feios, gagos,
Quais monstros em tropéis, ontem foram, de veras,
Homens que agora são abantesmas e magos,
Mulheres que hoje são vampiros e megeras!...

(*) Como poeta, colaborou na imprensa santista e paulistana, tendo sido um dos redatores da revista *O Verso*, escrita toda em versos, inclusive os anúncios. E' patrono de uma das cadeiras da Academia Santista de Letras. A seu respeito diz Fernando Góes (*Pan.* V, pág. 157): «Seus versos traem, a todo instante, a preocupação da forma, que ele próprio confessa, mais de uma vez, desejar seja impecável.» E S. Galeão Coutinho, no seu prefácio a *Flâmulas*, pág. 12, escreveu: «O verso foi

9 Parcas, bruxas, lusbéis, hidras que fazem ágoras;
Larvas, serpes, tritões envoltos em mandrágoras;
11 Demos que vêm e vão em funestos reclamos!...

Tais formas e visões, frutos de nossas mentes,
Morrem sempre igual sombra exposta a sóis ardentes,
14 Ao vencermos o mal que nós mesmos criamos!...

NEM TUDO E' SILÊNCIO

Contempla o campo agreste... Eis a tela soturna
Do imenso chapadão a perder-se de vista...
17 Mas se tudo é deserto e tristeza na crista,
Sob a terra que dorme, a semente se enfurna.

19 Da cova pequenina, improvisada urna,
Anônima e largada à lama que a contrista,

para ele o palácio encantado onde se isolava para entregar-se a orgias maravilhosas de sons e coloridos.» (Santos, Est. de S. Paulo, 26 de Maio de 1891 — Santos, 21 de Agosto de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: *Jornada Lírica; Flâmulas*; etc.

3. Enumeração.

9. Cf. nota anterior (nº 3).

11. *Demo*: "Demônio; pessoa turbulenta ou astuciosa".

Obs.: Tomem-se as palavras *demônio*, *Lúcifer* e outras que tais com o significado de Espíritos, nossos irmãos, que permanecem temporariamente nos círculos da ignorância, Espíritos esses, no entanto, que, um dia, se voltarão para o Eterno Bem.

14. Dos diversos aedos que nos trouxeram notícias do Umbral, nesta *Antologia*, nenhum talvez tenha alcançado tanto realismo nas descrições quanto FM, nestes perfeitos alexandrinos. E o mais importante é que, depois de fazer um inventário completo de todo o *museu*, fecha o soneto com chave de ouro, afirmando que "Tais formas e visões, frutos de nossas mentes,/ Morrem sempre igual sombra exposta a sóis ardentes,/ Ao vencermos o mal que nós mesmos criamos!..."

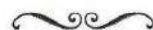
17. Aliteração em *t*.

19. Leia-se com hiato: "...*improvisada/ ur/na*."

A árvore nasce ao sol com beleza imprevista,
Vencendo a expectativa da gleba taciturna...

Ausculda, assim também, a solidão da lousa...
Nem fala que a revele ou força que a transporte...
Tudo aparente inércia ao lodo em que se olvida!

Entanto, à plena sombra, em que a cinza repousa,
Onde se junte o caos à escuridão da morte,
28 Emerge, soberana, a excelência da vida...



28. Não obstante o poeta, em algumas de suas composições, tais como "Introspecção" e "A um descrente", deixe transparecer, pelo menos intuitivamente, ideias reencarnacionistas, pedimos vênica para transcrever-lhe, aqui, o soneto "A Árvore" (*apud Pan. V*, págs. 157-158), escrito por ele quando se achava no Plano Físico, a fim de comprovar que "Nem tudo é silêncio" revela a preocupação do poeta de desfazer a ideia negativa que existe em "A Árvore":

"Hirta, negra, espectral, chora talvez. Responde
Seu próprio choro à voz do vento que a fustiga,
Ela que ao sol floriu, floriu às chuvas, onde
A paz é santa, o campo é doce, a noite é amiga...

Essa que esconde a chaga, essa que a história esconde,
Que conhece a bonança e a borrasca inimiga,
Já foi flor, foi semente, e, sendo arbusto, a fronde
Ergueu para a amplidão às aves e à cantiga.

Que infinita tristeza o fim da vida encerra
A quem já pompeou do Sol na própria luz.
As flores para o céu e a sombra para a terra!

Foi semente, brotou... Árvore transformada,
Sorriu em cada flor; e hoje, de galhos nus,
Velha, aguarda a tortura estúpida do nada!"

FRANCISCA JÚLIA da Silva *



ADEUS

¹ Na agonia da luz o astro-rei purpurina...
Leves tarjas de noite a manchar o horizonte...
Uma estrela a piscar remove a névoa fina
E espelha-se, feliz, no regato defronte...

Soluça um pombo além e se alteia e se inclina
⁶ E voa sem que o Sol novo rumo lhe aponte...
Humilde rola chora a gemer na campina,
Alheia ao prado em flor e à carícia da fonte...

(*) Conquanto apresente a poesia de FJ alguns defeitos formais, é considerada a maior poetisa parnasiana, «maravilhoso poeta, um dos mais originais do Brasil», no dizer de Vicente de Carvalho (citado no *Pan. III*, pág. 248). Versejou em importantes periódicos de S. Paulo, e na *A Semana*, do Rio. João Ribeiro, Olavo Bilac, Agrippino Grieco e até mesmo Machado de Assis teceram largos elogios aos versos de Francisca Júlia, versos que plasmaram o ideal extremo da beleza, segundo

Chega a sombra afinal... Aparece a tristeza
No arrulho que ficou por gemidos em bando,
Quais cordas a estalar numa lira retesa...

-
- 12 Assim, num dia assim, a morrer sem alarde,
13 Chorando eu disse adeus e ele partiu chorando,
14 A renascer na Terra onde estarei mais tarde...



as palavras de Manuel Bandeira (apud *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 580). Em torno de sua desencarnação, diz Péricles Eugênio da Silva Ramos: «O que de positivo pude apurar, ouvindo testemunhas até oculares, foi que no dia da morte de Edmundo (Filadelfo Edmundo Munster) a poetisa se retirou para repousar. E não mais acordou, apesar dos esforços médicos para reanimá-la, vindo a falecer na manhã do dia do enterro do marido.» (*Poesias*, pág. 21.) (Xiririca, atual Eldorado, Est. de S. Paulo, 31 de Agosto de 1874 — S. Paulo, 1º de Novembro de 1920.)

BIBLIOGRAFIA: *Mármore*s; *Esfinges*; etc.

1. *purpurina*. Francisco Fernandes regista em seu *Dicionário de Verbos e Regimes* apenas os verbos *purpurear*, *purpurar*, *purpurejar* e *purpurizar*. Belíssimo, no entanto, este *purpurinar*.

6. Polissíndeto: "E se alteia e se inclina/ E voa..."

12. Mesarquia: "Assim, num dia assim..." — Cf. nota 7, pág. 42.

13. Epanalepse: "*Chorando* eu disse adeus e ele partiu *chorando*".

14. Neste soneto, que plasma a beleza que soube gravar em "*Crepúsculo*", "*Natureza*" e em tantos outros sonetos famosos, fala-nos a poetisa sobre a reencarnação — parece-nos que do seu marido — e de sua volta à Terra, mais tarde, para o ressarcimento das dívidas com a Lei de Causa e Efeito.

A fim de que possamos observar o estilo da artista de *Mármore*s, vamos transcrever-lhe apenas o primeiro quarteto de "*Ângelus*", soneto dedicado a Filinto D'Almeida:

"Desmaia a tarde. Além, pouco e pouco, no poente,
O sol, rei fatigado, em seu leito adormece:
Uma ave canta, ao longe; o ar pesado estremece
Do *Ângelus* ao soluço agoniado e plangente."

(F. Júlia, *Poesias*, pág. 113.)

WENCESLAU José DE Oliveira QUEIROZ *



QUANDO
JESUS
PREGAVA

Quando Jesus pregava, o mundo delirante
Ouvia emocionado os poemas divinos...
Na palavra da Fé, a harmonia estuante
Rededilhava nalma os mais formosos hinos...

- 5 A Natureza inteira, o Infinito distante,
Os roteiros da Dor e os sonhos peregrinos
Recolhiam da voz do Excelso Viandante
As Canções da Bondade e os Celestes Ensinos.

(*) Poeta, jornalista, conferencista, crítico literário e polemista ardoroso, foi Wenceslau de Queiroz um dos precursores do Simbolismo entre nós, e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, aí tendo ocupado a cadeira nº 9. Bacharel em Direito e Juiz Federal em S. Paulo, era um dos companheiros mais assíduos de Emiliano Perneta. Redator-chefe do *Correio Paulistano*. Alma afetiva e coração sensível, viveu uma existência amargurada. Ezequiel Freire chamou-lhe «Baudelaire paulis-

A magia do Amor tocava a criatura,
Transfundindo a revolta em suave sorriso,
O apogeu da aflição em auge de ventura.

13 A vestir de Esperança a Terra enferma e escrava,
Doce, pura e sublime, a luz do Paraíso
Banhava o mundo em paz, quando Jesus pregava...



tano». (Jundiá, Est. de S. Paulo, 2 de Dezembro de 1865 — S. Paulo, 29 de Janeiro de 1921.)

BIBLIOGRAFIA: Goivos; Versos; Heróis; Sob os Olhos de Deus; etc.

5. Observe-se a aliteração em *t*, de poderoso efeito.

13. Entenda-se *Paraíso* a significar um plano superior em que todos os Espíritos trabalham em nome de Deus.

JOSÉ de Abreu ALBANO *



GUERRA

E

PAZ

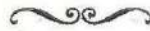
Soldado após a rígida campanha,
2 Guardando as palmas de ilusória lida,
Marchei de peito arfante e face erguida,
Crendo-me herói de olímpica façanha.

Mas, varando os umbrais da morte estranha,
Revivi, descontente, a própria vida,
E, muito embora os louros da acolhida,
Senti-me verme alçado na montanha.

(*) Depois de estudar no Stonyhurst College, em Blackburn, Inglaterra, e bem assim na Áustria e na França, regressa José Albano da Europa e faz os preparatórios no Liceu do Ceará. Em 1908, volta à Europa, a serviço do Consulado Brasileiro, em Londres. Viaja, depois, por diversos países, inclusive a Grécia, Turquia, Palestina, Egito e Espanha, onde publica suas *Rimas*. No ano seguinte transfere-se definitivamente para a França, onde desencarnou. Dele, disse Mário de Alencar

- 9 Alma tocada de arrependimento,
Desperdiçara, em vão, força e cultura,
11 Qual chama entregue ao temporal violento.

- Assim, entre a ventura e a desventura,
13 Sou rei na guerra de cruel tormento,
14 E mendigo de paz na sorte escura.



(apud Pan. V, pág. 220): «Conversando, sentia-se-lhe o orgulho, gerado por desdém e descontentamento dos homens e das coisas, do meio e do tempo. Criticava a todos e a tudo...» Vernaculista e poliglota, «era um gênio atribulado pela obsessão do perfeito». «Inquieto até o delírio,» — frisa a *Ant. Cearense*, pág. 254 — «impeliam-no na vida os mais descontraídos sentimentos e paixões.» (Fortaleza, Ceará, 12 de Abril de 1882 — Montauban (Tarn-et-Garone), França, 11 de Julho de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: *Rimas de José Albano, Redondilhas*; idem, *Alegoria*; idem, *Canção a Camões*; idem, *Ode à Língua Portuguesa*; *Four Sonnets by Joseph Albano with Portuguese Prose-Translation*; etc.

2-11-13. Observem-se três decassílabos sáficos, tão usados pelo poeta, como por exemplo, no soneto II — “Ditoso quem...” (apud Braga Montenegro, N. Cl. n.º 30, pág. 79), versos 8º e 11º: “Se gera às vezes o maior cuidado”; “Com uma dor que outra nenhuma iguala”. Ou no soneto IV (*id.* pág. 80),

versos 3º e 10º: “Naquele dia tenebroso e triste”; “Deixa-me agora padecer contigo”.

9. “Alma tocada de arrependimento”. Eis um decassílabo sáfico com acento secundário na 8ª sílaba, a que M. Cavalcanti Proença chama “sáfico impreciso”. Nada há a estranhar num poeta, como bem ressaltou Braga Montenegro, que “viveu... rebelde à contingência biológica e de cultura que o fez brasileiro do século XX ao invés de português do Renascimento”; “um neo-clássico” — no dizer de Tristão da Cunha — “e não apenas na forma, coisa já vista, mas de inspiração profunda”. Aliás, mais de uma vez escreveu ele decassílabos assim, como se depreende dos exemplos que vamos citar: “Para lhe dar as bem-aventuranças” (Son. IX — “Bom Jesus...” — verso 7º, de *Op. cit.*, pág. 82); “E Tasso geme dolorosamente” (56º verso de “Catálogo das Musas e dos Poetas”, de *Op. cit.*, pág. 44).

14. A fim de que possamos comparar o estilo do grande poeta cearense, transcrevamos-lhe o soneto do qual disse Manuel Bandeira: “...e o seu Poeta fui... nos soa em verdade como um soneto póstumo de Camões”. Antes, porém, atentemos nestas palavras de Braga Montenegro (*Op. cit.*, páginas 21-22): “Todos os seus sonetos, publicados ou inéditos (excetuam-se os versos dos vinte anos, imperfeitos e de uma ingenuidade de pensamento que traía o artista imaturo), foram elaborados sob os intuitos de uma teoria uniforme: uniformidade de metro — o decassílabo clássico; uniformidade na disposição da rima — *abba, abba, cdc, dcd*. Uniformidade também, seria lícito dizer-se, de pensamento, uma vez que sua inspiração se manifesta dentro de um pequeno círculo de ideias e de inquietações filosóficas circunscritas a um só tema — mais padecimento, menos ventura — já referidos em outro lugar do presente estudo.” A propósito, merece esclarecimento que o decassílabo clássico pode ser heróico, sáfico, etc.

Vamos, agora, à transcrição do célebre soneto:

“Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana mas tão pouco dura;
E inda choro o rigor da sorte escura,
Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noute e dia
E só com saudades me atormento;

Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento,
Senão de ter cantado o que sofria.”

(*Op. cit.*, pág. 78.)

Convém ressaltar, ainda, que o artista das *Redondilhas* gostava de formas como “Dos sonhos que sonhava”. Por isso, saiu-se tão bem no 6º verso de “Guerra e Paz”: “Revivi... a própria vida”.



A TI

QUE ME OUVES

Como o dia ao findar, o decesso não trunca
O poder do ideal e a corrente da vida...
Nem ancinho a morder, nem mão em garra adunca...
A morte? Apenas sonho embalando a partida...

Se o caminho em que vais é trilha que se junca
De farpas, lama e fel, sem clareira ou saída,
Sê compaixão sòmente e não sentirás nunca
A sombra da tristeza ou a esperança perdida.

(*) Poeta e jornalista, AW trabalhou ativamente na imprensa, principalmente depois que fixou residência em Livramento, tendo sido diretor de **O Republicano**. Patrono da cadeira nº 40, na Academia Sul-Riograndense de Letras. Sua poesia é essencialmente subjetiva, com impressões de vida interior. Prefaciando-lhe a obra póstuma **Poesias**, Mansueto Bernardi afirmou: «Alma de eleição, um dos mais finos temperamentos artísticos do Rio Grande, uma das belas vozes da poesia, no Brasil.» E mais adiante, observava: «Ao mesmo tempo que o pensamento do

Se a agonia envenena o pranto de teus olhos,
Qual rocio letal no lodo que te banha,
Não te fira a visão de tremedais e abrolhos.

O amor é como o sol ante o charco profundo...
Amando, entenderás que a dor mais rude e estranha
14 E' sempre a Lei de Deus que se move no mundo...

AGORA

Eis o tempo que passa... Um juiz onde fores,
Espírito da Lei que a tudo envolve e doma.
Ontem, do Nilo em festa à grandeza de Roma,
Era a glória do mundo em cinzas e esplendores.

Hoje, carro triunfal dos sonhos redentores,
Em que a bênção do dia é celeste redoma,
Onde a vida se alteia e, pura, se retoma
Para erguer-te a alegria e suprimir-te as dores.

amor, o pensamento da morte o acompanha sempre. (...) Foram eles, por assim dizer, o amor e a morte, assim como a luz e a sombra dos seus olhos, o mel e a cicuta dos seus lábios, a sístole e a diástole do seu coração.» (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, 14 de Fevereiro de 1895 — Livramento, Rio Grande do Sul, 13 de Setembro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Na Terra Virgem; Coroa de Sonhos; etc.

14. Este soneto é, sem dúvida, uma resposta ao poema que AW escreveu pouco antes de sua desencarnação, "Idealizando a Morte" (*apud Col. Poetas Sul-Riogr.*, pág. 302), do qual vamos transcrever o último quarteto, grifando as rimas que se repetem no soneto de hoje:

"E morrer... e levar com a vida que se *trunca*,
Tudo que de doçura e amargor teve a *vida*:
O sonho enfermo, a glória obscura, a fé *perdida*,
E o segredo de amor, que eu não te disse *nunca*!"

Amanhã será sol em pleno trilho escuro,
Almenara de amor a indicar-te o futuro
No horizonte da paz, onde a esperança mora.

Mas do tempo que é sombra, anseio, plano e anelo,
Nos caminhos do Tempo, eis que o Tempo mais belo
E' o momento imortal que chamamos "agora".

ANTEVISÃO

E um dia chegará, de segundo a segundo,
A vitória imortal... Tiranias ultrizes
Dobrarão para sempre as trágicas cervizes
Ante o reino do amor a espriar-se, fecundo!

33 A impiedade revel, o ódio a rir-se iracundo,
A usura de Harpagão e o gládio de Cambises
Serão restos crostais de velhas cicatrizes,
Temerárias lições no semblante do mundo!

Não mais fome ou nudez... O arado, a escola e o malho
Entoarão sobre a Terra as canções do trabalho
Em trompas e clarins de concerto bendito!

E os homens, céus além, ao tato incontroverso,
Descobrirão, por fim, nos portais do Universo,
A bússola de Deus no timão do Infinito!



33. Leia-se com sinérese: *im-pie-da-de*.

MOACIR de Toledo PIZA *



MORTO-VIVO

Reborbulha-me a ideia na cabeça...
Corre o sangue nas veias de meu pulso...
Os ouvidos, por mais que me estarreça,
4 Guardam consigo os sons que eu mesmo expulso...

Minha imaginação brinca, travessa...
Respiro. E' o peito meu, triste, convulso...
E a razão pede para que não desça
À sombra imensa de meu próprio impulso.

(*) Bacharel, em 1915, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, colaborou na imprensa de S. Paulo e do Rio, «com incursões, frequentes e ilimitadas, ao epigrama e ao sarcasmo». Mas, «apesar de toda essa aparência de mordacidade iconoclástica à flor da pele, era um sentimental e um lírico. Amigo cem por cento dos amigos» (L. C. de Melo, *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 484-485). Foi redator do *Estado de S. Paulo*. Hilário Tácito, na apresentação à *Vespeira*, pág. III, afirma que «a crí-

Fulgura-me a visão na luz dos olhos...
Meus pensamentos voam sem antolhos...
O coração prossegue imperativo...

Tenho fome de paz e de conforto!
Se ontem eu fora estranho vivo-morto,
Sou agora, em verdade, morto-vivo...



tica dos doutos consagrou o escritor paulista como digno de figurar entre os nossos mestres do gênero satírico». (Sorocaba, Est. de S. Paulo, 19 de Abril de 1891 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 25 de Outubro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: *Sátiras*; *Calabar*, em colaboração com Juó Bananére; *Vespeira*; etc.

4. Conta R. Magalhães Júnior (*Ant. Hum. e Sát.*, pág. 291) que o poeta foi vítima de uma paixão funesta, que o levou ao suicídio com arma de fogo.

ANÔNIMO *

A Q U I E A Í

Vento gelado dá beijos traiçoeiros
Na face contraída do mundo
Com lábios de cadáveres insepultos.
As folhas do arvoredado, tiritantes de frio,
Sussurram gemidos lassos...
Os insetos enrouqueceram...
Trino cavo de pássaro doente
Dissoa tristura pelo espaço...
A Natureza hiberna no frigorífico da terra.

10 Aqui, no homem sem corpo,
As algemas agrilhoantes do destino
Enroscam-se à mente sufocada.
Quanta aflição nas celas dos remorsos!
Coroa de espinhos
Dos atos que não foram feitos...
Galopeia o pensamento!

Aí, dos bastidores do silêncio,
Debulha a melodia mental
Galgando as montanhas de ar,
E fende as cinzas do céu...

(*) Embora sob o manto do anonimato, registamos aqui a presença de grande poeta modernista.

10. *homem sem corpo*, isto é, sem corpo carnal.

Há revérberos de sorrisos
Chuviscando na amplidão!
Arco-íris em noite escura...
Primavera na invernãa...

Chora perdão o Espírito amparado...
Gêiser de fé esfervilhando sensações,
Age a prece do bom
Entrando, em triunfo de amor,
29 Na Cidade dos Injustos...



29. *Cidade dos Injustos*: o Umbral.

MOACIR DE ALMEIDA *



MUITO ALÉM

Móvel quanto a maré cantante e permanente;
Serena como a flor transcendendo o monturo;
Excelsa quanto os sóis, fugindo em bando à frente;
Imortal como o tempo a buscar o futuro;

Nobre quanto a beleza a palpitar fremente;
Veraz como o clarão do pensamento puro;
Larga quanto a visão do infinito crescente;
Forte como o progresso a caminhar seguro;

(*) Patrono na Academia Belo-Horizontina de Letras e na Academia Carioca de Letras. «Comparado a Castro Alves,» — diz Fernando Góes (*Pan.* V, pág. 308) — «pelo vigor do estro, pelo arrojado das imagens, pela grandeza dos temas que o preocuparam, Moacir de Almeida foi, realmente, um poeta, na mais ampla e precisa acepção da palavra.» Júlio Pinto Gualberto (*O Gênio Poét. de...*, pág. 12) ressaltou-lhe «a fina sensibilidade, a profunda penetração psicológica», acrescentando, páginas adiante: «A poética de Moacir de Almeida tem tópicos de musicalidade, bálsamo para os que sofrem.» Elogiado por Agrippino Grieco, Atilio Milano, Edmundo Moniz, foi o grande vate, durante a sua curta exis-

Profunda quanto o mar de anseios e avatares;
Ardente como o amor na flama religiosa;
Divina quanto a luz dos gênios tutelares;

Doce como o perdão nos cárceres e crimes;
Assim prossegue a vida, estuante, formosa,

14 Sempre além, muito além dos sonhos mais sublimes!...

tência, «um torturado da dor e do sofrimento». (Rio de Janeiro, Gb, 22 de Abril de 1902 — Rio de Janeiro, Gb, 30 de Abril de 1925.)

BIBLIOGRAFIA: Gritos Bárbaros; Poesias Completas de Moacir de Almeida.

14. A fim de que possamos comprovar o quanto era comum ao artista de "Avatares" o uso das comparações, chegando, quase, à prática obsessiva, fizemos uma estatística. Estudando os 3.410 versos, segundo nossos cálculos, constantes da obra *Gritos Bárbaros e Outros Poemas*, Livraria São José, Rio de Janeiro, com uma introdução de D. Martins de Oliveira, 3ª edição aumentada, chegamos à conclusão de que o vate de "A Águia" usou ali nada menos que 269 comparações, servindo-se, em quase todas, do "como", valendo-se, segundo Antônio Olinto, "do signo de comparação que pode ser uma debilidade de expressão poética".

A propósito, disse D. Martins de Oliveira (*Op. cit.*, pág. 8):

"Pádua de Almeida referiu-me que, em menino, saía sempre a passeio com o irmão pelos arredores do Engenho Novo, e o contacto com a Natureza, que tanto os deslumbrava, *sugeria-lhes um jogo de comparações*: a noite caindo sobre a montanha parecia um morcego, cego de luz, enquanto ao outro lembrava um véu negro pregado com as tachas das estrelas ao templo dos morros.

"Não teriam sido bem esses exemplos que me citou Pádua, mas quero chamar a atenção para o *exercício curioso de um método comparativo, que lhes teria desenvolvido o gosto pela metáfora poética.*" (Os grifos são nossos.)

Para ilustrar o que afirmamos, seguem apenas alguns exemplos deixados pelo poeta:

a) "América — I —", 3ª estrofe, *Op. cit.*, págs. 97-98:

"Aturdido de infinito
Cego de astros, louco de azul,
Como um índio que ruga ao sol nascente,
América, a teu céu lanço o meu grito
Beijando a terra ardente...
Nasci sob o clarão do Cruzeiro do Sul:
Vim de tuas entranhas
Como a torrente, *como* a planta, *como* a fraga,

— Rocha de tuas montanhas,
Árvore de tuas matas,
Onda de teus mares, vaga
Arrastada nas tuas cataratas!"

b) "Cori", págs. 119-126: o poeta usa nada menos que 22 comparações e, às vezes, se condensam assim:

"*Como* a sombra; e, por tudo, os guerreiros selvagens,
Mortos; e vê, por tudo, o sangue nas folhagens,
Nos troncos, a escorrer *como* rubra resina;
Corpos arfando sobre a terra purpurina,
Como árvores que o raio, em pedaços, rojasse."

c) "Maldição das Asas", págs. 147-153: a obsessão pelo processo comparativo continua:

".....
Ah! Se, acaso, em teu ser, a loucura das chamas,
Sublime *como* a luz, terrível *como* o oceano,
Te acendesse o infinito em cada olhar insano, ...
.....
E desenrolaria os cabelos desnastros
Como chamas de amor, nas célicas estradas.
....."

d) "Marinheiros", págs. 171-173: vejamos mais dez exemplos interessantes que não ousamos transcrever a fim de que o leitor possa, por si mesmo, deliciar-se com o magnífico jogo de comparações que, destacadas, perderiam o vigor que lhes empresta a vista de conjunto.

e) "Ruínas de Fogo", págs. 186-187: neste poema, o autor fugiu à regra, tão-somente na 2ª estrofe. Na 4ª, 6ª e 7ª, entretanto, serve-se nunca menos de duas comparações. Citemos apenas os dois últimos versos da penúltima estância:

".....
.....
Meus poemas fulgem *como* raios, *como*
Labaredas, relâmpagos, incêndios!"

E o mais curioso de tudo é que o último poema do livro, "Ode à Irlanda", contém a cifra considerável de 14 comparações, e termina assim:

"Terra que Deus cravou nas ondas *como* um astro,
— Astro, sim! Astro audaz de cólera e grandezas —
Levanta-te! E, se acaso, entre as ondas acesas,
Não puderes surgir livre, aos olhos do Mundo,
O' Irlanda, morre! Abrasa os céus no olhar profundo;
Mergulha-te no mar, num relâmpago insano,
Como o sol, a escorrer, no incêndio, atrás do oceano!"

De nosso estudo, salvo qualquer engano, depreendemos que o grande vate de *Gritos Bárbaros* apresentou um total de 7,9% de comparações.

No soneto "Muito Além", o mesmo poeta serve-se de 12 comparações, atingindo, portanto, em números redondos, a 85,7%, o que é um número bastante expressivo.



GLORIFICAÇÃO

Se ontem, atribulado, andei sem rumo certo,
2 Nômade do ideal, gemendo estrada afora,
Hoje, crente, proclamo, ao coração que chora,
A alegria imortal do espírito liberto...

Renovado, feliz, vou pelo mundo agora,
Já não mais como fui, amargando o deserto,
E antevejo o painel do futuro entreaberto,
8 Em torrentes de amor a crescer hora a hora...

(*) Poeta, jornalista e polemista, colaborou nas mais importantes revistas simbolistas do Paraná. Falando sobre o seu único livro de versos, Fernando Góes (*Pan.* IV, pág. 221) conclui: «Poemas de alguém que teve uma vida de sofrimentos e que giram em torno do amor à família, da morte, da dúvida, da dor. De forma descuidada — Ismael confessa faltar-lhe o «segredo da Forma», o «mérito da Arte» — esses versos são confissões e às vezes pungentes desabafos.» Pertenceu ao Centro de

Em Jesus encontrei o Mentor dos Mentores,
A guardar no Evangelho a Cartilha Suprema,
Libertação do mal, consolação nas dores.

Glorificado seja o Senhor Bem Amado,
Erguendo a liberdade ao pé de cada algema,
14 Pregando a redenção para todo culpado!...

GLÓRIA DO MUNDO

Suspense em pleno peito amplo vergel florido,
Existe qual jardim sem espinho e sem hera...

Letras do Paraná, do qual fora sócio fundador, e é, na Academia Paranaense de Letras, o patrono da cadeira n° 34. (Campo Largo, Paraná, 27 de Julho de 1876 — Curitiba, 7 de Dezembro de 1926.)

BIBLIOGRAFIA: *Ciclos*, versos; *A Mocidade de Hoje*, prosa; etc.

2. Aliteração em *d*.
8. Ler com hiato: *ho/ra a/ ho/ra*.
14. O poeta atribulado de "Vinte e Nove de Julho...":

"Vinte e nove de Julho! Ao lembrar este dia,
Às vezes pergunto a Deus: porque nasci?"

(*Apud* A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, pág. 216.)

volta agora no poeta "renovado, feliz", de "Glorificação".

E' forçoso dizer que, neste soneto, o poeta deixa transparecer a euforia natural daqueles que encontram a resposta às antigas dúvidas que os acicatavam. No caso presente, o autor de *Ciclos*, depois de fundamentar a "ideia vaga", expressa nos quartetos do soneto "Eternas perguntas", na qual admitia já haver vivido em outro mundo, demonstra não mais ignorar aquilo que deixou nos tercetos do soneto a que aludimos:

"De onde vim? Aonde vou? Será verdade
Que a morte não existe? A eternidade
Será o consolo prometido à gente?"

O homem que será? Verme inconstante
Ou sublimado ser que a todo instante
Se transforma e revive eternamente?"

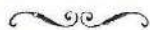
(*Ap.* Rodrigo Júnior e..., *Ant. Paranaense*, pág. 192.)

17 Por mais chuva ou mais sol, conserva o colorido,
E, embora o frio em torno, esplende em primavera...

Do regato a jorrar não se escuta um gemido...
Nas brisas de perfume o amor jamais se altera...
E nesse abrigo santo, em pétalas tecido,
A doçura vigia em generosa espera...

Remanso de bondade em divino transporte,
Oásis no deserto a sorrir para a morte,
Quem consegue exaltar esse ninho fecundo?...

26 Só Deus!... Só Deus, usando a luz da aurora acesa,
Poderá definir a infinita grandeza
Do coração de mãe como a glória do mundo!...



17. Note-se a elipse: "Por mais (que haja) chuva ou sol..."

26. Epizeuxe: "Só Deus!... Só Deus..."

Juvêncio de ARAÚJO FIGUEREDO *



TEMPO

E

MORTE

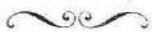
Sim!... Minha alma partira e os Espaços buscara,
Lá onde esplende a Luz em perenal transporte,
E viu que Alguém pintou na imensa tela clara,
Sem pincel e sem tinta, o Amor de norte a norte.

Hoje sei que, na Terra, a quem não se prepara
Na oficina do Bem que instrua e reconforte,
Abre-se a escarpa hostil de nova senda ignara
Em que a Vida ressurge atormentando a Morte.

(*) Grande amigo e discípulo de Cruz e Souza. Membro da Academia Catarinense de Letras e do Centro Catarinense de Letras. A. Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 209) diz que AF foi considerado «príncipe dos poetas catarinenses». Redigiu vários periódicos do seu Estado natal, tendo colaborado no *Diário de Notícias*, na *Cidade do Rio* e em outros órgãos do Rio de Janeiro. Conta Osvaldo F. de Melo. (*Int. Hist. Lit. Cat.*, pág. 119) que Araújo Figueredo, na última década

Foge o Tempo, a sumir sorrateiro e calado...
No ergástulo de carne o Espírito enlanguesce
Entre o sol do Porvir e as brumas do Passado.

A idear no Infinito amplas visões sonoras,
Quisera, transfundindo o coração em prece,
14 Exaltar para o Mundo a grandeza das horas!...



de sua vida, encontrou na filosofia espírita «um porto para seus anseios místicos e um céu para seus voos metafísicos». «Então» — prossegue Osvaldo Melo — «já não se notava o místico torturado de **Sombras Amigas**, mas um poeta cheio de paz, num retorno a emoções naturais, mais extrovertido, como a sepultar, no calor e na luz de seus versos, uma longa fase de angústia filosófica que ele julgava superada.» (Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina, 27 de Setembro de 1865 — Florianópolis, 6 de Abril de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: **Madrigais**; **Ascetério**; deixou alguns livros inéditos.

14. Para que se possa observar como se parece o “Amor e Morte” de ontem com o “Tempo e Morte” de hoje, não apenas pelo gosto das maiúsculas e a disposição rimática, mas, sobretudo, pelo tema, veja-se aquele soneto em *Pan.* IV, págs. 85-86.

Augusto Alvaro de CARVALHO ARANHA *



À PROCURA
DA
IDEIA ORIGINAL

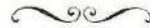
O homem demanda, embora surdo e lento,
A verdade que o busca, viva e certa;
Mas dorme na ilusão a que se oferta,
4 No garimpo interior do pensamento.

Iludido, cansado, desatento,
Crendo no acaso, um dia brilha e acerta...
Muda-se então a vida em luz aberta
Pela fulguração de um só momento.

(*) Depois de estudar no Maranhão e em Pernambuco, veio CA a matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, bacharelando-se em 1901. Além de poeta distinto, foi promotor e juiz em algumas cidades do interior paulista. Colaborou em inúmeros órgãos da imprensa de Sergipe, Pernambuco, Rio e S. Paulo. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Sobre ele assim se externou Armindo Guaraná, em seu *Dic. Bio-Bibl. Sergipano*, pág. 41: «Poeta primoroso e fes-

O súbito clarão de uma faísca
Explode no horizonte azul e risca
O alto manto do céu em que se enflora...

Assim, a ideia nova em nossa mente:
Eclode num lampejo incandescente
E abre caminho pelo mundo afora...



tejado da escola parnasiana, é também um espírito dotado de filantropia e um juiz culto e reto.» (Aracaju, Sergipe, 30 de Janeiro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 30 de Março de 1928.)

BIBLIOGRAFIA: *Primícias*; *Poeira do Meu Caminho*; *Visão das Horas*; etc.

4. Leia-se *in-te-rior*, com sinérese.

NESTOR VITOR dos Santos *



EUTANÁSIA

- 1 Ofega o corpo a sós... Oculta, a morte espia...
— Invisível chacal na tocaia da presa.
Na máscara do rosto, a ansiedade retesa
Aparenta velar a dor do último dia.

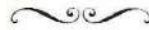
- 5 Choras ao ver prostrada a criatura indefesa
Cujo olhar sem consolo a lágrima embacia,
E intentas ministrar-lhe a branda anestesia
Que apresse o longo fim e ajude a Natureza.

(*) Poeta, conteur, romancista, crítico, Nestor Vitor foi também, no dizer de Andrade Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 268,), «pensador moralista penetrante». Vice-diretor, aos 26 anos, do Internato do Ginásio Normal, atual Colégio Pedro II. Colaborou em vários jornais do Rio, entre os quais *O Paiz*, o *Correio da Manhã* e *O Globo*. Patrono, na Academia Paranaense de Letras, da cadeira n.º 27, tendo pertencido à extinta Academia de Letras do Paraná. Amigo particular de Cruz e

Susta, porém, teu gesto! A vida é sábia em tudo!...
A alma jungida à carne, em pranto amargo e mudo,
Roga-te, embora gema e fale de outra esfera:

— “Aguardo a mão da Lei, sempre doce e benvinda!
Dá-me silêncio e paz! Não me expulses ainda!...”

14 E, por trás da alma em luta, a Lei exclama: — “Espera!”



Souza, foi NV o crítico principal do Simbolismo em plagas brasileiras. Brito Broca não vacila em colocá-lo entre os melhores críticos brasileiros. Para Fernando Góes (*Pan.* IV, pág. 78), «a poesia não foi o forte de Nestor Vitor, antes é a sua parte mais vulnerável». (Paranaguá, Paraná, 12 de Abril de 1868 — Rio de Janeiro, Gb, 13 de Outubro de 1932.)

BIBLIOGRAFIA: Signos; Transfigurações; etc.

1. Note-se a aposiopese.
5. Leia-se *cria-tu-ra* em três sílabas.
14. A título de curiosidade, veja-se, do Autor, o soneto “Morte Póstuma”, de *Transfigurações*, in *Pan.* IV, pág. 79.

Antônio CUNHA MENDES *



ASAS

Terra, nada reténs que o verme não carcoma!...
Tudo nasce e caminha ante o poente aziago...
Toda pompa a luzir, qual furacão num lago, —
Túrbida agitação sobre a undiflava coma...

- 5 Na urna de Moisés vês longínqua redoma;
No fausto de Alexandre, um painel triste e vago...
A cinza sepulcral dos salões de Cartago
- 8 Soterrou no silêncio os mármores de Roma...

(*) Depois de ter publicado seus primeiros versos em alguns jornais de seu Estado natal, e aí pertencido à «Padaria Espiritual», CM transferiu-se para S. Paulo, onde concluiu o curso de Direito e dirigiu a *Revista do Brasil*, que apresentava colaboradores do gabarito de Emílio Kemp, Carvalho Aranha, Amadeu Amaral e outros. Escreveu em revistas simbolistas e em jornais da época, como *O Paiz*, do Rio, principal-

Duas asas, porém, na rota em que flutuas,
Sustentam-te, no Espaço, impassíveis e cruas,
Nenhuma alteração que, leve, as entrecorte.

Libram com Deus e a Vida, em suprema conquista...
Tribos, povos, nações... Nada que lhes resista...

14 Uma — a clava do Tempo; outra — a sega da Morte!



mente em versos. Exerceu a advocacia no Rio e, depois, em S. Paulo. Foi também romancista. (Maranguape, Ceará, 15 de Março de 1874 — S. Paulo, 2 de Junho de 1934.)

BIBLIOGRAFIA: Lyriss, poemeto; Poesias; etc.

5. Leia-se com hiato: *Na/ ur/na*.

8. Aliteração em s.

14. Observe-se a semelhança de estilo, só pelo primeiro quarteto da jóia de 14 versos que começa com "Noute, abrigo dos maus! Trevas, calmos ensombros", dedicado a Samuel Porto:

"Noute, abrigo dos maus! Trevas, calmos ensombros
Do covarde, do nu, do triste e do cansado;
Enche d'alma arruinada os sórdidos escombros
Com a mudez funeral de túmulo fechado!"

(*Apud Pan. IV*, pág. 243.)

José FÉLIX Alves PACHECO *



A LÊ M

D A

N O I T E

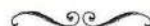
Dos corações clamando agonia e desterro,
Desce o orvalho do pranto em fel da desventura...
A saudade a chorar dita a rota do enterro,
Mas o túmulo em si é breve noite escura...

A alma, divino sol no corpo — escrínio perro —,
Jóia viva a brilhar além da sepultura,
Lucila a esmorecer, sob as tenebras do erro,
Ou cresce a refulgir, se ascende bela e pura.

(*) Jornalista emérito, exerceu a profissão, desde moço até a desencarnação, no *Jornal do Commercio*, do Rio, folha de que chegou a ser diretor-proprietário. Foi ainda historiador, ensaísta, deputado federal, senador e Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Pertenceu a inúmeras associações e ocupou a cadeira n° 16 da Academia Brasileira de Letras. Poeta dos mais delicados, «figura, em primeiro plano, entre os maiores vultos que o Piauí legou ao Brasil» (*apud Félix Pacheco*, pu-

Onde vá, todo ser caminha lado a lado
Da luz cantando sempre o amor profundo e ardente
Ou da sombra transfeita em pavoroso mito;

A deixar cada dia o crisol do passado,
Vai e vem, a sofrer, no esmeril do presente,
Para estampar-se, enfim, nos troféus do Infinito!



blicação do *Jornal do Commercio*, pág. 5). (Teresina, Piauí, 2 de Agosto de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 6 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: *Amores Alvos*; *Poesias*; *Lírios Brancos*; *Descendo a Montanha*; etc.

CIRO COSTA *



FASCINAÇÃO

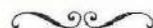
Atravessara, aflito, os umbrais do outro mundo
E, ao erguer-se da lousa, exânime, febreiro
No sepulcro imagina o suntuoso aposento
Onde, a sós, afagava o tesouro infecundo.

— “Meu dinheiro!” — reclama, exasperado e atento.
6 — “Ouro! Meu ouro só! Por nada me confundo!
Ladrões! Quem me furtou?” — esbraveja iracundo,
Em largo desafio aos sarcasmos do vento.

(*) Depois de formar-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo, o artista de «Pai João» viajou pela Europa e pelo Oriente, chegando a visitar a Índia e o Egito. Residiu por algum tempo no Rio de Janeiro. Juntamente com Olavo Bilac, Martins Fontes e outros intelectuais, fundou a «Sociedade dos Homens de Letras do Brasil». Colaborou nas revistas paulistas da época, dentre elas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*. Eleito para a Academia Paulista de Letras, não chegou a tomar posse. «Ciro Costa era uma irradiação larga, amplíssima de talento e de simpa-

- 9 Ouve o silêncio em torno e ruge: — “Agora, agora!
10 Achei meu cofre! Achei!...” — gargalha, grita, chora,
Na homérica ilusão que ele mesmo proclama...

- Inclina-se. Algo colhe e, em delírio perfeito,
13 Investe contra a sombra e aperta contra o peito
Velha tampa de esquife empastada de lama.



GALBA DE PAIVA *



DESERTOR

Silêncio... Inércia... Morte... O fim de tudo...
Era o estranho ideal que acalentara
Quando vivi qual cego, surdo, mudo,
Ou sonâmbulo em crise longa e rara.

- 5 Covarde e tresloucado, em transe agudo,
De súbito fugi à vida amara
E marchei, constrangido, para o estudo
8 Do enigma que, em vão, me acabrunhara.

tia» — afirma Marques da Cruz na *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 25, pág. 169. «Epígono da geração acadêmica do Romantismo», fundamentalmente um romântico, ele viveu, porém, a vida da sua época. «Foi parnasiano e simbolista» — escreve Marques da Cruz, concluindo. (Limeira, Est. de S. Paulo, 18 de Março de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Junho de 1937.)

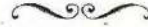
BIBLIOGRAFIA: Estelário; Terra Prometida.

6. Epímone. — Cf. nota 2, pág. 36.
9. Ricochete: “... — Agora, agora!”
10. “Achei meu cofre! Achei!...”: Mesarquía. Cf. nota 7, pág. 42. Observe-se, ainda, a adequação dos verbos a exprimir uma gradação ascendente.
13. Cf. nota nº 6 deste capítulo.

(*) Poeta distinto, jornalista, conferencista e crítico literário. Depois de cursar o Liceu Alagoano, de Maceió, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido o orador da turma de 1915. Exerceu várias funções públicas na administração e na magistratura do Rio Grande do Sul. Colaborou em diversos jornais e revistas, dentre outros o *Diário do Interior*, de Santa Maria, *Última Hora*, de Porto Alegre, *Fon-Fon!* e *Leitura Para Todos*, do Rio de Janeiro. Na revista

9 Mas não morri... Morreu-me o vaso impuro...
E, distante da carne transitória,
Colho o passado e planto o meu futuro.

Nem mistério, nem cinza à nossa frente...
Apenas o homem louco de vanglória
14 Procurando enganar-se inútilmente.



carioca A *Semana* foi crítico literário ao tempo de Adelino Magalhães. De 1930 até à sua desencarnação, viveu no Rio de Janeiro, advogando no foro. (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, 26 de Setembro de 1893 — Rio de Janeiro, Gb, 1 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Folhas*, versos; *Hora Azul*, conferência; *Elogio das Cores*, idem; etc.

5. Aliteração em *d*.

8. Suarabácti: "e-ni-g-ma". Cf. nota 1, pág. 47.

9. *morri... Morreu-me...*: Poliptoto.

14. Para que possamos entender-lhe o soneto, transcrevamos apenas o último terceto de "Perante a Dúvida", que o poeta escreveu, tempos antes de se suicidar:

"Mas do termo final já não me iludo...
— Basta a triste certeza de ser nada,
Basta a vaga esperança de ser tudo."

(*Apud Col. Poetas Sul-Rioyr.*, pág. 283.)

AFONSO CELSO de Assis Figueiredo Júnior *



ESPLENDORES

Além, a luz do espaço se esfacela
2 Em explosões de sons e cores raras,
Tecendo o amor e a glória nas searas
Da vida universal sublime, bela...

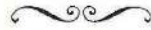
Brilham, depois do azul que o céu revela,
Astros em bando, iguais longas aparas
De altas constelações, em formas claras:
Sóis pendendo de vasta passarela...

(*) Poeta, romancista, historiador, jornalista, dramaturgo e orador consumado. Doutorou-se Afonso Celso na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1881. Professor e diretor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Reitor da Universidade do Brasil. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 36. Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa. Colaborou em muitos jornais e revistas de S. Paulo e do Rio, principalmente no *Jornal do Brasil* desta última

O homem fita espantado as nebulosas
Bailando em formações maravilhosas,
E vê-se um verme à frente do Destino...

Ante o excelso esplendor finda-se o engano...

- 13 Como se faz pequeno o orgulho humano!
Como se torna imenso o Amor Divino!



OSCAR Amadeu LOPES Ferreira *



SERENIDADE

- Mostras gesto revoltado, olhar assustadiço,
2 Trazes velha aflição que a tudo atinge e invade,
Caminhas torturando o mundo em desserviço,
Gerando agitação, desânimo, ansiedade...

Dissipas vida, carne e tempo em reboliço.
Asserena-te, espera!... Assim qual és, quem há-de
Aconselhar-te, irmão, a que te deixes disso,
Se não sentes, sequer, a própria realidade?

(*) Bacharel em Direito, poeta, jornalista, cronista, contista, dramaturgo e conferencista, Oscar Lopes foi o primeiro presidente efetivo da Sociedade dos Homens de Letras, no Rio de Janeiro. Nessa cidade viveu desde a meninice, e aí iniciou e concluiu a sua formação literária. Foi redator da *Gazeta de Notícias* e do *Brasil*, cuja seção literária e artística lhe cabia, e ainda colaborou em *O Paiz*, no *Kosmos*, na *Renascença* e outras publicações da então Capital Federal. «Como cultor das

cidade. Veio a ser presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Possuía numerosos títulos honoríficos. Foi um dos primeiros esperantistas no Brasil. A sua musa era natural e espontânea, clara e simples. Rodrigo Octávio Filho, à beira do túmulo do grande brasileiro, afirmou: «Afonso Celso foi poeta, e emocionou. Foi mestre, e ensinou. Foi patriota, e pregou.» (Apud *Homenagem à memória do Conde Affonso Celso*, pág. 35.) (Ouro Preto, Minas Gerais, 31 de Março de 1860 — Rio de Janeiro, Gb, 11 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Prelúdios*; *Devaneios*; *Telas Sonantes*; etc.

2. Observe-se a aliteração em s.
13. Antítese.

Vocação de corisco a tremer cada instante,
Amargas sono inquieto e fôlego expirante.

11 Senta-te, amigo, e ora! Acalma-te, medita!...

Plantas em cada passo um triste desengano!
Porque pressa? Se a morte é o fim do corpo humano,
A alma prossegue, além, na jornada infinita!...



musas, guardou-se nos páramos da beleza parnasiana. Era ourives cioso trabalhando o ouro de lei das suas poesias. Elísio de Carvalho, que lhe apreciou cuidadosamente a obra poética, afirma que «Oscar Lopes, com ser um artista meticuloso e fleumático, é um pintor de tintas delicadas, um aquarelista elegante, uma paisagista exímio».» (apud *Antologia Cearense*, pág. 370.) (Fortaleza, Ceará, 31 de Dezembro de 1882 — Rio de Janeiro, Gb, 1º de Outubro de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: *Medalhas e Legendas; O Albatroz; Seres e Sombras*; etc.

2. ...que a tudo atinge... Sobre o verbo *atingir* regido da preposição *a*, veja-se a "Nota" de Francisco Fernandes, correspondente ao verbete, em seu *Dicionário de Verbos e Regimes*.

11. Leia-se com hiato:

"Sen/ta/te a/mi/go e/ o/ra a/cal/ma/te ,/me/di/ta".

LULU PAROLA (ALOISIO Lopes Pereira DE CARVALHO) *



CONFISSÃO

Quando a cela de carne vira pó,
2 A gente volta vivo para cá,
Lembrando com saudade de dar dó
Essa bóia daí que aqui não há...

Moqueca, caruru, mãe-benta, efó,
Quibebe, canjiquinha, munguzá,
Sequilhos, abará, manuê, bobó,
Tutu, acarajé e vatapá...

Vivo morto de fome por aqui!
Para que eu não embirre igual guri,
E' preciso ter muita e muita fé...

(*) Devotado jornalista, e poeta de humor fino e original. Manteve, de 1891 a 1919, uma seção diária de versos humorísticos no *Jornal de Notícias*, de Salvador, intitulada «Cantando e Rindo», assinando-a *Lulu Parola*, pseudônimo literário com que se popularizou. Foi um dos

Puxa, meu pessoal! Que sururu!
Ouçam meu coração que fala nu:
Cuidado, pois o garfo dá banzé!

TEATRO

Quanto caboclo iludido
No esforço de ovacionar!
Quanto tempo, em vão perdido!
Mas, amanhã, sem ruído,
Dona Morte vai chegar!...

Vejam vocês, minha gente,
Que teatro original!
Dentro dele quem não sente
O poder da nossa mente,
Nossa cultura ideal?

Quanta buzina que soa!
26 Quantos carros em ação!
Vejam só quanta pessoa,
Gente rica e gente atoa...
Hoje é dia de função!

fundadores da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira nº 2. Deputado estadual. Redator de *A Tarde*, de 1925 até o dia de sua desencarnação. Florêncio Santos, no seu artigo — Reminiscências da «A Tarde» — estampado no *Jornal do Commercio* de 28 de Outubro de 1962, assim se referiu a ele: «Homem bom e amigo leal, era Aloísio um chefe de família exemplar. Desprovido de bens materiais, foi um nababo da inteligência e do idealismo.» (Salvador, Bahia, 27 de Março de 1866 — Salvador, 2 de Fevereiro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: *Cantando e Rindo*, 1ª Série; *Cantando e Rindo*, 2ª Série; etc.

2. *a gente*. Natural ao poeta esta locução pronominal de cunho popular.
26. Poliptoto: "Quanta.../ Quantos..."

Que moderna arquitetura!
Colunatas no jardim,
Decoração, escultura,
E paredes com pintura
De uma beleza sem fim!

Brilha a riqueza excessiva!
Luz solar em profusão.
Muita música festiva,
E criança que se esquiva
Circulando no saguão.

Mas em meio ao vozerio,
Rápido, surge um senhor
Em pleno palco vazio.
Silêncio quase sombrio
No recinto encantador.

A exibição que se espera
Afim vai começar!
O povo que se aglomera
Olha o ator de cara austera,
Ele agora vai falar!

Surgirão flores e cenas?
Arte e ciência também?
Montagens grandes, pequenas?
Bons episódios que apenas
Falem da força do bem?

Nada disso! Ai nossos calos!
Escutem! Todos vão ver!
Nem gritos e nem abalos!
E' a grande briga de galos,
De matar ou de morrer!...

Quanto caboclo iludido
No esforço de ovacionar!
Quanto tempo, em vão, perdido!
Mas, amanhã, sem ruído,
64 Dona Morte vai chegar!...

ZEFERINO de Sousa BRAZIL *



APARIÇÃO

Saulo, o perseguidor, segue o roteiro, atento.
Vem Damasco à visão do futuro rabino.
3 Aridez ao redor... Mato raro, mofino...
Nem perfume de flor, nem sussurro de vento.

Pronto, vasto clarão golpeia o firmamento.
Desce um homem de luz e empana o Sol a pino.
"Saulo!... Saulo!..." — convoca o emissário divino.
"Quem sois vós?" — Saulo grita, assombrado e violento.

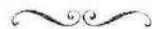
64. Apreciando o estilo do poeta baiano, recordemos a 5ª estância de "O Brasil" (ap. Aloysio de Carvalho Filho, *Col. Poet. Bahianos*), lançado por ele, quando no Plano Físico:

"Que casa grande e bonita!
Vocês, crescendo, verão!...
E a gente que nela habita,
Para acolher a visita,
Tem sempre aberto o pântano!..."

(*) Poeta, cronista e jornalista, membro da extinta Academia Rio-grandense de Letras e patrono da cadeira nº 24 na Academia Sul-Rio-grandense de Letras, o «Príncipe dos Poetas do Rio Grande do Sul» legou um nome de grande prestígio nos meios intelectuais do País. Referindo-se à poesia de Zeferino Brazil, João Pinto da Silva (*Hist. Lit. R. G.S.*, página 86) afirmou: «E' um inspirado, um espontâneo, à maneira antiga, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um artista.» Incluindo-o em sua

“Eu sou Jesus” — responde a vítima ao verdugo —,
“Não recalcitres mais contra o amor de meu jugo!”
Cego, o doutor da lei tomba de alma ferida...

Mas longe de jungir-se aos grilhões do passado,
Levanta-se na areia, exsurge transformado,
E consagra a Jesus o coração e a vida.



Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana, Manuel Bandeira tirou-o do olvido. (Porto Grande, Munic. de Taquari, Est. do Rio Grande do Sul, 24 de Abril de 1870 — Porto Alegre, Est. do R.G.S., 3 de Outubro de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: Alegros e Surdinas; Vovó Musa; Na Torre de Marfim; Teias de Luar; etc.

3. Atente-se na musicalidade dos versos. Expressiva a aliteração da línguo-dental *t*, em que entra a homorgânica *d*, de magnífico efeito. Aliás, a sequência de fonemas congêneres se faz em todo o soneto.

VIRGILIO BRANDÃO *



TROVAS

Há diferença nas ruas
Da miséria e da abastança,
Mas é sempre igual nas duas
O sorriso da criança.

*

Coração que choras tanto,
Acharás decerto, um dia,
No imenso mar de teu pranto
As pérolas da alegria.

(*) Segundo Augusto Linhares (Col. Poetas Cearenses, pág. 117), VB foi um «poeta lírico à maneira de Juvenal Galeno». Muito dado ao cultivo da trova, «há em suas quadrinhas a fluência e a doçura que tanto agradam ao nosso sentimento», diz Mário Linhares (Hist. Lit. Ceará,

*

Eis a verdade corrida
Nas sendas de toda sorte:
Se a morte sucede à vida,
12 A vida sucede à morte.

*

O corpo diz ébrio e ufano:
— Domino e gozo tranquilo!
Diz a cova ao corpo insano:
— Deixa estar que eu te aniquilo!

*

Guarda bem essa lição
Em teus passos descuidados:
Pressa, falha e imperfeição
Caminham de braços dados.

*

pág. 103). Colaborou em quase todas as revistas literárias de Fortaleza. Era funcionário do Tesouro Nacional. Profunda neurastenia levou-o ao suicídio. (Fortaleza, Ceará, 10 de Junho de 1885 — Fortaleza, 12 de Abril de 1943.)

BIBLIOGRAFIA: *Líricas*; *Redondilhas*, 2 vols. Deixou a publicar *Redondilhas e Cromos* (ed. definitiva).

12. Anadiplose: "...à vida/ A vida..."

A história de toda gente
Na eternidade é assim:
Provação primeiramente,
24 Depois a glória sem fim.



24. Confrontando a semelhança de estilo do poeta de ontem com o vate espiritual de hoje, alinhemos aqui apenas duas trovas de sua autoria:

"Grande é o que, calmo, no leito,
Na hora de ir-se para o Além,
Pode dizer satisfeito:
"Nunca fiz mal a ninguém!"

* * *

"Basta a celeuma de um raio
Aos que se dizem ateus,
Para que sintam desmaio,
Para que gritem por Deus!"

(*Ap. Col. Poetas Cearenses*, págs. 117-118.)

Note-se que a analogia, a que nos referimos, não se prende tão só à temática, mas, também, à técnica poética, principalmente no que tange ao gosto de uma ou outra sinalefa e ao esquema rimático do tipo *abab*.



LUXO E LIXO

Às vezes, dizes: "Trabalho
É carroção que não puxo."
E avanças devagarinho
Para a gaiola do luxo.
Lá dentro, acabas suando,
Qual estudante no espicho,
Aprendendo, muito tarde,
Que o ócio é cama de lixo.

Entornas grandes promessas
Em fala, sonho, debuxo,
No entanto, buscas, primeiro,
Conforto, destaque, luxo...

(*) Formou-se, em 1918, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Catedrático de latim no então Ginásio da Bahia. Na revista **A Luva**, criou uma seção de versos humorísticos intitulada «A Bandurra de Ferro»,

Consumes a força e o tempo
Em sono, prato, cochicho,
E, um dia, clamas debalde
No escuro montão do lixo.

Anseias dinheiro a rodo,
Cheque e cheque em papelucho,
Regalo de toda espécie,
Caminho talhado em luxo...
Mas, depois de tanto fausto,
Tanto enfeite, tanto nicho,
Mergulhas além da morte
Na grande maré do lixo.

Não conserves a existência
Por tesouro no cartucho.
Muita gente afunda e morre
No antigo atascal do luxo.
O bem de todos é a lei
Que a vida guarda a capricho.
Repara que todo excesso
Vem do luxo e cai no lixo.



assinando-a com o pseudônimo **Erasmus Júnior**, geralmente usado em suas produções poéticas, segundo informa Aloysio de Carvalho Filho (*Coletânea Poet. Bahianos*, pág. 161). Pertenceu à Academia de Letras da Bahia, tendo ocupado a cadeira nº 19. (Salvador, Bahia, 24 de Fevereiro de 1896 — Salvador, 9 de Agosto de 1943.)



ENTENDE
A
JESUS

Escuta a voz do amor por onde fores,
Guarda contigo as láureas da ventura,
E esparze por mil gestos redentores
A luz da paz à senda mais obscura.

Contempla a Vida em bênçãos multicores
No roteiro da anônima criatura,

- 7 A flor, o orvalho, a brisa e os resplendores
Do céu azul na fonte d'água pura...

(*) Poetisa, conferencista, contista e educadora, deixou belas páginas lítero-doutrinárias, em prosa e verso, subscrivendo-as geralmente com o pseudônimo de **Aura Celeste**. Levada ao Espiritismo pelo Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, trabalhou em diversas instituições espíritas do Rio de Janeiro, a elas dedicando o melhor de suas energias. Fundadora e diretora do Asilo Espírita «João Evangelista», lar para crianças desprotegidas, onde realizou a tarefa máxima de educadora competente e

- Descobre em tudo as dádivas celestes
10 Sustendo docemente os passos, prestes
A cair nos abismos da jornada.

- 12 Fala, sorri, estuda, canta e ora,
Mas entende a Jesus que espera e chora
No triste olhar da infância abandonada!



extremosa. Entre as várias faculdades mediúnicas de que era dotada, sobressaíram a receitista e a psicofônica. Prefaciando-lhe o livro **Vozes d'Alma**, Leal de Souza chamou-lhe «a grande Musa moderna, a Musa espiritualista». (Natal, Rio Grande do Norte, 11 de Janeiro de 1874 — Rio de Janeiro, Gb, 24 de Outubro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: **Vozes d'Alma**, versos; **Sentimentais**, versos; **Aspectos da Alma**, contos; **Palavras Espíritas**, palestras; etc.

Obras de sua mediunidade: **Orvalhos do Céu**; **Do Além**; etc.

7. Observe-se a enumeração.
10. Note-se o gosto da poetisa para o uso do "enjambement".
12. Leia-se com hiato: *can/ta e/ ora*.



TARDE DEMAIS

O insucesso no amor — torva loucura! —
Minara-lhe a razão já combalida,
E no silêncio atroz da noite escura
Resolve exterminar a própria vida...

A taça de veneno, em mão segura,
Tomba o corpo no espasmo da partida...
Horas depois, em brasas de tortura,
A alma da jovem clama, arrependida!...

(*) Jornalista e poeta, pertenceu Guterres Casses à Sociedade de Homens e Letras do Brasil, bem como à extinta Academia Riograndense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 9. «Uma das figuras mais representativas do Parnaso Gaúcho», segundo Antônio Carlos Machado (Col. *Poetas Sul-Riogr.*, pág. 243). Promotor público em várias cidades do seu Estado. Inspetor Federal do Ensino e redator da revista *A Noite*

10 Junto à forma indefesa, enregelada,
Ela, à feição de rosa, jaz pendida
Da haste imóvel e triste a que se aferra...

14 Convertera em abismo a curta estrada!
E, entre abatida e pávida, a suicida
Tarde demais pranteia sobre a terra!...



Ilustrada, do Rio. (Alegrete, Rio Grande do Sul, 26 de Junho de 1890 — Rio de Janeiro, Gb, 28 de Novembro de 1945.)

BIBLIOGRAFIA: *Stradivarius*, versos. Deixou inéditos: *Filigranas e Rimas d'Antanho*.

10. Observe-se o "enjambement".

14. Guterres Casses inscreveu em sua obra *Stradivarius* algumas composições de sentimento reencarnacionista. Alinham-se, entre outros, esses sonetos em que o vate prega a doutrina das vidas sucessivas: "Introspecção" (pág. 86), "Reencarnação" (pág. 87), "Esto Memor" (pág. 88), "Avatar" (pág. 90), etc.

Satisfaremos a curiosidade do leitor, transcrevendo o bellissimo soneto "Reencarnação", dedicado pelo Autor a Argeu Veiga:

"Na expiação de falhas milenárias,
Eis-me de novo na matéria inglória!
E, dessas migrações extraordinárias,
Nada guardei nas aras da memória!...

Não sei que culpas ou que faltas várias
Perpetrei nessa antiga trajetória!
Nem que lições cruéis e necessárias
Eu recebi na fase transitória!...

Não lembro o que me deu essa outra vida:
Se foi brilhante e farta em seus prazeres,
Ou foi trevosa e pobre e dolorida!...

Mas sei que volto às multiformas vis,
Pelo Mal que causei aos outros seres,
Pelo Bem que colhi e que não fiz!..."



MUSA
INSPIRADORA

Abençoada sejas, lepra santa,
Que me deste o caminho belo e puro
3 A tanta paz, a tanta bênção, tanta,
Que choro de alegria ante o futuro!

Se contigo marchei, trazendo a manta
De ulceração e sombra, em trilho escuro,
Meu coração agora se levanta
Qual flor desabrochada no monturo!...

(*) Pouco sabemos sobre a vida desse admirável poeta, que teve inscritas algumas de suas produções no jornal *O Semeador*, órgão da Federação Espírita do Estado de S. Paulo. Iluminado e fortalecido pela Doutrina Espírita, resignadamente levou, até ao fim de sua existência terrena, o carro de sua dolorosa provação. (Monte Alegre, Estado de

O' lepra amiga, musa inspiradora!
Onde iria minha alma se não fôra
O teu gládio de dor que nos consterna?

Deus te abençoe a mão triste e cansada
Com que me abriste as portas da alvorada
Para as visões da luz na vida eterna!...



S. Paulo, 14 de Novembro de 1892 — S. Paulo, SP, 29 de Novembro de 1946.)

BIBLIOGRAFIA: *Sementeira de Luz*, versos (obra póstuma).

3. Cf. nota nº 2, pág. 36.



ALVORADA

1 “Morto! Morto!...” — inda escuto. O coração dorido
E o pensamento em fogo — a vida que me resta...
Meu corpo dorme exangue a derradeira sesta
De quem tudo esqueceu no supremo gemido.

Levanto-me, porém, jubiloso e aturdido.

6 Tenho outra forma em luz — alma acordada em festa —,
A esperança é a canção que a alegria me empresta...
8 “Vivo! Vivo!...” — respondo ao choroso alarido.

(*) Poeta de vastos recursos, crítico literário de finos dotes, veio LB para o Rio com 19 anos de idade, aí tendo colaborado em vários jornais, como *A Semana*, *O Paiz*, a *Gazeta de Notícias*, etc. Funcionário da Fazenda, chegou ao posto de subdiretor do Tesouro Nacional. «Tradutor inteligente e delicado,» — Fernando Góes o afirma (*Pan.* V, página 254) — «verteu para o português um famoso poema de Dante Gabriel Rossetti, *The Blessed Damozel*, que inspirou a Debussy uma das

Entretanto, ninguém ouve a fé que me nutre.
No quarto, o desespero — pavoroso abutre,
Insufla-me visões de cinzas, sombra e nada!...

Insisto, brado, clamo, ansioso e descontente,
13 Mas, de súbito, enxergo outro mundo e outra gente
No celeste esplendor da Sublime Alvorada...



suas mais belas melodias — *La Damoiselle Émue*. Esta e outras traduções colocam-no «entre os melhores tradutores da poesia simbolista universal no Brasil», declarou-o A. Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, III, pág. 256), que considerou LB um «poeta de instrumento delicado, num sincretismo discreto de parnasianismo predominante e de simbolismo não formal». (Itapipoca, Ceará, 17 de Janeiro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 24 de Agosto de 1947.)

BIBLIOGRAFIA: *Poemas do Tempo*.

1-8. Dois exemplos de epizeuxe.

6. *outra forma em luz*. O poeta se refere ao seu corpo espiritual, “alma acordada em festa”, que se levanta deixando o veículo de carne a dormir exangue a derradeira sesta.

13. Poliptoto: “...*outro* mundo e *outra* gente”.



PSICOMETRIA

- 1 Em tudo, em tudo, pelo mundo afora,
Intensa vibração pulsa escondida;
Da noite espessa ao dia que esplendora,
No silêncio da morte há sons da vida.

No mar, em mutação constante embora,
Na montanha, no vale, na avenida,
Vibra o Tempo integral na luz de agora,
Fulge a História latente, inesquecida.

(*) Prosador, conferencista, poeta, jornalista, desportista, Mário Totta foi membro da extinta Academia Riograndense de Letras, fundador da cadeira nº 25. Escreveu em vários jornais e revistas do seu Estado natal, tendo sido co-fundador do *Correio do Povo*, jornal em que manteve a seção poética «Diário de dois líricos», em colaboração com Souza Lobo. Diplomou-se em Farmácia e, depois, em Medicina. «Professor emérito» da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, ocupou, ain-

Quem ausculta a matéria, em todo estado,
Exuma o livro imenso do passado,
Nos múltiplos cenários do presente.

- A Natureza morta ressuscita
Ideal, emoção, sonho e desdita...
14 A alma das coisas vive eternamente.



da, vários cargos na Santa Casa de Misericórdia daquela capital, inclusive o de diretor. Exerceu a presidência da Sociedade de Medicina do Rio Grande do Sul. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 5 de Janeiro de 1874 — Porto Alegre, 17 de Novembro de 1947.)

BIBLIOGRAFIA: *Meu Canteiro de Saudades*, versos; *Medicina em Pilulas*; *Breviário da Saúde*; etc.

1. Epizeux: "Em tudo, em tudo..."
14. Importante anotar que no soneto "Pedra" (*apud Os Mais...*, pág. 141), escrito por ele, antes da desencarnação, já o poeta dava mostras de conhecer a psicometria, pelo menos intuitivamente. Vejamos o seu primeiro quarteto:

"Pedra talhada ou bruta, és tu a história eterna
Das coisas do universo, a alma do que não morre.
Foste os deuses de outrora e és Deus ainda na torre,
O mistério da esfinge e a primeira caverna."



VIDA

Berço e túmulo — surpresa —,
Nascer e morrer do dia.
Num — alegria e tristeza;
Noutro — tristeza e alegria.

HOJE

Hoje! Auxilia, auxilia,
Mesmo ante a luta que enfade.
Amanhã será teu dia
De sombra e necessidade.

(*) Tendo concluído o curso de Direito, no Recife, veio a ser redator do jornal *A Província* dessa cidade. Rumando para o Rio Grande do Sul, aí advogou por muitos anos e exerceu as funções de juiz de 2ª Entrância, sendo mais tarde nomeado desembargador. Troveiro de mé-

EXCESSO

Estende a luz do progresso.
Quem serve, a si mesmo exalta.
Para quem foge do excesso,
O necessário não falta.

SOBRIEDADE

Generoso e entusiasta,
Sê comedido também.
Àquele que nada basta,
Tendo tudo, nada tem.

PRECE

No suor dos dias teus,
Usa a oração sem mostrá-la.
Na oração falas com Deus,
No serviço Deus te fala.



rito. (Recife, Pernambuco, 18 de Agosto de 1882 — Rio Grande do Sul, 20 de Abril de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: *Descantes*, trovas; *Instantâneos*, versos; *Postais*, versos.



IDEIA

Não morre a ideia pura! Ei-la no firmamento!...
Forças rudes da inércia amolgam-se, reagem...
Cede a sombra passiva ao apelo e à passagem
4 Do sublime clarão triunfante e opulento.

Ora, alteia-se e vibra!... Um furacão violento
Da emoção a bramir na grandeza selvagem!...
7 Ora, derrama som, perfume, cor, imagem,
Poema, sonho, luz, glória e deslumbramento!

(*) «Príncipe dos Poetas Bahianos», Durval de Moraes era membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, e delegado desta na Federação das Academias de Letras, do Rio de Janeiro. Membro igualmente da Academia Carioca de Letras. Diplomou-se em Química e Farmácia. Colaborou ativamente nas revistas simbolistas *Nova Cruzada* e *Os Anais*, ambas de Salvador. E' considerado um dos maiores poetas

Melodia no espaço, em acordes profundos,
Ouço-a fremir, além, por dínamo dos mundos,
E, chama a flamejar, extático, distingo-a!...

Quero jungi-la à Terra e tento, em vão, trazê-la,
Pois embora me esfalfe, a resplendente estrela
Range, estala e fenece entre os grilhões da língua!...

CONVERSAO

Poderoso tirano o punho férreo brande
16 E grita: — “Abaixo a fé!” — sob as fúrias da ira.
— “Se Deus acaso existe, o coração me fira
Ou falanges do mal às torrentes me mande!”

Agarrado à riqueza o orgulho se lhe expande,
E' verdugo e senhor, rouba, insulta e delira
Repetindo o refrão: — “Deus é a eterna mentira!” —
Em desafio aos céus para ostentar-se grande.

religiosos do Brasil. Para Jackson de Figueiredo, DM «era, sobretudo, um poeta que se deixava enlevar no labirinto de obscuras filosofias». (Maragogipe, Bahia, 20 de Novembro de 1882 — Rio de Janeiro, Gb, 5 de Dezembro de 1948.)

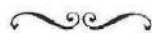
BIBLIOGRAFIA: *Sombra Fecunda*; *Rosas do Silêncio*; *O Poema de Anchieta*; *Conquistador do Infinito*; etc.

4. O metro exige a leitura deste verso com diérese em *tri-un-fan-te*.
7. Enumeração.
16. Leia-se com hiato: *da/ i/ra*.

23 Certo dia adoece... Em mágoa indefinida
Rende-se, humilde, à crença e roga a Deus mais vida;
Transfigura o solar em silente cenóbio!

Para estender-lhe amor, complacência e doçura,
Não dispusera Deus dos arcanjos da Altura,

28 Simplesmente bastara o poder de um micróbio...



23. Aposiopese: "Certo dia adoece..." Cf. o 9º verso do soneto "Pulvis" (*apud Pan. IV, pág. 262*):

"Alguns anos... alguém, depois do meu traspasse,"

28. Poeta de inspiração religiosa, católico praticante que foi, é natural que Durval de Moraes use neste soneto termos quais os seguintes: "conversão", "cenóbio", "arcanjos da Altura", etc.

Sobre o esquema rimático dos tercetos, cf. o soneto "JHS", *apud Op. cit.*, págs. 264-265.

OSÓRIO PAIS *



O LEMA
DA
VIDA

Um dia, perguntei ao Sol: que fazes
Para fulgir no eterno alvorecer?
O astro divino respondeu, brilhando:
— Ajudar e esquecer!

5 Interroguei à árvore: que fazes
Para florir, amar e frutescer?
Ela, embora ferida, falou calma:
— Ajudar e esquecer!

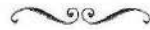
(*) Informa Liberato Bitencourt, em sua obra **Homens do Brasil**, vol. II, que Osório Pais estudou em João Pessoa, e, aos dezesseis anos, se entregou ao comércio. Abandonando, depois, a vida comercial, seguiu para a Bahia, onde se diplomou em Odontologia. «Alma boêmia, foi um poeta lírico, um trovador espontâneo, tocador de violão e fazedor de serenatas» — escreveu Luiz Pinto em sua **Col. de Poetas Paraibanos** —, continuando mais adiante: «A sua colaboração nos jornais e revistas da Paraíba e do Brasil ficou muito esparsa, dela não havendo notícia segura. Era arredio, por índole, a instituições culturais.» E o mesmo

Interpelei, depois, o pão: que fazes
Para ser vida e bênção no dever?
O pão amigo acrescentou, sereno:
— Ajudar e esquecer!

E disse à fonte límpida: que fazes
Para dar-te à renúncia por prazer?
Atada ao solo, resumiu cantando:
— Ajudar e esquecer!

A própria terra consultei: que fazes
Para tudo alentar e refazer?
Maternalmente, replicou, bondosa:
— Ajudar e esquecer!

Alma, se aspiras à ascensão sublime
Na luz do amor, sem nunca esmorecer,
Guarda o lema da vida em toda parte:
24 — Ajudar e esquecer!



autor, Luiz Pinto, é quem afirma em seu livro *Cad. de Poetas Brasileiros*, pág. 47: «Uma das vocações poéticas mais belas que conheci na Paraíba foi a desse inveterado boêmio, de bondade extrema.» (Alagoa Grande, Paraíba, 14 de Junho de 1886 — João Pessoa, Paraíba, 24 de Abril de 1949.)

BIBLIOGRAFIA: *Primícias*, versos.

5. Leia-se com hiato: "In/ter/ro/guei/ à/ ár/vo/re."

24. "O Lema da Vida" tem relação com o próprio poeta, cuja última fase de existência foi — segundo afirma Luiz Pinto — "de desânimo, por causa das decepções e da doença".

O bordão "Ajudar e esquecer", neste poema, constitui extraordinário efeito expressional. — Bordão: "E" um VERSO que se repete, intencionalmente, como RITORNELO, no fim de várias ESTROFES,..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

LAFAYETTE MELO *



CARMA

Há no vasto castelo, estilo Renascença,
Desenhos e painéis de perfeição sem nugas.
Milhões de almas, aí tomadas de ânsia imensa,
Estudam crânios, pés, braços, mãos e verrugas...

Buscando provação, dor, angústia e doença,
Desenham-se croquis de mil prisões sem fugas...
E falam do valor da matéria mais densa,
Seja na carne flórea ou num manto de rugas.

Tudo é justiça e amor, em feliz casamento;
10 No Palácio da Luz brilha o renascimento,
Enaltecendo a Lei, em Divino Objetivo.

(*) Filho de Desidério de Melo e de D. Clarinda de Melo, LM, além de poeta, foi professor, poliglota e jornalista. Um dos fundadores e diretores de *O Garoto*, em sua terra natal. Órfão de pai desde cedo, foi um autodidata. Desde que se tornou espírita, passou a ser devotado colaborador de *A Flama* (hoje, *A Flama Espírita*), semanário espírita

E o carma aperfeiçoa os derradeiros planos
De todo viajor dos carreiros humanos
Ao renascer no corpo, o templo excelso e vivo!

ANJOS E FERAS

“Ingratos, os homens se afastaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai...” — *O Espírito de Verdade*. **

E morre a Humanidade em bacanais horrendas...
Manda o bezerro de ouro e, qual dragão, rapina
Os princípios da fé, a enterrá-los nas lendas...
Chega Moisés, a Lei, e aclama a Voz Divina!

- 19 Séculos vêm e vão... Em loucuras tremendas
Surge o monstro do vício a morder... E domina.
Nasce Jesus, o Amor, descerrando outras sendas,
E ergue a força do bem por excelsa doutrina!

Segue o passo do tempo, e eis que por toda a Terra
Os chacais do ateísmo e as hienas da guerra
Cercam as multidões de fracos e infelizes...

Mas Kardec, a Razão, estende luz à História;
Desponta o Espiritismo, o Evangelho em vitória,
Traçando ao mundo aflito as Novas Diretrizes!...

uberabense, com sonetos bem trabalhados, de conteúdo doutrinário. (Uberaba, Minas, 21 de Outubro de 1892 — Patrocínio, Minas, 15 de Agosto de 1953.)

10. *renascimento*. Evidentemente, nada tem a ver com o estilo Renascença do 1º verso, e sim, com a reencarnação.

** Eis parte do texto integral: “Mas, ingratos, os homens se afastaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade.” (Allan Kardec, *O Evangelho seg. o Espiritismo*, cap. VI, “Instruções dos Espíritos”, “O advento do Espírito de Verdade”.)

19. Atente-se no ritmo do 1º hemistíquio, inteiramente jâmbico.

ESPÍRITA!

Atende à dor maior a bramir quando passas:
Homens na idade anciã gemendo em noite fria...
Infratores da Lei sob as trevas madraças...
Pais a implorar trabalho e pão de cada dia...

Jovens no imenso caos de aventuras devassas...
Anônimos abrindo o corpo à Anatomia...
Mil pedintes sem rumo a esmolar pelas praças...
Mulheres onde o crime, em sombra, assalta e espia...

- 37 Petizes a esperar quem os peça primeiro...
Enfermos sem socorro, ao léu da prova escura...
E mães cata-papéis junto ao lixo-celeiro...

- 40 A Religião da Luz não se isola no Templo;
Qual pábulo de amor para toda criatura,
A grandeza da Fé fulge e cresce no exemplo!...

EXPIAÇÃO

Enterro de outro corpo. Abrindo a campa fria,
Ocorreu a imprevista exumação... O achado
Do cadáver de borco, horrível, macerado,
No pavor da aflição, recordando a agonia...

Torva interrogação pairou, rude e sombria:
— Fôra enterrado vivo o inditoso finado?...
Mas, no Espaço, o problema era já superado:

- 50 Caso triste e invulgar de catalepsia...

37. Aliteração em p.

40. *Religião da Luz*: o Espiritismo ou Doutrina Espírita, a que os Espíritos costumam chamar a Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria.

50. Suarabácti: “ca-ta-le-p-si-a”. Cf. nota 1, pág. 47.

Alguém pagou à Lei o ceutil derradeiro,
No sofrimento atroz dos minutos da morte,
De um crime feito atrás quando fôra coveiro.

E a alma foi demandando as esferas da Altura,
Exultante de amor, resplandecente e forte,
56 Mais livre e mais feliz, mais serena e mais pura!...

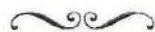
O PREÇO DA FALTA

57 — “Monstro! Monstro! Olhe o monstro!...” — Esse era o grito
Quando ele vinha... O rosto bexiguento...
A mão mirrada... A calva exposta ao vento...
Arrimado ao bastão, coxeante e aflito...

Um dia cai... Arrasta-se, febreiro...
Ziguezagueia o cérebro em conflito
E morre qual se fôra cão maldito
No caos de um formigueiro em movimento...

Liberto enfim!... Alegre e delirante,
Sonha empunhar espada e fino guante
Picando irmãos em luta fratricida!...

Desperta! E oscula em lágrimas ditosas
As pequeninas feras belicosas
Com quem purgara os erros de outra vida.



56. Note-se a epimone. — Cf. nota 2, pág. 36.
57. Mesarquia. — Cf. nota 7, pág. 42.

JORGE Mateus DE LIMA *



AH! SE
EU PUDESSE

Que tem este meu corpo,
2 este meu corpo transparente?
Penso habitando um vaso de cristal.
Para onde foram as minhas rugas?!
5 Esconderam-se as rugas
em mocidade nova...
7 Aonde ficou a minha opacidade?
8 Onde estão os quilos de meu corpo?
Sou agora tão diferente,
qual pluma leve e multicolor...

(*) Tendo concluído o curso médico, em 1914, no Rio de Janeiro, volta Jorge de Lima, em 1922, a Maceió, onde é recebido como o «Príncipe dos Poetas Alagoanos». Poeta, romancista, jornalista, contista, ensaísta, professor de Literatura na Universidade do Brasil, era um talento multívio. Em sua última fase literária, após ter abandonado o modernismo regionalista que tanta fama lhe trouxera, JL «incursionou pela poesia religiosa e terminou cultuando uma poesia quase abstrata, ou tirante a escrita automática». (Péricles E. da Silva Ramos, in *A Lit.* no

O que há? O que há?
Se a minha fome se modificou!
Hoje aspiro a essência dos deuses!
E esta luz,
15 esta luz que surge em mim!
Há uma tocha escondida no meu peito.

Se não estivesse tão calmo, teria medo,
18 muito medo...

E a vontade?
Minha vontade está valendo mais.
21 Nunca mais invejarei os passarinhos...

Brasil, III, t. 1, pág. 609.) Referindo-se ao Livro de Sonetos do poeta, J. Fernando Carneiro «informa, com sua autoridade de médico, amigo e exegeta de Jorge de Lima, que ele escreveu todo o livro, 77 sonetos e mais 25 que continuaram inéditos, em pleno estado hipnagógico e no espaço apenas de 10 dias». (apud A. Rangel Bandeira, *Jorge de Lima...*, pág. 115.) «O poeta que escreveu a *Invenção de Orfeu*, e se chamou Jorge de Lima,» — disse Eduardo Portella — «foi dos mais complexos e fortes de toda a nossa poesia moderna.» «Muitas vezes» — observa Rangel Bandeira (*ibidem*, pág. 123) — «*Invenção de Orfeu* dá a impressão de ter sido um livro psicografado; era Jorge de Lima que registrava seu próprio delírio.» Segundo Fernando Carneiro, o poeta alagoano foi «a encarnação da bondade»: «Tudo em Jorge de Lima estava envolto num halo de bondade, até a sua tristeza, até as suas fraquezas.» (União dos Palmares, Est. de Alagoas, 23 de Abril de 1893 ** — Rio de Janeiro, Gb, 15 de Novembro de 1953.)

BIBLIOGRAFIA: XIV Alexandrinos; Poemas; Poemas Escolhidos; Tempo e Eternidade; *Invenção de Orfeu*; etc.

(**) Ver Antônio Rangel Bandeira, *Op. cit.*, pág. 16.

2-15. Exemplos de anadiplose: "...este meu corpo,/ este meu corpo..." — "E esta luz,/ esta luz que..."

5-18-23. "Para onde foram as minhas *rugos*?!/ Esconderam-se as *rugos*"; "Se não estivesse tão calmo, teria *medo*,/ muito *medo*..."; "Mas, a *memória*?/ Oh! *memória*". Exemplos de epifora: "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no fim de vários VER-SOS..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

7-8. *Aonde-Onde*. Cf. nota nº 72, pág. 141.

21. Refere-se o poeta à possibilidade que tem o Espírito de se locomover pela volitação.

Mas, a memória!?
23 Oh! memória,
não venha mais aqui!...
Toda vez que volto atrás
sofro até chorar...

Ah! se eu pudesse fazer o mundo
sentir o que sinto!...

29 Ah! se eu pudesse...

A S C E S E

Lá vai...
— Que é?
32 — Um oceano de suor.
Lá vai...
— De onde vem?
— Da nascente do nada.
36 Lá vai...
— Aonde vai?
— Ao estuário do infinito.

Afinal, a libertação.
Momento de apoteose
na Eternidade.
Fieiras de milênios e de vidas...
Labirintos de ideias e paixões...
Andanças, quedas, levantares,
novas quedas, novos recomeços...
Agora, outras formas, outras dimensões,
outros grãos da poeira cósmica.
Novos céus, novas terras, novos Cristos...
Múltiplas emoções fluem da Inteligência.
Novos ares do Universo,

29-36. Exemplos de anáfora: "Ah! se eu pudesse!" e "Lá vai..."

32. Atente-se na hipérbole.

- novos panoramas,
 novas perspectivas
 53 no calidoscópio do existente...
 Rompimento do indevassável,
 vitória sobre o impossível,
 disciplina do caos...
 Além dentro do ser...
 58 Além sem limitações...
 59 Além, além do além...
 Convivência mais íntima nas causas...

- Aonde pensa
 o viandante das nebulosas?
 O que faz ele?
 Qual a sua fisionomia?
 Voltará por aqui?
 Ninguém sabe...
 67 Ninguém sabe...

-
53. Observem-se a enumeração e os diversos exemplos de poliptoto.
 58. Anáfora.
 59. Epanalepse, mesarquia e mesoteléuton: "Além, além do além..."
 67. Vamos, em seguida, transcrever pequeno trecho do "Poema do Cristão", de *A Túnica Inconsútil* (apud Luiz Santa Cruz, N. Cl., nº 26, pág. 57), de autoria do distinto poeta, quando ainda entre os homens:

"Os milênios passados e os futuros
 não me aturdem porque nasço e nascerei,
 porque sou uno com todas as criaturas,
 com todos os seres, com todas as coisas,
 que eu decomponho e absorvo com os sentidos,
 e compreendo com a inteligência
 transfigurada em Cristo.
 Tenho os movimentos alargados.
 Sou ubíquo: estou em Deus e na matéria;
 sou velhíssimo e apenas nasci ontem,
 estou molhado dos limos primitivos,
 e ao mesmo tempo ressoo as trombetas finais,
 compreendo todas as línguas, todos os gestos, todos os signos,
 tenho glóbulos de sangue das raças mais opostas."

Observe-se, ainda, a palilogia: "Ninguém sabe.../ Ninguém sabe..." —
 Palilogia: "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete por inteiro
 uma frase ou um VERSO,..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

PARTE III

Médiuns: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

e WALDO VIEIRA

As poesias de números ímpares foram recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier e as de números pares pelo médium Waldo Vieira. Dispomo-las assim, por sugestão dos Amigos Espirituais.



1
ALMA DO AMOR

Alma do Amor, cansada, erma e fremente,
Arrastando o grilhão das próprias dores,
Sustenta a luz da fé por onde fores,
Torturada, ferida, descontente...

Nebulosas, estrelas, mundos, flores
Rasgam, vibrando, excelso trilho à frente...
Tudo sonha, buscando o lume ardente
Do eterno amor de todos os amores!

(*) Filho de pais escravos, Cruz e Souza é a figura mais expressiva do Simbolismo no Brasil e, ao lado de Mallarmé e Stefan George, um dos grandes nomes do movimento simbolista no mundo, segundo Roger Bastide. «Tinha» — escreveu seu grande amigo Virgílio Várzea (apud A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 98) — «uma grande paixão pelas ideias humanitárias, e serviu-as sempre, como um fanático, sem se poupar sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no

Alma, de pés sangrando senda afora,
10 Humilha-te, padece, chora, chora,
Mas bendize o teu santo cativoiro...

Não esperes ninguém para ajudar-te,
Ama apenas, que Deus, em toda a parte,
E' o sol do amor para o Universo inteiro.

2
CORPO

Carne! Vaso de dor, sinistro e belo,
Estruturado em grânulos de escória,
Relicário de lama transitória,
Tugúrio estreito e fúlgido castelo!

jornalismo.» Tendo sofrido acerbas provações, naturalmente dentro das dívidas cármicas, o grande poeta continua, hoje, em afanosa luta pela difusão das «ideias humanitárias», entre as quais agora incluiu o Espiritismo e o Esperanto, a corroborar que a vida, com efeito, não cessa no túmulo. Principalmente no setor esperantista, o artista de *Faróis* é uma personalidade atuante na Espiritualidade. Em 1961, ano em que se comemorou, em todo o Brasil, o primeiro centenário de seu nascimento, os mais representativos centros culturais do País lhe tributaram mil e uma homenagens, culminando com a publicação de suas *Obras Completas*, organizadas por Andrade Muricy, em primorosa apresentação, pela Editora José Aguilar Ltda. A extraordinária produção do genial poeta provocou, dos que o rodeavam, os epítetos de «Cisne Negro», «Dante Negro», «Poeta Negro», epítetos — diz A. Muricy (*op. cit.*, pág. 101) «compreendidos no senso mais elevado e consecratório de tais expressões». (Desterro, hoje Florianópolis, SC, 24 de Novembro de 1861 — Sítio, atual Antônio Carlos, Minas Gerais, 19 de Março de 1898.)

BIBLIOGRAFIA: *Broquéis*; *Evocações*; *Faróis*; *Últimos Sonetos*; etc.

10. Ricochete: "...chora, chora." Aliás, a repetição enfática de *chorar* sugere um pranto capaz de desabafar a alma, suscetível, no entanto, de insuflar ideias novas para que se possa bendizer o "santo cativoiro" das provações terrenas...

Assinalas, em lúgubre duelo,
O bem e o mal na cinza merencória;
Mas elevas o lodo para a glória,
Da sombra à luz, em trágico flagelo.

Louvor à encarnação que te sustenta,
Lâmpada de amargura ansiosa e lenta,
Ergástulo do amor puro e profundo!...

Ês a humana e arcangélica fornalha,
Templo e gleba onde Deus sonha e trabalha
28 Santificando as lágrimas do mundo!...

3
SOB A NOITE

Alma triste, cansada, insatisfeita,
Dentro da noite espessa que te alcança,
Ergue o facho sublime da esperança
Ante os golpes da treva que te espreita.

Entre pedras e lágrimas avança,
Na sarça que domina a senda estreita,
E sonha a luz da Imensidade Eleita,
Aprisionada à extrema insegurança.

28. Se dispuséssemos de bastante espaço, transcreveríamos numerosos sonetos do grande simbolista para que pudéssemos observar a semelhança de estilo, não apenas no que tange ao esquema rimático preferido pelo poeta, desde *Broquéis* aos *Últimos Sonetos*, mas, também, pela temática e pela presença das palavras-chaves do vate. Assim, de escantilhão, vamo-nos limitar a rápidas considerações e citações ligeiras. Ninguém ignora que Cruz e Souza, em quase todos os seus inimitáveis sonetos, se referia a pelo menos uma parte do corpo humano, exaltando-a, quase sempre. Cf., por exemplo, "Antífona", "Em Sonhos...", "Braços", "Encarnação", "Tulipa Real", "Serpente de Cabelos" e tantos outros poemas de *Broquéis*. Em *Faróis*, bastaria que citássemos a série de sete sonetos — o primeiro "Cabelos" e o último — o VII — "Corpo" que, ainda, ostenta o adjetivo "arcangélica", tão familiar ao poeta. A propósito, cf. o 9º verso de "Satã" e o 14º de "Livre!". Aliás, neste último soneto, encontramos algumas rimas de que se serviu o simbolista no "Escalada". As demais, "suprema" e "algema", encontramos-las nos dois quartetos de "O Assinalado".

37 Segue, arrostando em glória, por sofrê-los,
Turbilhões, agonias, pesadelos,
Nos assombros de longa tempestade...

E, além da pavorosa travessia,
Encontrarás, chorando de alegria,
O amanhecer da Grande Liberdade!

4
E S C A L A D A

Louva o suplício da matéria escrava,
No turbilhão de cárceres e algemas.
E canta, coração, inda que espremas
O fel da própria dor em pranto e lava.

Chora e avança cansado, mas não temas;
Sangrem-te embora os pés na urtiga brava,
Caminha imune ao lodo que deprava,
Purificado em lágrimas supremas.

51 Indiferente às cóleras e às fúrias,
Apaga o fogo das paixões espúrias,
Sofre humilde e sereno por vencê-las...

Peregrino de trágico deserto,
Um dia, subirás, enfim liberto,
Gema solar em túnica de estrelas!...

37. *por sofrê-los*. Cf. a nota 3-4, pág. 110.

51. Com relação a "fúrias", por simples curiosidade, cf. o 5º verso de "Afria", o 11º de "Dança do Ventre" e, finalmente, em "Demônios", o oitavo verso:

"Só fúria, fúria, fúria, fúria, fúria!"

4-A
A L É M D O A Z U L

Além, além do humano sorvedouro,
Cornucópia mirífica desata
Orbes luzindo em flórida cascata,
Onde a vida cinzela o céu vindouro...

Constelações e sóis... Acoradouro
Da excelsa luz dos séculos sem data...
Almos ninhos em pétalas de prata,
Coroados de acanto, mirto e louro...

Por cerúleas alfombras estelares,
Flâmeos jardins e edênicos solares,
O coração do amor pulsa disperso...

Entre esferas de cálidos fulgores,
Domicílios das almas superiores,
70 Freme a glória divina do Universo.



70. Atentemos nas palavras de M. Cavalcanti Proença, em seu já citado livro (*Ritmo e Poesia*, pág. 81): "Em Cruz e Souza, no poema "Antífona", em 12 versos entre 44 (25%) se observa a mesma acentuação; note-se, entretanto, que, nos primeiros vinte versos, há nove cuja tônica em 6ª coincide com a de um proparoxítono." Dos 70 decassílabos participantes desta *Antologia*, encontramos um total de 18 vocábulos proparoxítonos de acentuação na 6ª (25,7%), número, como se vê, bastante expressivo.



1
ESTRELAS

Beija essas mãos que alentas e que afagas,
Quando és bondade apenas, branda e pura,
Mãos engelhadas, mãos em miniatura,
Mãos trêmulas, mãos tristes, mãos em chagas!...

Mãos que recordam naufragos, nas vagas
De atormentado mar, em noite escura,
Mãos que ensinam, em preces de amargura,
Quão pequenina a dor em que te esmagas!...

(*) «Poetisa de grande emoção religiosa», no dizer de Afrânio Peixoto, órfã de pai e mãe, AS, desde cedo, enfrentou o mar de provações redentoras, no qual vogou por toda a sua curta vida física. Educada no Estado de Pernambuco, amargou uma existência de acerbos sofrimentos. «Sua vida» — di-lo Hostílio Montenegro — «foi uma coroa de espinhos atada com a tuberculose.» Seu livro *Horto* (1899) traz um prefácio de Olavo Bilac, no qual o poeta, após dizer que o volume «vem revelar uma poetisa de raro merecimento», faz esta ressalva: «não há

Beija essas mãos cansadas, quase mortas,
Flores de sangue e fel que reconfortas,
A estender-lhes consolo, pão e ninho.

E, quando a morte apague a luz que levas,
Essas mãos, como estrelas sobre as trevas,
Brilharão por degraus de teu caminho!...

2
AOS CARAVANEIROS DO BEM

Caravana do amor, ditosa e bela
— Esperança e consolo que bendigo —,
Serve e divide o pão do excelso trigo
De que o chão da bondade se constela!

Aqui, há provação e desabrigo;
Além, o pranto é mar que se encapela...
Ao sol do bem a simples bagatela
Acende a excelsa luz do Excelso Amigo...

Segue e restaura a vida semimorta,
Onde a noite da mágoa desconforta
25 O coração que sangra, sofre e erra!...

nas estrofes do *Horto* o labor pertinaz de um artista.» «Talento e sensibilidade» — observa Domingos Carvalho da Silva (*Vozes Fem. da Poesia Bras.*, pág. 25) — «não faltaram à triste moça tísica do Nordeste, que cometeu, todavia, o equívoco irreparável de fixar os olhos brilhantes em Lamartine, quando já brilhava a estrela de Mallarmé e Verlaine.» (Macaíba, Rio Grande do Norte, 12 de Setembro de 1876 — Natal, Rio Grande do Norte, 7 de Fevereiro de 1901.)

BIBLIOGRAFIA: *Horto*. A 3ª edição, Rio de Janeiro, 1936, é prefaciada por Alceu Amoroso Lima.

25-32. Ler com hiato: *so/fre e/ er/ra;*
De/ que o/ ho/mem.

Inda mesmo ante o mal, na luta inglória,
A caridade é o canto de vitória
Do reinado do Cristo sobre a Terra!...

3
ENTREVISTA

Não precisas buscá-lo no Azul pleno,
Onde a vida imortal esplende e assume
A estranha forma do Celeste Lume
32 De que o homem percebe vago aceno.

Desce ajudando ao chavascal terreno
Que tragédias e lágrimas resume...
E espalha a caridade qual perfume
Que se evola do lodo ao céu sereno.

Ante o vale da sombra imensa e fria,
Abençoa, restaura, eleva e guia,
39 Lenindo as aflições de toda a hora...

E perante o suor da angústia em chaga,
Encontrarás o Cristo que te afaga,
Em cada coração que luta e chora!...

4
COMPAIXÃO

Moderar a exaltação dos teus sentidos,
Não te faças distante ou displicente,
Ouve as preces, as pragas e os gemidos
Da fornalha em que clama a luta ingente.

39. Leia-se *to/da a/ ho/ra*, em três sílabas.

Passa e fita os olhares doloridos
Que traduzem a dor de tanta gente,
Qual se avistasses corações queridos
Rogando alívio à mágoa impenitente.

Serve, socorre e ampara a criatura
Que vagueia a pedir de porta em porta,
Revolvendo as entranhas na amargura.

Por ti mesmo, sê brando sem disfarce.
Liberta a luz do amor que te conforta
E anseia por sair a derramar-se...

5
TRABALHA AGORA

Pondera o tempo — mar em que navegas,
Invisível apoio que te escora.
Não te afundes no abismo, senda afora,
Nem prossigas, em vão, tateando às cegas.

Glórias, delitos, lágrimas, refregas,
62 Tudo é feito no tempo, de hora a hora...
Estende o amor e a paz, semeando agora
As riquezas do tempo que carregas!

Inda que a dor te oprima e o mal te afronte,
Vive, qual novo dia no horizonte,
Sem que a névoa do mundo te abastarde...

Hoje! Trabalha agora, em cada instante;
Agora! trilha aberta ao sol triunfante!...
Muitas vezes, depois é muito tarde!...

62. Cf. a nota nº 39 deste capítulo.

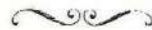
5-A
DIVIDE

Não somes simplesmente os bens da vida...
Deus reparte a bondade com grandeza.
O próprio pão que te enriquece a mesa
E' mensagem da terra dividida.

Fita a glória solar fremindo acesa,
A fonte que ao repouso te convida
E as flores que se entregam sem medida,
No coração de luz da Natureza...

Divide assim também do que te sobre.
O celeiro do bem nunca está pobre,
Inda que a singeleza nele brade.

82 A prece, o bolo, o caldo, o leite e a veste
São dividendos para o Lar Celeste,
No tesouro de amor da eternidade...



82. Observe-se a enumeração.

Antônio VALENTIM da Costa MAGALHÃES *



1
EXPIAÇÃO

- 1 Falava como um rei da tribuna e da praça...
“Dominar ou ferir” — era em tudo o seu lema.
Entretanto, no Espaço, em desventura extrema,
4 Tolera a multidão que o persegue e amordaça.

Exposto à zombaria e aos golpes de quem passa,
Ele que era o senhor da palavra suprema,
7 Jungido à humilhação, por mais suplique ou gema,
Ouve as acusações de inimigos em massa...

(*) Romancista, poeta, crítico literário, polemista, teatrólogo, contista e jornalista. Bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo, Valentim Magalhães advogou durante alguns anos no Rio de Janeiro, onde foi professor de Português e, depois, de Pedagogia na Escola Normal. Diretor-fundador do célebre jornal literário — *A Semana* — e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, o suave poeta de *Rimário* exerceu poderosa influência nos meios culturais do País. Colaborou em diversos diários importantes do Rio e de S. Paulo. Segundo Péricles

- Como alguém que padece, abandonado à míngua,
Sofre as chagas da ideia e os tormentos da língua,
11 Rogando ao Pai de Amor lhe amenize a derrota!...

E o Senhor, em lhe ouvindo a oração dolorida,
Permite-lhe escolher outro berço e outra vida.
Ele agradece em pranto... E renasce idiota.

2
PÊNFIGO

- 15 "Fogo! Fogo!..." — esbraveja o inquisidor, fremente,
Torvo olhar na expressão implacável e crua.
17 Coleia a chama enorme e, trágica, flutua
A subir e bailar qual rúbida serpente.

— "Piedade, meu Deus!..." — choram vítimas, rente
Ao fogo que lhes rompe a carne viva e nua.
Estorcem-se de horror, ante os gritos da rua,

- 22 E somem-se, a bradar: — "Inocente! Inocente!..."

Eugênio da Silva Ramos (*Pan.*, III, pág. 29), foi VM um dos poetas mais representativos da poesia socialista. (Rio de Janeiro, Gb, 16 de Janeiro de 1859 — Rio de Janeiro, Gb, 17 de Maio de 1903.)

BIBLIOGRAFIA: *Cantos e Lutas; Rimário; Quadros e Contos; Horas Alegres;* etc.

1-4. Observe-se que os verbos no pretérito imperfeito e no presente do indicativo, respectivamente, demonstram bem a situação do verdugo de ontem e do sofredor de hoje.

7-11. Elipse: "Jungido à humilhação por mais (que) suplique ou gema" e "Rogando ao Pai de Amor (que) lhe amenize a derrota!..." — Cf. nota 3, página 135.

15. Epizeuxe.

17. Note-se o efeito deste "enjambement". Como que chegamos a ver a rúbida serpente a subir e a bailar, coleante e trágica.

22. Ricochete: "... — "Inocente! Inocente!..."

- O tempo voa e abate o verdugo do povo...
24 Ordena a Grande Lei que ele nasça de novo
Para que o lume vivo o experimente e encangue;

- E o terrível algoz na prova a que se aferra,
Aos singultos de dor, arrasta sobre a Terra
28 O corpo torturado em brasas cor de sangue!...

3
CULPA E RESGATE

— Senhora, compaixão! — a moça triste implora.
— Não merece perdão a mulher que se aluga!...
Acabarei contigo, infame sanguessuga!... —
Grita no espancamento a impassível senhora.

- 33 A vítima doente anseia, tomba e chora,
Tremendo, a soluçar, sob o pé que a subjuga...
Rompe-se um grande vaso... E o sangue rola em fuga.
A morte arranja o fim... Tudo é silêncio agora...

A ré que ninguém viu, como se nada houvera,
Continua a viver qual flor na primavera,
Mas a Lei vigilante assinala-lhe a trilha.

E antes que a dama nobre em remorsos se adentre,
A alma da moça triste acolhe-se-lhe ao ventre
E ela estende-lhe o seio, enlaçando-a por filha...

24. *Grande Lei*. Refere-se o poeta à Lei de Causa e Efeito.

28. *brasas cor de sangue*: o pênfigo ou "fogo selvagem", como é conhecido entre nós.

33. Leia-se *do-en-te*, em três sílabas.

PARA A GLÓRIA DO CRISTO!

— “Para a glória do Cristo!” — era-lhe o emblema de ouro
 Ao clangor de clarins, alaúdes e avenas,
 Fôsse na espada em Roma e no livro em Atenas
 46 Ou a empinar o corcel no campo verde-louro.

Comandante e senhor, bramia: — “Guerra ao mouro!”
 E exterminava, em fúria, as hostes sarracenas,
 A estender sangue e pranto em cárceres e penas,
 Com que supunha erguer o Evangelho vindouro...

Um dia a morte chega... Espírito liberto,
 O impiedoso tirano ouve Jesus de perto
 Que lhe fala de amor ao peito rude e bravo...

Chora... Atende... Depois retorna à Terra e escuta:
 — “Para a glória do Cristo!” — e, entregue à nova luta,
 Investe noutro corpo a estamenha do escravo.

DUAS VIDAS

57 — “Uma esmola, senhor, que me alivie os males!...”
 E o marajá responde humilhando o mendigo:
 — “Um pária é maldição na viagem que eu sigo!
 Afasta-te, infeliz! Não me fites, nem fales!...”

Ao sonido marcial de clarins e timbales,
 A caravana parte, em busca de outro abrigo...
 E o grande hindu, lembrando um rei vaidoso e antigo,
 Fulge no palanquim por montanhas e vales!

46. Note-se a sinalefa: “Ou a em/pi/nar/ o/ cor/cel/ no/ cam/po/ ver/-
 de*/lou/ro.”

57. Ler assim este verso:

— “U/ma es/mo/la,/ se/nhor,/ que/ me a/li/vi/e os/ ma/les!...”

Mas o príncipe morre... E o Tribunal Divino
 Impõe-lhe vida nova... E’ um pária sem destino,
 Que traz agora a dor qual fogo atado ao lenho...

E no mesmo lugar que ele, mísero, empesta,
 Implora a um marajá que se retira em festa:
 — “Uma esmola, senhor, para as chagas que eu tenho!...”

DOCE PARALÍTICA

Preito de amor à irmã aprisionada
 no leito há trinta anos...

Revejo-te a brilhar no fausto de outras eras...
 No trono de cetim, sob o dossel de opalas,
 Gravas horrendas leis, e o povo, ao proclamá-las,
 Deita pranto e suor nas provações severas...

Ninfa adulada e loura, em róseas primaveras,
 Fragrâncias orientais suavíssimas trescalas,
 E contraste, irrisão! quando surges e falas,
 Epopeias de dor em fúria transverberas...

Depois de longo tempo, augusta soberana,
 Encontrei-te a chorar... Tristonha ruína humana,
 Enferma e sem ninguém que te incense ou idolatre!

Mas reencarnada, assim, desditosa e esquecida,
 Lavaste o coração, purificaste a vida
 E fulges qual estrela entre as sombras do catre!





1
A VITÓRIA

Pedes mapas e instruções
Para o caminho a trilhar.
Entretanto, onde estiveres,
O roteiro é *trabalhar*.

Escalas monte espinhoso
No desejo de avançar...
Há pedras cerrando a frente?
A mudança é *trabalhar*.

(*) Órfão de pai aos sete anos, tendo cursado apenas as primeiras letras em escolas primárias, Casimiro Cunha, depois de haver perdido uma vista aos 14 anos, por acidente, cegou da outra aos 16. Adolescente, ainda, colaborou na imprensa vassourense. Desde que se tornou espírita confesso, estendeu aos periódicos espiritistas, principalmente ao *Reformador*, a sua produção poética. Foi um dos fundadores do Centro Espírita «Bezerra de Menezes», de Vassouras. *Mário Cis* era o pseudônimo que ele comumente usava. Prefaciando o primeiro livro do poeta

Alegas tédio invencível
Da cabeça ao calcanhar;
Mas todo enfado se extingue:
A fórmula é *trabalhar*.

13 Lamentas incompreensões,
No seio do próprio lar.
Toda mágoa foge e cessa.
O recurso é *trabalhar*.

Dizes notar tentações
18 Na ideia, no chão, no ar...
Mas, hoje, podes ser livre.
A defesa é *trabalhar*.

Transportas na alma intranquila
A dor de antigo pesar...
Qualquer aflição tem cura.
O remédio é *trabalhar*.

— Singelos —, M. Quintão chegou a afirmar que ele «fechara os olhos às misérias da Terra, para melhor entrever as belezas do Céu». Jamais se lhe ouviu dos lábios um queixume, uma palavra de revolta. Era a resignação em pessoa. «Alma feita de luz,» — afirmou-o Armando Gonçalves (*Colar de Pérolas*, pág. CXXVI) — «é um dos mais vigorosos literatos que enchem de orgulho o torrão fluminense.» (Vassouras, Estado do Rio, 14 de Abril de 1880 — Vassouras, 7 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: a) do homem terreno: *Singelos*; *Efêmeros*; *Aves Implumes*; *Pétalas*; *Perispiritos*; *Album de Delba*, póstuma.

b) do poeta desencarnado: *Cartas do Evangelho*; *Cartilha da Natureza*; *História de Maricota*; *Gotas de Luz* — todas pelo médium Francisco Cândido Xavier; *Juca Lambisca* e *Timbolão* — pelos medianeiros desta *Antologia*.

13. Leia-se *in-com-preen-sões*, com sinérese.
18. Ler *no/ ar*, em duas sílabas.

Acusas-te perseguido,
Afirmas-te sem lugar...
Renova-te e sê feliz.
A melhora é *trabalhar*.

Problemas são sempre muitos...
Não te ponhas a indagar.
A vida responde certo.
O preceito é *trabalhar*.

O próprio Cristo na cruz,
A sofrer e desculpar,
Ensina que, em toda luta,
A vitória é *trabalhar*.

2

BOCADOS

Serve com desinteresse
A quem serve ao deus-dará.
Quem dá para receber,
De fato, não deu nem dá.

*

Ajudando aqui e ali,
Sê bondoso e diligente.
Auxilia duas vezes,
Quem ajuda prontamente.

*

Faze planos, mas trabalha
Com fé, segurança e paz.
Quem não marcha para a frente
E' sombra vagando atrás.

*

Modera o temperamento,
Seja na fala ou na escrita.
O sábio conversa baixo,
O bruto reclama e grita.

*

Não faças do próprio ventre
Caminho às trevas da prova.
Aquele que come muito,
Faz da boca a própria cova.

*

Fala, ouve, age e reflete,
Mas prossegue construindo.
Há muita língua falando,
E poucos braços agindo.

*

Aquele que nada pensa,
Realmente, não se cansa.
Mas não chega a fazer nada,
Nem nada na vida alcança.

3

SIMPLIFICA

Clamas que o tempo está curto;
Contudo, o tempo replica:
— “Não me gastes sem proveito,
Simplifica, simplifica.”

E' muita conta a buscar-te...
Armazém, loja, botica...
Aprende a viver com pouco,
Simplifica, simplifica.

83 Incompreensões, chicotadas?
Calúnia, miséria, trica?
Não carregues fardo inútil,
Simplifica, simplifica.

Encontras no próprio lar
Parente que fere e implica?
Desculpa sem reclamar,
Simplifica, simplifica.

Se alguém te injuria em rosto,
Se te espanca ou sacrifica,
Olvida a loucura e segue...
Simplifica, simplifica.

Recebes dos mais amados
Ofensa que não se explica?
Esquece a lama da estrada,
Simplifica, simplifica.

Alegas duro cansaço,
Queres casa imensa e rica;
Foge disso enquanto é tempo,
Simplifica, simplifica.

Crês amparar a família
Pelo vintém que se estica?
Excesso cria ambição.
Simplifica, simplifica.

Dizes que o mundo é de pedra,
Que as provas chegam em bica;
Não deites limão nos olhos,
Simplifica, simplifica.

83. Cf. a nota nº 13 deste capítulo.

Recorres, em pranto, ao Mestre,
Na luta que te complica,
E Jesus pede em silêncio:
114 Simplifica, simplifica.

4

FATIAS

Vigia teu próprio exemplo
Na obra cristã de fato.
Toda fonte de água pura
Faz lobo sair do mato.

*

Guarda humildade e modéstia
Sem blasonar poderio.
Alta cabeça orgulhosa —
— Coração triste e vazio.

*

Foge a todo pessimismo
Sorrindo ao pior encargo.
Para o gosto corrompido,
O próprio mel surge amargo.

*

Quanto possível evita
Cair nas teias do engano.
Pela amostra apresentada
Reconhecemos o pano.

*

114. Note-se a mestria com que o poeta se serviu do bordão: "Simplifica, simplifica."

Observa o prato cheio,
A refeição tem limite.
Onde governa a razão
Há metragem no apetite.

*

Não menosprezes ninguém,
Sê liberal na atenção.
Leve fósforo inflamado
Faz arder o quarteirão.

*

Atende cada problema
De espírito vigilante.
Ninguém consegue assoprar
E sorver no mesmo instante.

*

Quem critica e fala muito,
De amor e paz morre à mingua.
Conserva, na própria boca,
A prisão da própria língua.

5

FILOSOFANDO

A quem saiba agradecer,
Cumprindo voto e promessa,
A vida entrega recursos
Muito acima do que peça.

*

Resguarda a ponderação
Por bênção de cada dia.
E' no riso e na conversa
Que a loucura principia.

*

Foge ao luxo de sentir
Preguiça, fastio e tédio.
Quem desiste do trabalho
E' doente sem remédio.

*

Elogia sôbriamente
Na palavra que desdobras.
Se o fogo sai dos limites,
162 Arrasa com as boas obras.

*

Muitos alcançam no mundo
Dinheiro, glória e ciência,
Mas pouca gente consegue
A força da paciência.

*

Estuda, ampara, semeia,
Constrói, auxilia e emenda.
Enquanto estás no serviço,
Ninguém te vê na contenda.

*

Ora e vigia. O perigo
E' maior no coração
Da pessoa que se sente
Distante da tentação.

*

Abraça, na tolerância,
Estrada, clima e dever.
Jamais exijas dos outros
O que não possas fazer.

162. Leia-se *com as*, em uma sílaba (Ecllipse).



1
DIVINO SOL

Noite. Retorno à Terra. Entre os aflitos
Que a luta impele aos últimos degraus,
Sinto a perturbação que envolve o caos
4 E a exalação de todos os detritos.

Entre o mundo e meu pranto, a sós, vagueio,
Na torva indagação que me constringe.
A vida é aterradora e imensa esfinge
No horror que me tortura de permeio.

(*) Bacharelado-se em Direito, na cidade do Recife, três anos depois transfere-se Augusto dos Anjos para o Rio de Janeiro, onde permanece por dois anos, lecionando na Escola Normal e no Colégio Pedro II. Muda-se posteriormente para Leopoldina, Minas, tornando-se abnegado diretor do Grupo Escolar «Ribeiro Junqueira», até à desencarnação. Cognominado o «Poeta da Morte» por Antônio Torres, emparelha-se com Antero de Quental, como sendo poeta filósofo do mais alto nível. Os temas científicos encontraram em AA «o seu grande explorador», segundo a expressão usada por Darcy Damasceno (in *A Lit. no*

Ao coro estranho de sinistros ventos,
Ergue-se a angústia num milhão de vozes...
Do choro mudo a imprecacões ferozes,
Há turbilhões de trágicos lamentos.

Paixões embatem com medonha fúria.
O fel da provação verte sem peias...
O homem é como alguém que abrindo as veias
Tenta fugir de balde à carne espúria.

Em toda a parte, a dor comprime o cerco,
E os que dormem, quais míseros cativos,
Assemelham-se a tristes mortos-vivos,
Agonizando em túmulos de esterco.

Acorrentada entre os horrendos muros
Dos seus próprios grilhões imanifestos,
A Humanidade escuta os vãos protestos
Dos sonhos que morreram nascituros...

Mas, dissipando a sombra por rompê-la,
Na gleba que de lodo se engalana,
Como sinal de Deus na furna humana,
28 Surge sublime e resplendente estrela.

Brasil, III, t. 1, pág. 388). Apesar do pessimismo empedernido do poeta paraibano, salienta Fernando Góes (*Pan.*, V, pág. 64) que «em muitos passos de sua obra áspera e amarga há traços de um grande espiritualismo». (Engenho Pau d'Arco, perto da Vila do Espírito Santo, Paraíba, 20 de Abril de 1884 — Leopoldina, Minas Gerais, 12 de Novembro de 1914.)

BIBLIOGRAFIA: *Eu; Eu e Outras Poesias*.

4. Observe-se a semelhança desta estância com a primeira de «As Cismas do Destino» (*Eu e Outras Poesias*, pág. 67), que vamos transcrever na íntegra:

“Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no destino e tinha medo!”

28. Atente-se na aliteração em s.

Há nova luz de amor que tudo invade.
E percebo, no pântano entrevisto,
Que a redenção virá, brilhando em Cristo,
Ante o Divino Sol da caridade.

2
OBSESSÃO

Hidra de sentimentos fesceninos,
A obsessão medonha em fúria avança;
O pranto amargo purga a intemperança
Do inferno de passados desatinos.

Dois revéis inimigos, dois destinos
Em que a treva letífera descansa:
Bela jovem, cobaia de vingança,
E um vampiro a sugar-lhe os intestinos.

Morde o hipocôndrio esquerdo a larva enorme,
Ovo teratológico disforme,
Gerando atividade corrutora.

Mas Deus e o tempo forjam doce jugo,
E encarceram-se vítima e verdugo.
Sob a maternidade redentora.

3
NA HORA DA MORTE

Calam-se os nervos álgidos, retesos,
Na estrutura ancestral da carne mole.
O corpo, enfim, repousa, como o fole,
Sob a horrenda pressão de ignotos pesos.

Sorvo cansado e inerme o extremo gole
Do fel que encharca os músculos surpresos,
Vendo os próprios tecidos indefesos,
Sob a fauna larval que aumenta a prole...

Sinto a orgia necrófaga medonha,
Como um balão que estala, geme e sonha
Ao contubérnio de sinistros lastros.

Mas, ave abrindo a grade hirta e marmórea,
Contemplo a vida eterna, ardendo em glória,
Que me acena sorrindo além dos astros!

4
MORTE HÚMIDA

61 Ei-lo, o doente que se desengana...
A úlcera enorme baba gosma escura;
O esqueleto senil se descostura
Ao bote da gangrena soberana.

Linfa, sangue e suor em papa insana,
Na fusão miasmática sem cura,
Por sânie e fel no ventre da amargura
Cospem a podridão da casca humana.

Última convulsão que desgoverna.
70 A morte chega brusca, horrenda e terna...
71 Corre na goela hirta fino gume.

61. *Ei-lo, o doente...* Cf. a nota 3-4, pág. 110.

A respeito do metro deste verso, em que a 6ª sílaba tônica recai no *que*, cf. o 1º verso do soneto "Solitário": "Como um fantasma que se refugia"; o 10º verso de "O Lamento das Coisas": "Da transcendência que se não realiza...", etc.

70-71. *horrenda* — *hirta*. Não raro, frequentavam o vocabulário do poeta estas palavras. Cf. "Os Doentes" — VII, VIII e IX; "Noite de um Visionário"; "Apóstrofe à Carne"; "Louvor à Unidade"; etc.

A alma ditosa nasce noutra nível.

73 E' o parto novo... E a vida imperecível
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

5

CAIM

76 Qual monstro hirsuto que se desenterra,
Aborto horrendo de sinistro abdômen,
Torna Caim, sem látegos que o domem,
Para a nova balística da guerra!

82 As medonhas mandíbulas descerra,
Indiferente às chagas que o carcomem,
E, bramindo, desperta na alma do homem
As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,
E, embora em pranto, envolve de amor puro
O lobo famulento da caverna.

73. Aposiopese: "E' o parto novo..."

76. *abdômen*: "A rima *abdômen* com *domem* é, do ponto de vista orto-épico, canônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto dos Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente, salvo nas situações tensas de cátedra, oratória ou teatro culto requintado." (Nota de Antônio Houaiss — N. Cl., nº 46, pág. 21.)

82. E' ainda de M. Cavalcanti Proença que vamos citar uma estatística: "No *Monólogo de uma sombra*, de Augusto dos Anjos, 55 entre 186 decassílabos (30%) são acentuados na 6ª sílaba, que é a tônica do proparoxítono." (*Ritmo e Poesia*, págs. 80-81.) Nos 88 decassílabos que ora estudamos, o poeta, que por este ritmo tem acentuado parentesco com Cesário Verde, ostentou 16 vocábulos proparoxítonos acentuados na 6ª sílaba (18%).

NARCISA AMÁLIA de Campos*



1
BONECA

Boneca!... Era uma vez a bonequinha humana,
Borboleta a voejar, sob véus de neblina,
Primavera de sonho e graça matutina,
Transfundidas na carne em rósea filigrana...

6 Bela e ardente, dançou, qual brejeira cigana,
Nos laços da ilusão que se adensa e esborcina;
Mulher, envelheceu disfarçada em menina,
Alegre bibelô na ribalta mundana.

(*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas letras» — di-lo Antônio Simões dos Reis (*Narcisa Amália*, pág. 15) — «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fez questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (*Poetas de Resende*, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza mu-

Nem renúncia no amor, nem lar de que se importe.
Mas, bailando febril, encontra, um dia, a morte,
Na dor que lhe crepeia o coração e a estrada...

A libélula cai sobre o charco profundo
E, no visco de lama, ouve apenas do mundo:
— “Boneca!... Era uma vez a boneca doirada!”

2

NOSSO FILHO

Guarda o tenro menino nascituro
Qual se trouxesses brando sol contigo.
Oferece-lhe os braços por abrigo,
O coração por lar ridente e puro.

Anjo frágil e pássaro inseguro,
Busca-te o pão de amor, radiante e amigo.
Corrige amando... Ampara sem castigo...
Vê na criança a aurora do futuro.

Não lhe firas os sonhos! Não lhe torças
A santa direção das novas forças
A caminho de flóreas primaveras!...

sical dos versos». Redigiu o jornal resendense *A Gazetinha*, tendo colaborado em outras folhas de Resende, bem como de Niterói, Rio e S. Paulo. «Foi a primeira mulher, entre nós,» — diz Edgard Cavalheiro (*Pan.* II, pág. 296) — «a erguer a voz em defesa de suas irmãs de sexo, numa tentativa feminista avançada para o meio acanhado e rotineiro de então.» Depois de residir em Resende, passou para o Rio de Janeiro, onde se consagrou ao magistério, até que veio a desencarnar, cega e parálitica, com setenta e dois anos de idade. (S. João da Barra, Estado do Rio, 3 de Abril de 1852 — Rio de Janeiro, Gb, 24 de Junho de 1924.)

BIBLIOGRAFIA: *Nebulosas*, poesias.

6. *Esborcinar*: quebrar as bordas de, golpear, escalavrar, partir, arruinar, etc.

Dá-lhe o teu próprio exemplo por escudo;
Tens no filho querido, antes de tudo,
28 O teu credor volvendo de outras eras.

3

LEI DE AMOR

— “Rua!... Rua, infeliz que me ensombraste o nome!...” —
Clama o pai, a rugir para a filha que implora:
— “Não me expulses, meu pai!... Temo a noite lá fora!...”
E ele mostra o punhal na fúria que o consome.

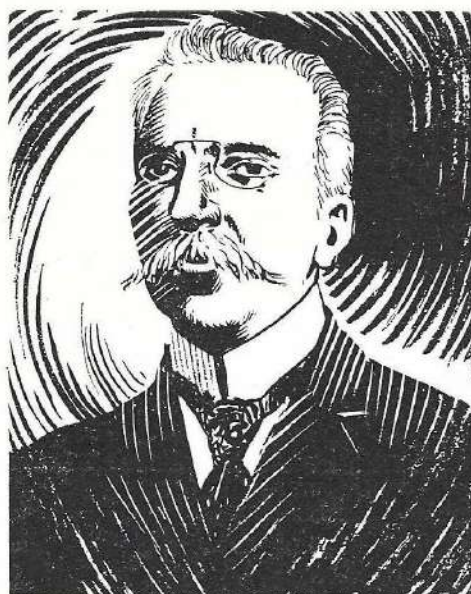
Voa o tempo a rolar, sem que a vida o retome...
Ele, desencarnado, ansioso e triste agora,
Traz à filha exilada o coração que chora,
Espírito a sofrer, em sede, chaga e fome.

Ela sente-lhe a dor, através da lembrança,
E dá-lhe um corpo novo, ante a luz que o descansa
Nos fios da oração, em celeste rastilho!...

E, mais tarde, no lar que os apascenta e acalma,
Ele diz: “Minha mãe, doce mãe de minha alma!...”
E ela diz a cantar: “Deus te abençoe, meu filho!...”



28. Via de regra, os Espíritos que voltam na condição de filhos, são, com efeito, antigas vítimas de seus atuais genitores. Acontece, porém, que, em outras circunstâncias, os filhos de determinado casal sejam desconhecidos de outras vidas, mas com igual quociente cármico perante a Lei de Causa e Efeito. Devem, por conseguinte, sob o mesmo teto, quebrar os velhos grilhões das dívidas que os mantêm chumbados ao solo das provações redentoras.



1
USURÁRIO

Rico, vivia a sós, desde longínqua data.
Afagava o metal resplandecente e louro...
Nem um pão a ninguém. Sòmente ouro e mais ouro,
Entre pedras faiscando e baixelas de prata.

5 Conservava o vintém com a devoção de um mouro.
Surge, porém, a dor que o despreza e maltrata
E, depois, vem a morte erguendo a foice ingrata,
Que o lança em desespero a fundo sorvedouro...

(*) Emérito professor de Português do Colégio Pedro II, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira n.º 37, prosador primoroso e poeta lírico de profunda inspiração, Silva Ramos fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Filólogo dos mais eminentes, soube influenciar espíritos de escol quais Antenor Nascentes, Manuel Bandeira e Sousa da Silveira. Colaborou em diversas publicações, como *A Semana*, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, *Renascença*, etc. «A magnanimidade de Silva Ramos» — disse Alcântara

Sem o corpo de carne é um louco que esbraveja,
Quer governar, ainda, a migalha e a bandeja;
Enjaulado na sombra, excita-se e reage.

E conquanto pranteie e se lamente embora,
O infeliz Harpagão possui sòmente, agora,
Uma cama de terra e um cobertor de laje.

2
SOB OS VENTOS DA NOITE

29 — “Ouro, luxo e prazer é o que a vida resume!” —
30 Brada jovem mulher sobre doirada escória;
Vive, bela, a voejar na carne ardente e flórea
E morre num salão, em vagas de perfume...

No pesadelo, a sós, loucamente presume
Resguardar no sepulcro o carro de vanglória;
Mentaliza brasões na caverna marmórea,
Ergue em franco delírio a cabeça de nume...

Supõe-se em pleno baile e dança, viva, lesta,
Exige a gargalhar mais música na festa,
39 Pede vinho e caviar sem que ninguém a acoite...

Machado — «é atestada não por este ou aquele capítulo, mas por todas as páginas da sua existência.» (Recife, Pernambuco, 6 de Março de 1853 — Rio de Janeiro, Gb, 16 de Dezembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: *Adejos*; *Pela Vida Fora*; *A Reforma Ortográfica*; *Centenário de João de Deus*, conferência; etc.

5. Leia-se *com a*, numa sílaba (Eclipse).
29-30. *doirada*. Tendo usado a forma *ouro* no 1º verso, é natural que o filólogo e poeta, no 2º verso, preferisse a forma *doirada*, fazendo que os versos se tornassem mais eufônicos. A propósito, cf. uma observação de Garrett, em *Camões*, citada por Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, pág. 433.
39-41. Leia-se *ca-viar* e *ca-sua-ri-nas*, com sinérese.

Súbito, acorda e grita, a encravar as mãos finas
41 Nos troncos espectrais das tristes casuarinas
Que gemem a chorar, sob os ventos da noite...

3

DOM GIL MENDONÇA

Do castelo feudal que o vento forte enrija,
Brame Dom Gil Mendonça, em subida almenara:
— “Agasalho a ninguém!...” — Ressoa a voz preclara,
De florão a florão, de cornija a cornija.

Sempre à noite, há quem chore e beije a pedra rija.
— “E’ a neve!... Abra Dom Gil!...” — Cada rogo dispara
E assopra anseio e dor nos braços de Carrara,
Sem que o dono feroz se comova ou transija.

Certo dia, no entanto, ouvem-se augúrios de algo...
Surge uma sombra leve e procura o fidalgo
Que, em vão, se estorce e ruge à porta que não cerra.

— “Que bandido me assalta?” — exclama, braço em riste,
55 Mas o vulto era a morte, e a morte, calma e triste,
Acomoda Dom Gil numa fossa de terra.

4

INSTANTANEO NAS TREVAS

O Espírito de Luz desce à noite umbralina...
Doce nume a lenir as feridas da furna,
Escuta um malfeitor de face taciturna,
Que a estorcer-se, mordaz, acusa e desatina.

55. Atente-se na epanástrofe: “...era a morte, e a morte...”

Anjo à frente de um monstro... A compaixão divina
62 Oferta ao frio e à sombra o bem por flâmea urna.
Rende-se a fera humana e conta, em voz soturna,
A história de si mesmo, expondo a senda em ruína...

Amaldiçoava o pai que outrora lhe trouxera
66 A riqueza e o prazer em dourada quimera,
Sem jamais dar-lhe amor ao peito maltrapilho...

68 Cala-se... O benfeitor beija-lhe o férreo pulso
E cai-lhe, humilde, aos pés, sob pranto convulso...
O emissário dos Céus achara o próprio filho.



62. Leia-se com hiato: *flâ/me/a ur/na*.

66. *dourada*. Cf. a nota 29-30 deste capítulo.

68. Observe-se a aposiopese: “Cala-se...”



1
CONFIDÊNCIA
DE MÃE

Dei-te um berço de rendas e de flores,
Adorei-te por nume excelso e amigo
E inclinei-te, meu filho, a ser comigo
Soberano de sonhos tentadores.

Ordenava, no orgulho que maldigo:
6 — “Não te curves nem sirvas, onde fores...”
Entreguei-te mentiras por louvores
E enganosa fortuna por abrigo.

(*) Poetisa, contista, romancista, iniciou sua vida literária, quase menina, conforme afirma sua filha Lola de Oliveira em *Minha Mãe!*, escrevendo em inúmeros periódicos sul-riograndenses. Foi também teatrológica e aplaudida conferencista. Professora pela Escola Normal de Porto Alegre, com distinção em todas as matérias, a poetisa de *Folhas Mortas* lecionou em cursos particulares, em várias cidades gaúchas, depois de nove anos dedicados ao magistério público. Fundou um jornal

Hoje, de alma surpresa, torno a casa;
Tremo ao ver-te no luxo que te arrasa,
Como quem dorme em trágico veneno!

E choro, filho meu, choro vencida,
Por guardar-te entre os grandes toda a vida,
Sem jamais ensinar-te a ser pequeno.

2
SOLUÇÃO MATERNAL

Perdoa-me a loucura, pobre filha,
16 Entreguei-te ao salão, inerme criança,
E ao dizer-te: — “repousa, folga e dança”,
Envolvi-te em meu logro, de partilha...

Contemplo-te a bailar... O palco brilha...
Ês volúpia, beleza, intemperança...
Escuto em prece o aplauso que te alcança
E lamento a vitória que te humilha...

Ah! minha triste pérola perdida,
Novamente daria sonho e vida
Para furtar-te ao fogo em que te abrasas!

literário feminino, *O Escrínio*, mais tarde transformado em revista ilustrada, e formou, segundo Antônio Carlos Machado, entre as maiores feministas brasileiras de sua época. De 1920 até à sua desencarnação, residiu na capital paulista. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de Junho de 1878 — S. Paulo, 19 de Junho de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: *Folhas Mortas*; *Preludiando*, contos; *Cruz de Pérolas*, contos; etc.

6. *onde*. Cf. nota nº 72, pág. 141.
16. Ler com sinérese: *criança*.

Mas tudo agora é a mágoa que me entrega
À imensa dor de ver-te rica e cega,
Mariposa queimando as próprias asas!...

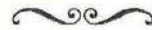
2-A
BRANDURA

Asserena-te e vara a desventura
No caminho de dor, áspero e azedo;
Serenidade — o lúcido segredo
Em que a vida se eleva e transfigura.

Tudo cresce na força da brandura.
A água desgasta os punhos do rochedo;
Olha a chuva cantando no arvoredado,
A transfundir-se em pão, bondosa e pura.

De coração batido e lodo à face,
Inda que o fel da injúria te traspasse,
Semeia o bem que as mágoas alivia...

Mesmo trazendo o peito por cratera,
Suporta, ampara e crê, ajuda e espera,
Que amanhã será sempre novo dia.



FRANCISCA CLOTILDE Barbosa Lima *



1
CONTO DO NATAL

A noite é quase gelada.
Contudo, Mariazinha
E' a menina de outras noites
Que treme, tosse e caminha...

Guizos longe, guizos perto...
E' Natal de paz e amor.
Há muitas vozes cantando:
— "Louvado seja o Senhor!"

(*) Poetisa, contista e romancista, exerceu o magistério até os últimos dias de sua existência terrena, tendo sido a primeira mulher a lecionar na primeira Escola Normal do Estado do Ceará (Cf. *Jangada*, revista da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, 1º trimestre de 1953, conferência de Maria Stella Barbosa de Araújo sobre Francisca Clotilde). Foi figura importante do «Clube Literário» do Ceará, em cujo órgão *A Quinzena* publicou vários sonetos «repassados de lirismo e cheios de beleza». Colaborou, ainda, em diversos periódicos cearenses, e fundou a

A rua parece nova
Qual jardim que floresceu.
Cada vitrina enfeitada
Repete: "Jesus nasceu!"

Descalça, vestido roto,
Mariazinha lá vai...
Sòzinha, sem mãe que a beije,
Menina triste sem pai.

Aqui e ali, pede um pão...
Está faminta e doente.
— "Vadia, saia depressa!" —
E' o grito de muita gente.

— "Menina ladra!" — outros dizem.
— "Fuja daqui, pata feia!"
Toda criança perdida
Deve dormir na cadeia."

Mariazinha tem fome
E chora, sentindo em torno
O vento que traz o aroma
Do pão aquecido ao forno.

Abatida, fatigada,
Depois de percurso enorme,
Estira-se na calçada...
Tenta o sono, mas não dorme.

revista mensal A Estrela, de larga e brilhante existência. Como jornalista, a sua pena era das mais inflamadas, especialmente quando se tratava das questões de caráter nacional. Raimundo Magalhães e Mário Linhares referiram-se elogiosamente à «distinta patricia», que foi grande amiga da juventude, sobretudo das crianças. (S. João de Inhamuns, hoje Tauá, Ceará, 19 de Outubro de 1862 — Aracati, Ceará, 8 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Coleção de Contos; Noções de Aritmética; Fábula; etc.

Nisso, um moço calmo e belo
Surge e fala, doce e brando:
— Mariazinha, você
Está dormindo ou pensando?

A pequenina responde,
Erguendo os bracinhos nus:
— Hoje é noite de Natal,
Estou pensando em Jesus.

— Não lhe lembra mais alguém?
Ela, em lágrimas, disse: — Eu
Penso também, com saudade,
Em minha mãe que morreu...

— Se Jesus aparecesse,
Que é que você queria?
— Queria que ele me desse
Um bolo da padaria...

Depois de comer, então
— E a pobre sorriu contente —
Queria um par de sapatos
E uma blusa grande e quente.

Depois... queria uma casa,
Assim como todos têm...
Depois de tudo... eu queria
Uma boneca também...

— Pois saiba, Mariazinha,
Eu lhe digo que assim seja!
Você hoje terá tudo
Aquilo que mais deseja.

— Mas, o senhor quem é mesmo?
E ele afirma, olhos em luz:
— Sou seu amigo de sempre,
Minha filha, eu sou Jesus!...

Mariazinha, encantada,
Tonta de imensa alegria,
Pôs a cabeça cansada
Nos braços que ele estendia...

69 E dormiu, vendo-se outra,
Em santo deslumbramento,
Aconchegada a Jesus,
Na glória do firmamento.

No outro dia, muito cedo,
Quando o lojista abre a porta,
Um corpo caiu, de leve...
A menina estava morta.

2

A PRIMEIRA PEDRA

A multidão tumultua
Em cada canto da praça.
Algemado, em plena rua,
E' um homem triste que passa...

Há gritos no Sol a pino...
São vozes a descompor:
— “Donde vieste, assassino?
Celerado! Matador!...”

— “Fera solta! Condenado!
Gatuno! Monstro! Quem és?”
E o infeliz disse, cansado,
Mal se aguentando nos pés:

69. Leia-se com hiato: “ven/do/se/ ou/tra”.

— “Por Deus, poupei-me a lembrança!
Basta a aflição que me corta...
Eu fui aquela criança
A quem cerrastes a porta.”

“Fui o pequeno mendigo
Que todos vistes passar!
Vêde a miséria em que sigo,
Sem a esperança de um lar!...”

“Faminto, descalço e roto,
A minha vida era assim...
Cresci na lama do esgoto,
Nunca tive alguém por mim...”

Bebendo o pranto que rola,
Suspirou, em conclusão:
— “Debalde pedia escola,
104 Debalde pedia pão.”

Toda a praça silencia.
106 Sòmente vibram no ar
Os soluços da agonia
De pobre mãe a chorar...

3

CANÇÃO DO TEMPO

Ouve a esperança que te fala ao peito:
— “Hoje é o dia
De lavrar o coração
E plantar a alegria.”

104. Observe-se a anáfora: “Debalde.../ Debalde...”

106. Contem-se assim as sílabas:

“Sò/men/te/ vi/bram/ no/ ar”.

No relógio da Terra, o tempo é curto...
Estende, agora, as mãos, enquanto é cedo.
Sê mais feliz, fazendo almas felizes,
Sem repouso e sem medo.

Assevera o minuto: "faze logo."
Diz a vida: "não temas."
À plena luta, a chave da bondade
E' solução em todos os problemas.

Não mostres rosto triste.
Toda mágoa entorpece...
Conserva no semblante o riso que há no sol
E o louvor que há na prece.

Se podes trabalhar,
Reflete na semente
Que, lançada no solo,
E' o pão de tanta gente!...

Procura no perdão a paz de novo,
Não te abandones à ilusão da ira.
Desculpa, de alma limpa, tantas vezes
Quantas vezes alguém te bata ou fira.

Não te prendas a dores de passagem,
Nem a posses terrenas...
Demoras-te no mundo
Por instantes apenas.

Todo mal que pratiques
E' sombra a segregar-te em cativoiro;
Mas todo bem que faças
E' amor vibrando no Universo inteiro...

- 141 Hoje é o dia de ajudar e abençoar, de entender e construir,
Segundo a fé que, em ti, refulge e arde.
Amanhã, outro dia talvez diga:
— "Não prossigas além, que é muito tarde..."

3-A
CANTA, CORAÇÃO

"Quem espera sempre alcança",
Afirma velho rifão...
Coração, segue e confia,
148 Canta a vida, coração!

A Terra é escola de luta;
150 A luta é a força de escol.
Todo sonho busca a frente,
Tudo espera, sob o Sol.

A semente espera a flor,
Que deitará, no porvir;
Anseia a flor pelo fruto,
156 O fruto espera servir.

A esperança é luz no tempo,
E o próprio tempo a conduz;
Cada noite espera a aurora,
160 A aurora espera mais luz.

141. Verso bárbaro este, bellissimo, aliás. Natural num poema como este, de ritmo admirável, em que se associam decassílabos sáficos e heróicos, um alexandrino na quarta estância, hexassílabos e versos de metros menores, em tetrásticos.

148. Note-se a epanadiplose.

150-156-160. Observem-se os exemplos de anadiplose.

Se hoje curtes, de alma aflita,
Provação, névoa, pesar,
Amanhã é novo dia,
Não te canses de esperar.

“Quem espera sempre alcança”,
Afirma velho rifão...
Coração, segue e confia,
Canta a vida, coração!



JOSÉ GUEDES *

1

FILHO QUE NÃO NASCEU

Fui trazido ao teu colo e sussurro, baixinho:
— “Mãe, eu serei na carne o sonho de teu sonho!...”
Depois, em prece ardente, em ti meus olhos ponho,
Pássaro fatigado ante a úsnea do ninho.

Abraço-te. És comigo a esperança e o caminho...
Em seguida — oh! irrisão! —, eis que, num caos medonho,
Expulsas-me a veneno, e, bruto, me empeçonho,
Serpe oculta a ferir-te em silêncio escarninho.

Já me dispunha a dar o golpe extremo, quando
Surge alguém que me obriga a deixar-te dançando
Em formoso salão onde o prazer fulgura.

Passa o tempo. Hoje volto... E' o amor que em mim arde.
Mas encontro-te, oh! mãe, a gemer, triste e tarde,
Sombra que foi mulher, enjaulada à loucura...

2

IR E VIR

Oh! suprema ventura, ampla e radiosa!
Libertar-se e subir, ao fim da luta...
A alma sonha, tateia, ouve e perscruta
32 A alegria que há muito se não goza!

(*) O poeta não se identificou nas reuniões a que compareceu.

32. Observe-se o efeito extraordinário desta próclise pronominal: “... que há muito se não goza!”

Mais além, surgem trilhas de ouro e rosa,
Sobre a Terra que foge, diminuta...
A paisagem por fim se desenluta
Em aurora esplendente e majestosa!

Estou livre, no entanto escuto gritos
Que me lanham quais látegos aflitos...
Triste de mim!... Debalde, me comovo!...

40 O passado apresenta longo arquivo,
E eu, que ria e cantava redivivo,
Volto ao berço das lágrimas de novo!...

3

LAMENTO PATERNO

Ah! meu filho, na concha de teu peito,
Via-te o coração por céu vindouro,
Encerravas contigo, meu tesouro,
O futuro risonho, alto e perfeito.

Entretanto, prendi-te a cruces de ouro,
Cujo peso carregas sem proveito,
Abatido, cansado, insatisfeito,
Arrojado a terrível sorvedouro...

Recolheste, no encanto de meu jugo,
O fascínio da posse por verdugo
E a preguiça forjando horrendas pragas.

Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas
O dinheiro vazio que armazenas
Na demência da usura em que te apagas!...

40. Quer o poeta dizer que o corpo espiritual ostenta os clichês de todos os seus atos praticados, inclusive os de existências anteriores a que, debalde, tenta o individuo fugir.



1
DEUS

Passa no oceano azul a resplendente frota,
Brilham flâneos pendões, de fragata em fragata...
Relampeia o esplendor... E' a luz que se desata
Do coração da vida em clâmide remota.

Vejo a ronda dos sóis por divina cascata,
Da Terra a que me prendo, — humilhada galeota.
Cada estrela é canção, que a beleza pilota,
Nos tênues brocatéis de púrpura e de prata.

(*) Poeta, orador, romancista, contista, historiador, jornalista. Fêz o curso primário no Liceu de S. Cristóvão, do Rio, e em 1885 fixou residência na capital do Paraná, onde exerceu vários cargos públicos. Professor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, DV angariou grande prestígio como verdadeiro «mestre da mocidade». Altamente espiritualista, foi um apaixonado prosélito das doutrinas ocultistas e heréticas. Helenófilo, chegou a criar em Curitiba um Instituto Neopita-

- 9 Ah! estranho Universo!... Ah! glória que me esmagas!...
10 Constelações, dizei!... Quem vos fez como vagas
De pétalas, bailando aos sublimes falernos?

Uma sílaba só freme, de mundo em mundo:
Deus!... — o doce mistério altívolo e profundo!...

- 14 Deus!... — o infinito Amor dos caminhos eternos!...

2
H O M E M

Argonauta da luz que nasceste nas trevas,
Por térmita perdido em malocas bizarras,
Dormiste com leões de sinistras bocarras
E, símio, atravessaste as solidões grandevas.

Preso aos totens e atado à inspiração dos devas,
Vivias de arco e flecha ao clangor de fanfarras.
Ai! a herança da guerra a que ainda te agarra,
Os impulsos do abismo e as cóleras longevas!

górico, para cuja sede construiu o famoso «Templo das Musas». Fundou várias revistas simbolistas, dentre as quais se destacou *O Cenáculo*. Sua produção é vasta em todos os gêneros. Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná e criou a cadeira nº 9 da Academia Paranaense de Letras. (S. Cristóvão, Rio de Janeiro, Gb, 26 de Novembro de 1869 — Curitiba, Paraná, 28 de Setembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *Efêmeras*; *Hélicon*; *Cinerário*; *Esotéricas*; etc.

9. Atente-se na apóstrofe.

10. Observe-se o “enjambement”: “...Quem vos fez como vagas/ De pétalas...” — que sugere, de imediato, o bailar das ondas de pétalas aos sublimes falernos.

14. Eis aí um dos mais excelentes exemplos de anáfora.

- Hoje, razão que brilha e amor que desabrocha,
24 Prometeu a chorar no coração da rocha,
Circulado de sóis e entre as sombras imerso!

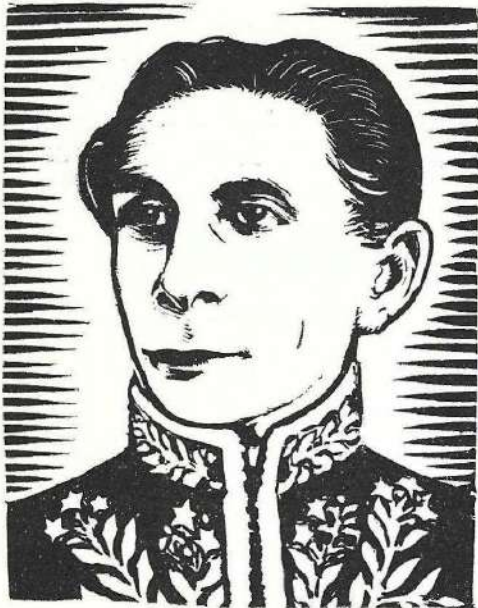
- Homem! Anjo nascente e animal inextinto,
Serás, após vencer as injúrias do instinto,
28 A obra prima de Deus no esplendor do Universo!



24. A título de curiosidade, cf. Dario Veloso, *Cinerário*, Curitiba, 1929, págs. 22, 23 e 24, em que o poeta dedicou a *Prometheo* três sonetos, sendo o primeiro, o *Titan*, o segundo, o *Herói*, e o terceiro, o *Deos*.

28. Observem-se a musicalidade dos versos, a riqueza das rimas e a excelência de algumas antíteses.

Certamente interessado em sua identificação, o poeta utilizou-se, no primeiro verso do primeiro quarteto, do vocábulo “Argonauta”, que intitula um bellissimo poema que ele, quando encarnado, dedicara a João Itiberê da Cunha (Cf. A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 343). Compare ainda o leitor este mesmo poema com o primeiro soneto mediúnico — “Deus”, e encontrará novos pontos de identificação.



1
ÚLTIMA HORA

A noite avança. À luz do olhar nevoento,
Escuto o alarme... A rude voz do instinto
Fala da morte. Em lágrimas pressinto
A lividez do trágico momento.

Espantado, atravesso o labirinto
Dos delírios e sonhos que apascento.
Vencido, o coração pulsa violento,
Ave apresada ao peito semi-extinto.

(*) No Rio de Janeiro, Pereira da Silva foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, ingressando, depois, na Escola Militar. Transferido, mais tarde, para o Estado do Paraná, aí se tornou dedicado amigo de Dario Veloso e de outros poetas da sua estirpe. Deixando o Exército, voltou ao Rio. Estudou Direito e aderiu ao grupo simbolista da **Rosa-Cruz**. Foi redator da **Cidade do Rio**, colaborando em outras publicações da imprensa carioca, como crítico literário. Em 1933 ingressou na Academia Brasileira

Tristeza, sombra e pó... Cinza e canseira...
A ideia tomba. E' a hora derradeira,
Na exalação dos últimos instantes.

Desço de todo ao caos que me agonia,
Mas livre enfim, soluço de alegria,
No caminho dos astros cintilantes.

2
ÚLTIMO DIA

Não era mais o lume de Aladino
Que trazia na mão dorida e pasma,
Era a tremura de um doente de asma,
Ouvindo, inerte, o choro do destino.

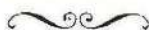
O leito igual ao chão de lodo e miasma
Fêz-se lousa de gelo em Sol a pino...
Quero gritar em vão, quanto um menino,
Amedrontado à sombra de um fantasma.

Divago. Embalde movo os lábios perros.
Varo — errante viajor — impérvios serros...
Meu sonho é um velho cão ladrando à lua...

de Letras, cadeira n° 18. Luís Murat considerou Pereira da Silva um dos maiores poetas da sua geração, «homem que possui uma grande cultura, a par de uma grande inspiração» (apud Pereira da Silva, **Beatitudes**, pág. 228). (Araruna, Serra da Borborema, Paraíba, 9 de Novembro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 11 de Janeiro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: **Væ Soli!**; **Solitudes**; **O Pó das Sandálias**; **Alta Noite**; etc.

26 Tudo — silêncio pálido de esfinge...
E' o nada... A dor do nada que me atinge
Mal sabendo que a vida continua...



26. Observe-se a frequência com que o poeta usa o vocábulo *pálido* e seus cognatos. No soneto "À minha mãe" (*apud Pan.* IV, pág. 117), o último terceto, por exemplo:

"E me atirando uma porção de lírios
Transfigurou-se *pálida* e apiedada
Dos meus soluços e dos meus Martírios..."

Cf., ainda, a 2ª estrofe de "Sóror Mágoa" (*apud Op. cit.*, pág. 118). Na 4ª estância desse poema, encontramos isto:

"Como se ajusta bem a *palidez* à fome
E o tédio ao dissabor do espírito de alguém."

Interessante, também, o último terceto de "Sol poente" (*apud Op. cit.*, pág. 119).

ARTUR RAGAZZI *



1
SONETO

Era a última hora para a cabeça estática
Que pensava, apesar de tudo.
O corpo anestesiado no suor denso e álgido
Não movia sequer leve ponta do dedo.

Os olhos haviam parado dentro das órbitas,
Mas no imóvel espelho das pupilas
Aumentara a visão com estranha potência,
Sob a ação de outros raios.

(*) Poeta largamente relacionado e estimado nos ambientes literários e sociais de Belo Horizonte. Italiano de nascimento, veio com os pais, ainda menino, para o Brasil, fixando-se em Ouro Preto. Em 1897, inaugurada a nova capital mineira, aí passou a residir até ao fim de sua existência. Foi uma das principais expressões do alto comércio de Belo Horizonte e elemento de valor nos círculos literários que nessa cidade

9 Teto, paredes, portas desapareceram como por encanto
E comecei a ver, pela gaze das lágrimas,
Antigas afeições que imaginava mortas...

Velhos amigos meus vinham, prestos, do Além, a enxugarem-me
[o pranto.

Encontrara o outro mundo! E quis gritar, eufórico,

14 Mas a garganta seca era apenas silêncio.

2

AO VIAJOR DA VIDA

Foge à ilusão da forma que te ilude
Entre sombras e lápides terrenas.

17 Surpreenderás, na carne, sonho apenas
De infância, mocidade e senectude...

se formaram à sombra de Alphonsus de Guimaraens e de Mendes de Oliveira. «Poeta de largos recursos,» — di-lo a **Folha de Minas**, em 5 de Novembro de 1948 — «era também Artur Ragazzi uma alma pura e sensível a todas as manifestações do calor humano.» Em vários jornais e revistas mineiros e cariocas saíram estampadas as suas produções líricas, «donde rescendem impulsos sinceros de uma inspiração privilegiada, a par de notável poder de expressão verbal». (Veneza, Itália, 31 de Julho de 1879 — Belo Horizonte, Minas Gerais, 4 de Novembro de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Cavaleiro Andante; Coivara Acesa; algumas inéditas.

9. Observe-se a enumeração.

14. Neste soneto assaz original, em que se associam versos alexandrinos, hexassílabos e hipérmetros de grande beleza, o poeta descreve-nos o momento final da vida na carne, quando no "imóvel espelho das pupilas" já não mais vislumbrava as paredes, o teto, as portas, mas apenas os seus velhos amigos desencarnados.

17. Leia-se *sur-preen-de-rás*, com sinérese.

Ri-se o berço... Depois, a juventude
E' ligeira estação de horas serenas...
Depois, ainda, as lágrimas e as penas
Da velhice a chorar o inverno rude...

Que a aspereza da estrada pouco importe...
Segue, de coração piedoso e forte,
Plantando o amor na Terra vasta e rica!

Marca a esparzir o bem de escala a escala!
O bem — o dom de paz que te assinala;
Sòmente o bem é a luz de amor que fica.





1
RESSURREIÇÃO

Ressurreição! A madrugada flôrea!...
O céu brilhando, em mágica oferenda...
Estranho à nova luz que se desvenda,
Vejo as telas antigas da memória.

E' minha mãe, contando velha história,
A corrente do rio a fazer renda,
A cana soluçando na moenda
E a pátria serra olhando a altura inglória!...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se Da Costa e Silva para o Recife, onde, somente em 1913, veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» — escreveu Andrade Muricy — «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém

O caminho estrelado principia...
A morte abriu as fontes da alegria,
Na taça da amplidão que se descerra!

Fulge o carro da vida renascente,
Mas volto à sombra e choro a dor pungente
Da saudade sem fim de minha terra!...

2
REENCARNAÇÃO

De cima a cima, a ideia viva esbarro...
Luzem constelações... O Céu rutila...
Estrelas resplendentes fazem fila,
Multicores vagões do Etéreo Carro.

Mas revejo, enlevado, o sol da vila...
O regaço materno, ansioso, agarro;
Ouçõ meu pai de crônico pigarro
E a voz do lar por música tranquila.

Fito a mesa singela, o caldo, a broa;
O velho cão rafeiro geme à toa...
25 Ah! Saudades! Sois tudo quanto exerço!...

que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 ** de Novembro de 1885 — Rio de Janeiro, Gb, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

** Andrade Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., III, pág. 27) dá 23 como o dia de nascimento.

25. Note-se a apóstrofe.

Preces a Deus, em lágrimas, transponho...
Aspiro a refazer a vida e o sonho,
28 Quero chorar nos júbilos do berço!...

3

VERSOS A MINHA MÃE

Pássaro preso no recinto escasso
30 Do velho canavial, beirando o rio,
Quis ver o mundo vasto e conheci-o,
Varando, em pleno voo, o azul do espaço...

Lembro-me agora... Enceguecido, abraço
A exaltação, a glória e o poderio...
Mas tudo, minha Mãe, era vazio
Fora do amor que brilha em teu regaço.

Vi mil chagas de dor que a fama incensa
Nos nervos de ouro da cidade imensa,
E prazeres em trágico desmando...

Mas não colo a que, em sonho, me recostas,
Tenho apenas teu vulto de mãos postas,
Que teu filho recorda, soluçando...

28. Falando sobre a poesia de Da Costa e Silva, afirmou Fernando Góes (*Pan. V*, pág. 146): "Foi bem o cantor da saudade, ele confessava ter vindo ao mundo para ter saudade." E como não poderia deixar de ser, o artista de "Saudade" continua sendo o cantor da saudade, ansioso, agora, por ver novamente paisagens terrestres em novo corpo de carne...

30. Leia-se *ca-na-vial*, com sinérese.

3-A O BERÇO

Em êxtase, contemplo os sóis em bando,
Arcturo, Aldebarã, Sírius, Antares,
E o caminho onde os anjos tutelares
Passam ébrios de júbilo, cantando...

Bebo a vida imortal em que me expando,
Nos perfumes e cores de outros ares.
Surgem novos impérios estelares,
Na glória do Universo, fulgurando!...

Mas ouve, Mãe, em pleno Lar Celeste,
Recordo o berço humilde que me deste,
Ao pranto de alegria em que me inundo...

Muito mais que na luz do imenso Espaço
Pulsa, no imenso amor de teu regaço,
O próprio coração de Deus no mundo...





1
HISTÓRIA
DO AMOR

Pede a ostra colada à pedra em que se escalva:
— “Ajuda-me, Senhor! Sou larva triste e feia!...”
Nisso, o mergulhador pisa o lençol de areia,
Qual fulmíneo titã, no abismo verde-malva.

Pensa, encantada, a pobre: — “Eis alguém que me salva...”
O homem, contudo, ataca e a mísera baqueia.
Depois, sofre, na tona, o facão que a golpeia,
Fere, insulta, escarnece e lanha, valva em valva.

(*) Depois de ter assentado praça no 9º Batalhão de Infantaria e tentado matricular-se na Escola Militar, no Rio de Janeiro, Artur de Sales voltou a Salvador, onde, em 1905, recebeu o diploma de aluno-mestre, da Escola Normal. Exerceu o magistério primário «em aprendizados agrícolas». Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, aí ocupando a cadeira nº 3. A obra poética de AS, a princípio simbolista, passou depois a ser concebida parnasianamente. Suas poesias, em geral abrangendo temas populares, revelam-lhe o grande interesse pelas coi-

Mas, em vez de revolta, a vítima indefesa
Oferta-lhe, ao cair, por troféu de beleza,
11 A pérola que brilha entre os arpões e os rascos...

Essa é a história do amor que se alteia, sublime;
Inda mesmo a sangrar, sob a injúria do crime,
Beija e enriquece as mãos dos seus próprios carrascos.

2
HISTÓRIA DO DESTINO

Rogava o barro a sós, preso a lodosa charpa:
— “Liberta-me, Senhor, do lixo que me escorna!
Ai de mim que sou lama envilecida e morna!...”
Veio a chuva e, oh! beleza! o brejo vibra e zarpa.

A água que dormia em tímida madorna
Põe-se, turva, a correr no solo que se escarpa,
Atormenta-se, luta e vai, de farpa em farpa,
Como pranto de dor que, súbito, se entorna...

Agita-se e obedece, escrava à gleba obscura,
Beija os rijos punhais da rocha em que se apura,
Abraça as provações e canta a bendizê-las!

sas do mar. Considerado «admirável plástico do verso» por Jackson de Figueiredo, foi ainda Artur de Sales, na expressão de Eugênio Gomes, um «ébrio de Shakespeare», traduzindo-lhe, em versos alexandrinos, a peça *Macbeth*. (Cais Dourado, Salvador, Bahia, 7 de Março de 1879 — Salvador, 27 de Junho de 1952.)

BIBLIOGRAFIA: *Poesias* (1901-1915); *Poemas Regionais*; etc.

11. *rasco* (de *rascar*, raspar, desbastar): “garfo de ferro, na extremidade de uma vara, para a apanha do mexilhão.”

Depois, é fonte ao mar, qual poema divino!...
Alma, a história do charco é a história do destino
28 Que nos arrasta, além para além das estrelas...



28. Para que possamos apreciar o gosto do poeta para as rimas raras e os versos alexandrinos, vamos transcrever-lhe apenas duas estâncias do poema "A Lagoa" (*apud Pan.*, V, págs. 55-56):

"Tramas de ouro de sol, quase apagada frágua
Veste a lagoa. Um mundo azoante de insetos
Zune e zumba, cruzando-a. Os caniços inquietos
Vão e vêm, alongando esguias sombras na água.

O silêncio, magoando o ar sonolento e morno,
Espalha em tudo o alor das cousas fugidias;
A vez e vez, rompendo-o, asas passam, tardias.
Esmaece, agoniza a paisagem de em torno."

Observe-se, ainda, que o esquema rimático é idêntico no soneto de hoje e no famoso poema de suas *Poesias*.

CORNÉLIO PIRES *



1
VELHO JOÃO

Velho João, agonizas triste e pobre,
Sem que o mundo, sequer, a mão te estenda;
Ninguém te oferta um caldo por merenda,
Nem um trapo de pano que lhe sobre...

Ah! ninguém te agradece ao peito nobre
O cansaço na roça e na moenda;
Morres, lembrando as pompas da fazenda,
No seboso molambo que te encobre.

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» — recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jor-

Percebes, pelos vãos da própria furna,
Flores aos borbotões, na paz noturna,
E abandonas o corpo, a fim de vê-las...

Fitas, em prece, a noite calma e santa
E sobes, velho João, como quem canta
14 Nos milharais do Céu, plantando estrelas!

2

MÃE BALBINA

Espancaram-te o rosto, Mãe Balbina.
Velha, furtaste um pão jogado ao solo,
Ama de tanta boca pequenina
Que afagavas, cantando, no teu colo.

Ninguém te viu, anêmica e franzina,
20 Com o filho da patroa a tiracolo,
E a dor de mãe solteira, inda menina,
No suor da coivara e do monjolo.

nais e revistas, tendo iniciado a sua vida literária em **O Malho**, do Rio. Alguns dos seus livros continuam a ter numerosas e sucessivas reedições. «Sua obra» — di-lo Joffre Martins Veiga — «é eminentemente popular e de cunho essencialmente brasileiro.» (Tietê, Est. de S. Paulo, 13 de Julho de 1884 — S. Paulo, Estado de S. Paulo, em 17 de Janeiro de 1958.)

BIBLIOGRAFIA: Musa Caipira; O Monturo; Versos; Coisas d'Outro Mundo; Onde estás, ó morte?»; etc.

14. Excelente imagem: "Velho João, como quem canta nos milharais do céu, plantando estrelas."

20. Leia-se *com o*, numa sílaba. CP, com frequência, servia-se da eclipse. Cf. "O Enterro" (ap. J. M. Veiga, *Antol. Caipira*, pág. 139) 11º verso: "e *com ele* se foi a doce paz da roça."; "A Quelque Chose", 11º verso: "*com o* dia de amanhã que é sempre o mesmo" (*apud Op. cit.*, pág. 111).

Roubaste um pão apenas, Mãe querida,
Tu que foste roubada em toda a vida
25 Por tantos filhos que te abandonaram!...

Mas Deus guarda-te, além, por luz e enfeite,
O tesouro de sangue, pranto e leite
Das pérolas de amor que te furtaram!

3

MARIA DOIDA

"Doida! Maria Doida!" A meninada
Persegue a pobre louca em longas filas.
Cerrando as mãos nervosas e intranquilas,
Maria corre em fúria desgrenhada.

Ah! minha irmã, que em sombra te aniquilas;
Desditosa, sòzinha, desprezada,
Bebes, com sede e fome, na calçada,
O pranto que te verte das pupilas!...

Mas, à noite, Maria, enquanto dormes,
Revês, de novo, as árvores enormes
Do teu solar de luxo noutras eras...

E agradeces, na palha seca e fria,
A rude provação de cada dia,
Como preço do júbilo que esperas!

4

NHÁ CHICA

Dos olhos de Nhá Chica o pranto rola...
Não mais levanta a voz e o rosto ossudo.
Oitenta anos vivera... E, ao fim de tudo,
A palhoça vazia, o pão de esmola...

25. Cf. nota nº 61, pág. 287, a respeito do metro.

- A professora anciã relembra a escola...
 Pensa ver, entre o catre e o chão desnudo,
 49 A mesa, o livro, a lousa, o giz do estudo
 50 E os meninos rixando junto à bola.
- 51 Pobre Nhá Chica em lágrimas banhada
 Morre, esquecida e só, assim sem nada,
 Na tristura das últimas lembranças...
- 54 Mas acorda em florida caravela
 Num mar azul... E vê-se, moça e bela,
 Carregada nos braços das crianças!...

5

HISTÓRIA DE DONA AMÉLIA

Conheci Dona Amélia na fazenda
 — Dona Amélia Maria Liberata —,
 Linda e rica mulher, mas rude e ingrata,
 Sempre altiva, no estrado de ouro e renda.

Deixava o pão mofando preso à lata
 E gritava: “ninguém me desatenda”.
 Procurava conflitos de encomenda
 Para zurzir os servos na chibata...

Mais tarde veio a morte... A nobre dama
 Padecia o remorso como a chama
 Quando o fogo se apega à carne nua.

49. Atente-se na enumeração.

50. As rimas em “ola” e “olo” eram muito usadas pelo artista de *Musa Caipira*. Cf. “Casa Rústica” (*Op. cit.*, pág. 97), 1º terceto; “O Sol e o Caboclo” (*id.*, pág. 99), última estrofe; “Desencanto” (*id.*, pág. 113), em todas as quadras; “Peripécias de Viagem” (*id.*, pág. 117), último terceto.

51-54. Observem-se os “enjambements”.

O tempo voa... E agora, reencarnada,
 Vejo-a sòzinha, triste e abandonada,
 Esmolando socorro em cada rua.

6

SINHÁ TEODORA

Ah! minha outra mãe, Sinhá Teodora,
 Ninguém te enxuga as lágrimas do rosto,
 Mas prossegues gemendo a contragosto,
 Arrimada à muleta que te escora...

Sofreste, sorridente, vida afora;
 Cantarolavas, tonta de desgosto...
 Para onde te encaminhas, ao sol-posto,
 A tropeçar, cansada e triste, agora?

Que demandas com tantas agonias?
 Ergues ao céu as mãos magras e frias...
 Há luz que se derrama de alta esfera...

Choras... No entanto, a paz do firmamento
 Diz-me que vais, assim, coxeando ao vento,
 Para os braços do Cristo que te espera.

7

“TI” PEDRO

O mendigo que chora, treme e passa
 Fôra cultivador de terra alheia.
 Em dado instante, hesita, cambaleia...
 Há quem o julgue cheio de cachaça.

“Ti” Pedro cai e é preso em plena praça
 E, morrendo, nas lajes da cadeia,
 Revê toda a fortuna a que se enleia:
 Cinco tostões num trapo de alcobaça.

De Espírito liberto, estrada afora,
Ouve música ao longe... E' quase aurora...
"Ti" Pedro sobe leve como o vento;

E crê que o próprio Deus lhe acalma as dores,
Nas estrelas que pendem como flores
98 No pau d'arco de luz do firmamento.

8

O D. JUAN

E assim viveu Cantídio Maldonado,
Deitando anedotário e latinório,
Bela figura, qual D. Juan Tenório,
Lampeiro, bonito e remoçado.

Aqui e ali, promessas de noivado,
Meninas lastimando amor inglório,
Lares desfeitos, casos de cartório
106 E crimes, vários crimes de contado.

Contudo, a morte veio... O pobre amigo
Acumulava em lágrimas consigo
Dor e remorso em trágico binômio...

Corre o tempo... Hoje encontro Maldonado,
Andrajoso, esquecido e reencarnado,
A rir e soluçar num manicômio.

98. Cf. a nota 14 deste capítulo.

Digna de observação é a constante repetição das expressões "Nhá", "Sinhá" e outras que tais, tanto na poesia de além-túmulo quanto na que ficou esparsa em seus livros.

"Vai-se levar à vila o corpo de Nhá Cota,
balouçando na rede a uma vara amarrada..." —

eis os dois primeiros versos do soneto "O Enterro", que, misturado aos de "Nhá Chica", "Sinhá Teodora" ou qualquer outro soneto com que agora comparece o poeta, dificilmente distinguiríamos dos demais.

106. Mesarquia: "E crimes, vários crimes de contado." — Cf. nota nº 7, página 42.

POSFÁCIO

Não poderíamos encerrar esta **Antologia** sem que traçássemos, a largas pinceladas, pelo menos, um esboço biobibliográfico dos medianeiros da presente obra.

Assim sendo, alinhamos, em seguida, breves notas biobibliográficas dos prezados companheiros Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.



FRANCISCO

CÂNDIDO

XAVIER

Francisco Cândido Xavier, médium veterano da Doutrina Espírita, no Brasil.

Filho de João Cândido Xavier e de D. Maria João de Deus, desencarnados em 1960 e 1915, respectivamente.

Fêz o curso primário em Pedro Leopoldo, Minas, onde nasceu.

Vivendo num lar muito pobre, entrou a trabalhar, ainda menino, numa fábrica de tecidos. Mais tarde, foi caixeiro de armazém. Funcionário público federal, desde 1933.

Em 1932, publicou, por intermédio da Federação Espírita Brasileira, o **Parnaso de Além-Túmulo**, primeiro livro de suas faculdades mediúnicas e já em sétima edição, mantendo-se em atividade, até agora, com uma bagagem de mais de setenta livros medianímicos lançados a lume, vários deles vertidos e publicados em Castelhana e em Esperanto.

Dos romances recebidos por Chico Xavier, alguns foram representados em teatro; **Paulo e Estêvão** foi radiofonizado pela antiga Rádio Clube do Brasil (hoje, Rádio Mundial), e três deles mereceram o televisoramento através da TV-Itacolomi, de Belo Horizonte.

Residiu o médium em Pedro Leopoldo, até Dezembro de 1958, transferindo-se para Uberaba, Minas, em Janeiro de 1959, onde prossegue com o mesmo calor de ideal, na tarefa espírita-cristã, por instrumento dos Benfeitores Espirituais, em diversos livros novos, sendo de notar-se que alguns desses novos livros foram psicografados de parceria com o médium Waldo Vieira. (Pedro Leopoldo, Minas, 2 de Abril de 1910.)



WALDO

VIEIRA

Waldo Vieira, adepto do Espiritismo desde os primeiros tempos da infância e médium em exercício desde os quinze anos.

Filho de Armante Vieira, desencarnado em 1952, e de D. Aristina Rocha, residente em Uberaba.

Fêz o curso primário em Monte Carmelo, Minas, onde nasceu. Aos doze anos de idade, transferiu-se para Uberaba, onde veio a se formar em Odontologia e, mais tarde, em Medicina, exercendo clínica médica exclusivamente gratuita.

Funcionário do ensino desde 1946, prossegue até hoje em suas atividades normais.

A partir de 1956, começou a publicar as mensagens psicografadas, e em 1959 deu à estampa **Evolução em Dois Mundos**, o primeiro livro de suas faculdades mediúnicas, recebido de parceria com o médium Francisco Cândido Xavier. No ano seguinte, lançou **Conduta Espírita**, de autoria do Espírito de André Luiz, sob sua exclusiva responsabilidade medianímica. A serviço da Doutrina Espírita, já recebeu doze livros da Espiritualidade, até o ano de 1962 (alguns dos quais de parceria com F. C. Xavier), observando-se que dois deles foram vertidos e publicados em Castelhana. (Monte Carmelo, Minas, 12 de Abril de 1932.)

ÍNDICE ONOMÁSTICO E BIBLIOGRÁFICO

- ABREU, Florêncio de: Reminiscências da "A Tarde", *Jornal do Commercio*, 3º caderno, 28 de Outubro de 1962: 224.
- ABREU, Rodrigues de: *Poesias Completas*, com uma Introdução de Domingos Carvalho da Silva, Companhia Editora Panorama, São Paulo, 1952: 52.
- ADONIAS FILHO: "O Clássico Drummond", *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de Junho de 1960: 26 e 27.
- ALENCAR, Mário de: 189.
- ALMEIDA, Fialho de: 144.
- ALMEIDA, Filinto d': 186.
- ALMEIDA, Moacir de: *Gritos Bárbaros e Outros Poemas*, com uma Introdução de D. Martins de Oliveira, Livraria São José, Rio de Janeiro, 3ª edição aumentada: 200 e 201.
- ALMEIDA, Pádua de: 200.
- ALVES, Castro: *Poesias Completas*, Introdução de Jamil Almansur Haddad — Organização, Revisão e Notas de Frederico José da Silva Ramos, Edição Saraiva, 2ª ed., São Paulo, 1960, (*Poes. Compl.*): 90, 118 e 119.
- AMADO, Gilberto: *Minha Formação no Recife*, Livraria José Olympio Editora, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1958: 86.
- AMARAL, Amadeu: 211 e 325.
- AMARAL, Leopoldo: 125.
- ANDRADE, Carlos Drummond de: *Lição de Coisas*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1962: 26.
- ANDRADE, Djalma: 27.
- ANJOS, Augusto dos: *Eu e Outras Poesias*, Bedeschi, 19ª ed., Rio de Janeiro, s.d.: 21, 285 e 287.
- ANTOLOGIA CEARENSE, 1ª Série, Organizada pela Academia Cearense de Letras e editada pela Imprensa Oficial, com uma introdução de Raimundo Girão, Fortaleza, 1957: 190 e 222.
- ANTOLOGIA DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS (1908-1958), Publicação comemorativa do cinquentenário de fundação da Academia. Organizada pelos acadêmicos Mário Martins Meireles, Arnaldo de Jesus Ferreira e Domingos Vieira Filho, S. Luís, Maranhão, 1958: 33.
- ARANHA, Carvalho: 211.
- ARAÚJO, Carlos da Silva: *Paulo Silva Araújo*, editado por Carlos da Silva Araújo, S.A., Rio de Janeiro, 1944: 179.

ARAÚJO, Maria Stella Barbosa de: *in Jangada*, 1º trimestre de 1953: 299.

ASSIS, Machado de: 31, 38 e 185.

AVELAR, Romeu de: *Coletânea de Poetas Alagoanos*, Edições Minerva, Rio de Janeiro, 1959: 134.

AZEVEDO, Artur: 33 e 152.

AZEVEDO, J. Eustachio de: *Antologia Amazônica* (Poetas Paraenses), Tip. da Casa Editora Pinto Barbosa, Belém, 1904: 122.

AZEVEDO, Jorge: *in Estado de Minas* de 24 de Setembro de 1961: 109.

BANDEIRA, Antônio Rangel: *Jorge de Lima — o roteiro de uma contradição*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1959: 256.

BANDEIRA, Manuel: *Apresentação da Poesia Brasileira*, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 3ª ed., Rio de Janeiro, s.d.; *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*, Ministério da Educação e Saúde, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1940; *Antologia Poética*, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1961: 27, 163, 169, 191, 228 e 292.

BARBOSA, Rui: 118.

BARRETO, Tobias: 161.

BASTIDE, Roger: 261.

BERNARDI, Mansueto: 192.

BILAC, Olavo: 41, 107, 176, 185, 215 e 266; *Poesias*, Livraria Francisco Alves, 24ª ed., 1952 (Poes.): 27 e 90.

BITENCOURT, Liberato: *Homens do Brasil — Paraibanos Ilustres*, vol. II, Livraria e Papelaria Gomes Pereira, Editor, Rio de Janeiro, 1914: 249.

BRANDÃO, Cláudio: *Antologia Contemporânea*, Livraria Francisco Alves, 13ª ed., 1942: 173.

BRAZIL, Zeferino: 155.

BRITO, Mário da Silva: *Panorama da Poesia Brasileira*, Vol. VI — O Modernismo, (Pan. VI), Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro-S. Paulo-Bahia, 1959: 53.

BROCA, Brito: 210.

BRUZZI, Nilo: *Júlio Salusse, o último Petrarca*, 2ª ed., Gráfica Editora Aurora, Ltda., Rio de Janeiro, 1956: 102 e 103.

CAMPOS, Geir: *Pequeno Dicionário de Arte Poética*, Conquista, Rio de Janeiro, 1960 (Peq. Dic. de Arte Poética); *Alberto de Oliveira — Poesia — Livraria Agir Editora*, Rio de Janeiro, 1959 — “Nossos Clássicos” — (N. Cl. nº 32): 36, 39, 40, 42, 44, 47, 58, 62, 64, 81, 83, 91, 99, 135, 141, 162, 250, 256 e 258.

CAMPOS, Humberto de: 178.

CARNEIRO, José Fernando: *Apresentação de Jorge de Lima*, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1958: 256.

CARREIRO, José Bruno: 133.

CARVALHO, Elísio de: 222.

CARVALHO, Félix de: 64.

CARVALHO, Ronald de: *Pequena História da Literatura Brasileira*, Prefácio de Medeiros e Albuquerque, Prêmio Academia Brasileira, 5ª ed. revista e aumentada, F. Brigueit & Cia., Editores, Rio de Janeiro, 1935: 144 e 169.

CARVALHO, Vicente de: 185.

CARVALHO FILHO, Aloysio de: *Coletânea de Poetas Bahianos*,

Editora Minerva Ltda., Rio de Janeiro, 1951: 226 e 233.

CASSES, A. Guterres: *Stradivarius*, Of. de A Noite, Rio de Janeiro, 1943: 237.

CAVALHEIRO, Edgard: *Maravilhas do Conto Inglês*, Editora Cultrix, 1957; *Panorama da Poesia Brasileira*, Vol. II — O Romantismo, Editora Civilização Brasileira, S.A., Rio de Janeiro-S. Paulo-Bahia, 1959 (Pan. II): 23, 35, 130 e 290.

CELESTE, Aura: *Vozes d'Alma*, composto e impresso nas Oficinas Gráficas da S. A. Patria degli Italiani, Rio, 1925: 235.

CÉSAR, Guilhermino: *História da Literatura do Rio Grande do Sul* (1737-1902), Coleção Província, Vol. 10, Editora Globo, Rio de Janeiro — Porto Alegre — São Paulo, 1956: 36 e 165.

CHIACCHIO, Carlos: *Biocrítica*, Vol. I, Edições Ala, Bahia, 1941: 123 e 174.

CORREIA, Raimundo: *Poesia Completa e Prosa*, Texto, Cronologia, Notas e Estudo Biográfico por Waldir Ribeiro do Val, Introdução Geral — Manuel Bandeira e Waldir Ribeiro do Val, Editora José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1961: 170.

COUTINHO, Afrânio: *A Literatura no Brasil*, direção de Afrânio Coutinho, com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho, Vol. II, Editorial Sul-Americana S.A., Rio de Janeiro, 1955; *A Literatura no Brasil*, ídem, Vol. III (tomo 1), Livraria São José, Rio de Janeiro, 1959: 32, 42, 52, 104, 255 e 284.

COUTINHO, S. Galeão: 182.

CRUZ, Luiz Santa: *Jorge de Lima — Poesia — Livraria Agir Editora*, Rio de Janeiro, 1958 — “Nossos Clássicos” — (N. Cl. nº 26): 258.

CRUZ, Marques da: *in Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 25: 216.

CUNHA, Dulce Salles: *Autores Contemporâneos Brasileiros (Depoimento de uma época)*, Editora Cupolo Ltda., São Paulo, 1951: 75 e 112.

CUNHA, João Itiberê da: 311.

CUNHA, Renato: *Maldições e Crenças*, Porto Alegre, 1888: 155.

CUNHA, Tristão da: 191.

DAMASCENO, Darcy: 104 e 284.

DEBUSSY: 240.

DELFINO, Luiz: *Arcos de Triunfo*, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1940: 164.

DELFINO, Tomás: 163.

DINIZ, Almachio: *Francisco Mangabeira (criação e crítica)*, Tipografia da Escola Profissional Álvaro Batista, Rio de Janeiro, 1929: 159.

ELIA, Antônio d': 112.

EXPOSIÇÃO CASTRO ALVES — Centenário do Nascimento de Castro Alves (1847-1947), publicada pelo Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958: 118.

FÉLIX PACHECO (Dados e informações para o estudo da vida e da obra do grande brasileiro) — Publicação do “Jornal do Comercio”, Rio de Janeiro, 1952: 213.

FERNANDES, Carlos D.: 89.

FERNANDES, Francisco: *Dicionário de Verbos e Regimes*, Editora Globo, 4ª ed., 1958; *Dicionário Gramatical — Português — Editora Globo*, 1953: 75, 186, 195 e 222.

FIGUEIREDO, Jackson de: *Durval de Moraes e os Poetas de Nossa Senhora*, Edições do Centro D. Vital, Rio de Janeiro, 1925: 247 e 323.

FITTS, Dudley: 23.

FONTES, Martins: 215.

FONTOURA, Adelino: *Dispersos* (Organização, apresentação e notas de Múcio Leão), Publicação da Academia Brasileira (IV — Inédita), Rio de Janeiro, 1955: 34.

FREIRE, Ezequiel: 187.

GAMA, Marcelo: 155.

GARRETT: 293.

GAUTIER: 27.

GEORGE, Stefan: 261.

GLICÉRIO, Francisco: 125.

GÓES, Fernando: *Panorama da Poesia Brasileira*, Vol. IV — Simbolismo, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro-S. Paulo-Bahia, 1959 (Pan. IV); *Panorama da Poesia Brasileira*, Vol. V — O Pré-Modernismo, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1960 (Pan. V): 59, 79, 108, 153, 182, 184, 190, 199, 202, 206, 210, 212, 240, 248, 285, 314, 320 e 324.

GOMES, Eugênio: *Prata de Casa* (Ensaio de Literatura Brasileira), Editora A Noite, Rio de Janeiro, s.d.: 323.

GONÇALVES, Armando: *Colar de Pérolas (Poetas Fluminenses)*, "Jerônimo Silva", Casa Editora e Proprietária, Niterói, 1919: 114 e 277.

GONÇALVES, Jésus: *Flores de Outono*, Livraria Allan Kardec Editora, S. Paulo, 1948: 101.

GONÇALVES, Silva: 148.

GRIECO, Agrippino: *Evolução da Poesia Brasileira*, Livraria José Olympio Editora, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1947: 22, 158, 169, 176, 185 e 199.

GUALBERTO, Júlio Pinto (da Academia Belo-Horizontina de Letras): *O Gênio Poético de Moacir de Almeida*, Edições Academicus, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1953: 199.

GUARANÁ, Armindo: *Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano*, Edição do Estado de Sergipe, Oficinas da Empresa Gráfica Editora Paulo, Pongetti & C., Rio de Janeiro, 1925: 130 e 207.

GUILLÉN, Jorge: 26.

GUIMARAENS, Alphonsus de: 146 e 316.

GUIMARAES JÚNIOR, Luiz: 87.

GUIMARAES, Ulisses: 75.

GULLÓN, Ricardo: 26.

HERCULANO, Alexandre: 171.

HIRSCHOWICZ, Erwin: *Contemporâneos Inter-Americanos*, Editora Enciclopédia Contemporânea Inter-Americana Ltda., Rio de Janeiro, 1945: 114.

HOMENAGEM A MEMÓRIA DO CONDE AFFONSO CELSO, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Boletim do Instituto Histórico, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1939: 220.

HORTA, Francisco: *Monsenhor Horta* (esboço biográfico), Oficinas Gráficas Castelo, em S. João d'El-Rey, 1934: 66.

HOUAISS, Antônio: *Augusto dos Anjos — Poesia — Livraria Agir Editora*, Rio de Janeiro, 1960 — "Nossos Clássicos" — (N. Cl. n 46): 288.

JACOME, Gonçalo: *Inanis Labor* (Poesia), Tip. do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1928: 89.

JÚLIA, Francisca: *Poesias*, Introdução e Notas por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Conselho Estadual de Cultura — Comissão de Literatura, São Paulo: 104 e 186.

KARDEC, Allan: 28 e 252.

LAMARTINE: 267.

LEÃO, Múcio: 34.

LEMOES, Mariano: *Poetas da Academia Pernambucana de Letras (Séculos XVI a XX)*, Coletânea organizada por ML, Edição da Academia Pernambucana de Letras, Recife, 1955: 61.

LIMA, Alceu Amoroso: 41 e 267.

LINHARES, Augusto: *Coletânea de Poetas Cearenses*, Editora Minerva Ltda., Rio de Janeiro, 1952, (Col. *Poetas Cearenses*): 229 e 231.

LINHARES, Mário: *Poetas Esquecidos*, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1938; *História Literária do Ceará*, Edição da "Federação das Academias de Letras do Brasil", Rio de Janeiro, 1948: 136, 157, 229 e 300.

LINS, Alvaro (e Aurélio Buarque de Hollanda): *Roteiro Literário do Brasil e de Portugal — Antologia da Língua Portuguesa — Volumes I e II*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956 (Rot. I e Rot. II): 117, 133, 141, 170 e 175.

LINS, Ivan: 161.

LISLE, Leconte de: 25.

LOBO, Souza: 242.

LUSO, João: *Orações e Palestras*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1941: 153.

MACHADO, Alcântara: *Alocuções Acadêmicas*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1941: 292.

MACHADO, Antônio Carlos: *Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses*, Editora Minerva Ltda., Rio de Janeiro, 1952 (Col. *Poetas Sul-Riograndenses*): 154, 155, 166, 181, 193, 218, 236 e 297.

MAGALHÃES, Adelino: 218.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. (da Academia Brasileira): *Antologia de Humorismo e Sátira — De Gregório de Matos a Vão Gôgo — Editora Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro-São Paulo-Bahia, 1957: 196.

MAGALHÃES, Valentim: 104.

MAIA, Inês Sabino Pinho: *Impressões, Versos*, 2ª Série, Tipografia Apolo, Pernambuco, 1887: 168.

MALLARMÉ: 261 e 267.

MARTINS, Oliveira: 132.

MEIRELES, Teles de: Veja PERES JÚNIOR.

MELO, Luís Correia de: *Dicionário de Autores Paulistas*, Comissão do IV Centenário da Cidade de S. Paulo (Serviço de Comemorações Culturais), S. Paulo, 1954: 53, 64, 75, 112, 125, 152, 186 e 195.

MELO (filho), Osvaldo Ferreira de: *Introdução à História da Literatura Catarinense*, Faculdade Catarinense de Filosofia, Florianópolis, 1958: 205 e 206.

MENDONÇA, Lúcio de: 31.

MENEZES, Adolfo Bezerra de: 234.

MENEZES, Castro: 178.

MENEZES, Emílio de: 157.

MENEZES, Raimundo de: *Emílio de Menezes, o último boêmio*, Edição Saraiva, 2ª ed. refundida, São Paulo, 1949: 177.

MILANO, Atilio: 199.

MILLIET, Sérgio: 19.

MIRANDA, Veiga: 64.

MONIZ, Edmundo: 199.

MONTEIRO, Adolfo Casais: *Antero de Quental — Poesia e Prosa* — Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1957 — “Nossos Clássicos” — (N. Cl. nº 6): 132.

MONTEIRO, Exuperio: *Tobias Barreto (o poeta)*, Imprensa Oficial, Aracaju, 1939: 129.

MONTENEGRO, Braga: *José Albano — Poesia* — Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1958 — “Nossos Clássicos” — (N. Cl. nº 30): 190 e 191.

MONTENEGRO, Fábio: *Flâmulas*, Tip. Aurora, Rio, 1925: 182.

MONTENEGRO, Hostílio: 266.

MORAIS, Dr. Jerônimo de: *Discurso pronunciado na sessão cívica em comemoração ao 24º aniversário da morte de Félix de Bulhões*. — Em 24 de Março de 1911, no Teatro S. Joaquim, Goiás, Tip. Progredior, 1911: 126.

MOREIRA, Álvaro: 42.

MOTA, Artur: 34.

MOURA, Enéas de: *Coletânea de Poetas Paulistas*, Editora Minerva Ltda., Rio de Janeiro, 1951 (*Col. Poetas Paulistas*): 92.

MUNSTER, Filadelfo Edmundo: 186.

MURAT, Luís: 313.

MURICY, Andrade: *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, Revisão crítica e organização da Bibliografia por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Vol. I, II e III, Departamento da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1952: 20, 51, 59, 87, 89, 114, 153, 203, 205, 209, 241, 261, 262, 311, 318 e 319.

NASCENTES, Antenor: 292.

NETO, Soriano: “Martins Júnior, grande figura da Escola do Recife” (I), *Jornal do Commercio*, 19 de Março de 1961: 162.

NEVES, Fernão: 34.

OCTAVIO FILHO, Rodrigo: 220; *Mário Pederneiras — Poesia* — Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1958 — “Nossos Clássicos” — (N. Cl. nº 29): 42 e 90.

OLINTO, Antônio: 200.

OLIVEIRA, Alberto de: 41.

OLIVEIRA, Américo de: 158.

OLIVEIRA, D. Martins de: 200.

OLIVEIRA, Lola de: *Minha Mãe!*, Editora Gráfica Laemmert Limitada, Rio de Janeiro, s.d.: 296.

OLIVEIRA, Mendes de: 316.

PACHECO, Assis: 152.

PALÁCIOS, Arsênio (e Mário Júlio Silva): *Antologia de Poetas Paulistas* (1ª Série), Editora Piratininga S. A., S. Paulo, 1933: 63 e 64.

PASCAL: *Pensamentos*, Trad. de Sérgio Milliet, Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1957: 19.

PASSOS, Guimarães: 176.

PEIXOTO, Afrânio: *Panorama da Literatura Brasileira*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940: 266.

PERES JÚNIOR: *Tagarela*, Semanário humorístico, Direção de PJ, Ano II, Rio de Janeiro, 26 de Março de 1903, nº 57: 156.

PERNETA, Emiliano: 187.

PERO NETO: *Xangô e outros Poemas*, Arcadas, Ed. do Centro Acadêmico “XI de Agosto”, 1938: 75.

PICCHIA, Menotti del: 75.

PIMENTEL, Osmar: 75.

PINTO, Luiz: *Caderno de Poetas Brasileiros*, Ed. Minerva Ltda., Rio de Janeiro, 1949; *Antologia da Paraíba*, Editora Minerva Ltda., Rio de Janeiro, 1951; *Coletânea de Poetas Paraibanos*, Edições Minerva, 1953 (*Col. Poetas Paraibanos*): 81, 249 e 250.

PIZA, Moacir: *Vespeira*, Editora: Livraria Santos, São Paulo, 1923: 195.

PORTELLA, Eduardo: *Dimensões II* (Crítica Literária), Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1959: 26 e 256.

PORTO, Samuel: 212.

PROENÇA, M. Cavalcanti: *Ritmo e Poesia*, Edição da “Organização Simões”, Rio de Janeiro, 1955: 177, 191, 265 e 288.

QUEIRÓS, Eça de: 132.

QUENTAL, Antero de: 284.

QUINTÃO, Manuel: 49 e 277.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva: *Panorama da Poesia Brasileira*, Vol. III — Parnasianismo, Editora Civilização Brasileira S. A., Rio de Janeiro-S. Paulo-Bahia, 1959 (*Pan. III*): 104, 105, 145, 170, 185 e 272.

REFORMADOR: Ano 1904, pág. 175; Ano 1914, págs. 372 - 373: 276.

REIS, Antônio Simões dos: *Narcisa Amália*, Organizações Simões, Rio, 1949: 289.

REMÉDIOS, Mendes dos: *História da Literatura Portuguesa*, F. França Amado — Editor, Coimbra, 1914 (*Hist. Lit. Port.*): 138, 140 e 171.

REPUBLICANO, Assis: 152.

REZENDE, Edgard: *Os Mais Belos Sonetos Brasileiros*, Liv. Freitas Bastos, S. A., Rio de Janeiro-S. Paulo, 1956 (*Os Mais...*): 80, 156, 157, 177, 179 e 243.

RIBEIRO, João: 174 e 185.

RICARDO, Cassiano: 75.

RIO, João do: 178.

RODRIGO JÚNIOR e ALCIBIADES PLAISANT: *Antologia Paraense*, tomo primeiro (Poesia), Editora Livraria Mundial — Franca & Cia. Ltda., Curitiba, 1938: 203.

ROSSETTI, Dante Gabriel: 240.

SALLES, Fritz Teixeira de: *Novos Rumos da Poesia*, in “Diário de Minas”, 22 de Janeiro de 1956: 27.

SAMPAIO, Moreira: 152.
 SANTOS, Florêncio: *in Jornal do Commercio* de 28 de Outubro de 1962: 224.
 SAVARD, Eugênio: *Asas (poesias)*, Tip. da Companhia Lito-Tipográfica, Rio de Janeiro, 1903: 148 e 149.
 SCHMIDT, Afonso: 53.
 SILVA, A. J. Pereira da: *Beatitudes*, Livraria Leite Ribeiro & Maurillo, Rio de Janeiro, 1919: 313.
 SILVA, Domingos Carvalho da: *Vozes Femininas da Poesia Brasileira*, Coleção Ensaio, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, S. Paulo, 1959: 167 e 267.
 SILVA, João Pinto da: *História Literária do Rio Grande do Sul* (Premiada pela Academia Brasileira de Letras), 2ª ed., Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1930: 35, 107, 108, 180 e 227.
 SILVA, Mário Júlio: Veja PALÁCIOS, Arsênio.
 SILVEIRA, Sousa da: *Lições de Português*, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 6ª ed., 1960 (L.); *Trechos Seletos*, 6ª edição, F. Briguiet & Cia., Editores, Rio de Janeiro, 1961: 110, 292 e 293.
 SIMÕES, João Gaspar: *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Vol. I, Direção, Prefácio e Notas Bibliográficas de JGS, Edições Atica, Lisboa, 1947: 171.
 SOBRINHO, Velho: 34.
 SODRÊ, Néelson Werneck: *História da Literatura Brasileira — Seus Fundamentos Econômicos*, Livraria José Olympio Editora, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1960: 158.
 SOUZA, Cruz e: *Poesias Completas*, com Introdução de Tasso da Silveira, Livraria Editora Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944: 50, 89, 205, 209, 263 e 264.
 SOUZA, Leal de: 235.
 SPITZER, Leo: 58.
 TÁCITO, Hilário: 195.
 TEÓFILO, Artur: *in O Pão*, 15 de Outubro de 1895: 136 e 137.
 TIMPONI, Miguel: *A Psicografia Ante os Tribunais*, Federação Espírita Brasileira, 4ª ed., 1961: 25 e 27.
 TOLEDO, Demétrio: 152.
 TORRES, Antônio: 284.
 TORRES, Artur de Almeida: *Poetas de Resende*, Imprensa Estadual, Divisão de Obras, Niterói, 1949: 289.
 TROVÃO, Lopes: 33.
 VARZEA, Virgílio: 261.
 VAZ, G. M. Coelho: *Vultos Catalanos* (Coletânea Literária), Catalão, impresso pela Editora Gráfica "Zebu", de Uberaba, Minas, 1959: 44 e 68.
 VEIGA, Artur: 237.
 VEIGA, Joffre Martins: *Antologia Caipira — Prosa e Poesia de Cornélio Pires — Edições "O Livreiro" Ltda.*, São Paulo, 1960 (*Antol. Caipira*): 326 e 328.
 VEIGA NETTO: *Antologia Goiana*, tomo I, Edição da "Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos", Prefeitura Municipal de Goiânia, impresso pela Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" de S. Paulo, 1944: 43, 57 e 127.

VELLOZO, Dario: *Cinerário*, Livraria Mundial, França & Cia. Ltda., Curitiba, 1929: 311.
 VERDE, Cesário: 288.
 VERÍSSIMO, José: 105.
 VERLAINE: 267.
 VIEIRA, Waldo: 24, 45, 115, 259, 277, 331, 333 e 335.
 VILELA, Iracema Guimarães: *Luiz Guimarães Júnior*, Ensaio bio-bibliográfico, Publicação da Academia Brasileira, Oficina Industrial Gráfica, Rio de Janeiro, 1934: 144.
 VITORINO, Eduardo: 152.
 WAMOSY, Alceu: *Poesias*, com prefácio de Mansueto Bernardi, Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, 2ª ed., 1925: 192.
 WERNECK, Eugênio: *Antologia Brasileira* (Coletânea em Prosa e Verso de Escritores Nacionais), 16ª ed., Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1934 (*Antol. Bras.*): 105, 175 e 176.
 XAVIER, Francisco Cândido: 20, 24, 29, 139, 259, 277, 331, 333 e 335.



FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER e WALDO VIEIRA

Evolução em Dois Mundos

(2ª edição)

Impossível se nos torna apresentar um resumo desse grandioso livro mediúnico, em razão de serem múltiplos e complexos os assuntos de que trata o ex-médico da Terra — *André Luiz*. Se muitos dos temas se prendem ao presente em que vivemos, outros há que só poderão ser devidamente assimilados pelas gerações futuras.

Com base nas ciências químicas e biológicas, e à luz dos conhecimentos hauridos na Espiritualidade, o Autor estuda a evolução orgânica e espiritual do ser humano, através dos evos sem conto, em tudo destacando a ação orientadora de elevadíssimos Auxiliares diretos de um Arquiteto Supremo.

LÉON DENIS

O Problema do Ser, do Destino e da Dor

(8ª edição)

Que somos? de onde viemos? para onde vamos? Porque o sofrimento? — Eis os problemas que sempre inquietaram a mente humana e que o magistral escritor francês ventila com clareza, lógica e precisão, descerrando, em 400 páginas, amplos e confortadores horizontes à Humanidade sofredora.

Provas irretorquíveis e documentação vastíssima, entremeadas de inteligentes análises, ponderações e arazoados do Autor, exuberantemente demonstram que a tese da sobrevivência da alma e a da reencarnação, com todas as suas consequências individuais e coletivas, solucionam o milenar e angustiante "problema".

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Crônicas de Além-Túmulo

(6ª edição)

Quem ainda não leu estas crônicas "do outro mundo", não sabe o que está perdendo. São bons-bocados literários cujo conteúdo desperta fino prazer intelectual e espiritual.

O popularíssimo cronista — *Humberto de Campos* — oferta do Além, às criaturas encarnadas, suas novas páginas, com aquele mesmo feitio estilístico e cultural e aquela mesma forma encantadora que fizeram a glória do escritor e a delícia dos seus incontáveis admiradores.

Foi a primeira obra ditada pelo brilhante acadêmico ao médium F. C. Xavier, e há muito se acha traduzida e publicada em castelhano.

CÉSAR LOMBROSO

Hipnotismo e Mediunidade

(1ª edição)

Sábio psiquiatra e criminologista italiano, Lombroso é o autor da obra "*Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici*", apresentada em esmerada tradução portuguesa sob o título acima.

Numerosas observações e experiências realizadas por ele e outros sábios europeus, durante muitos e muitos anos de investigação, principalmente com a extraordinária médium napolitana — Eusápia Paladino, erigiram esse monumento de 435 páginas, que atesta a realidade inofismável das manifestações mediúnicas, cujo conjunto resiste aos ataques da mais severa dúvida.

SYLVIO BRITO SOARES

Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo

(1ª edição)

Trabalho de erudição e paciência, resultante de longas e afanosas pesquisas, encerra, de maneira condensada, magníficos estudos em torno de 50 grandes vultos da Humanidade, inclusive nacionais.

Com fatos reais, a positivarem a eclosão de reminiscências de vidas passadas ou de mediunidade nos homens de gênio, é livro que encantaré até mesmo os não espíritas, até mesmo, podemos afirmar, os que se dizem materialistas.

O Autor precisou ler quase uma centena de obras especializadas sobre cada uma das personalidades, extraindo o que havia de mais curioso para o seu objetivo.

ERNESTO BOZZANO

Animismo ou Espiritismo?

(2ª edição)

Qual dos dois explica o conjunto dos fatos?

O grande sábio e filósofo Prof. Bozzano, numa prodigiosa síntese de sua obra de 40 anos, responde àquela pergunta de modo esmagador, não deixando de pé uma única das múltiplas hipóteses que os opugnadores de teoria espírita têm continuamente engendrado para infirmá-la.

O eminente pensador italiano demonstra exaustivamente que os fenômenos anímicos, em vez de invalidarem a "hipótese" espírita, facultam ao homem a prova mais solene e incontestável da sobrevivência, ou seja, "o Animismo prova o Espiritismo", e ambos são efeito de uma causa única — o Espírito.

Miguel Timponi

A PSICOGRAFIA ANTE OS TRIBUNAIS

(4ª edição)

São 408 páginas de composição compacta, nas quais, em defesa da Federação Espírita Brasileira e da mediunidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier, o ilustre advogado Dr. Miguel Timponi reuniu brilhante documentação sob três aspectos: jurídico, científico e literário.

Foram incluídas no livro muitas reportagens, crônicas e entrevistas feitas em torno do célebre "caso Humberto de Campos", publicadas na Imprensa de todo o País, e que trouxeram para o debate público preciosos esclarecimentos.

Francisco C. Xavier

HÁ DOIS MIL ANOS...

(8ª edição)

Este monumental romance, que já mereceu traduzido para o Castelhano e o Esperanto, descreve a existência terrena do seu autor espiritual — Emmanuel — como patricio romano ao tempo do imperador Tibério, de quem fora legado na Palestina.

De inegável valor litero-doutrinário, o livro revive admiravelmente a Roma dos Césares, os acontecimentos ligados à crucificação de Jesus, o martírio dos primeiros cristãos, o nefando reinado de Nero, a destruição de Jerusalém e Pompeia, além de inúmeros outros fatos de um passado histórico de há dois mil anos, conhecido pelos seus esplendores materiais e pelas suas misérias morais.

Francisco Cândido Xavier

PARNASO DE ALÉM-TÚMULO

(7.^a edição)

É esta a primeira obra poética recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, e que, ao seu aparecimento, despertou comentários e opiniões divergentes de abalizados críticos.

Nela se depara rica coletânea de composições, que deleitarão o espírito do leitor, pela variedade dos temas e dos ritmos, pela perfeição da métrica e, sobretudo, pela espontaneidade e superior inspiração.

São cinquenta poetas que ressurgem do túmulo e que vêm, através de suas estrofes, identificar-se e fornecer, assim, uma das provas mais robustas em favor da sobrevivência.

Impresso em papel de primeira qualidade, com dezenas de clichês e capa em tricromia, é, de fato, um belo livro, de conteúdo edificante e consolador.